

Maria Lacerda de Moura

Renovação

« A ideia que conduz
Nas entranhas de bronze o espirito da luz,
Esmagando os reptis, sorrindo aos exorcismos,
Transpõe como um leão as curvas dos abysmos,
Imprimindo na treva um sulco flammejante.
Quando encontra um chacal, esmaga-o, passa adeante,
Porque para suster a marcha á liberdade
Não existe poder, nem carcere, nem grade,
Nem vèlhas tradições, nem velhos pretorianos :

E' uma ideia que cae do alto de seis mil annos.

Até que toda a alma e todo o peito humano
Seja um ninho de luz e seja um vaticano
D'amor universal.»

.....
GUERRA JUNQUEIRO



IMP. ATHENE—Avenida João Pinheiro, 211

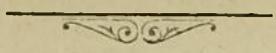
BELLO HORIZONTE

— 1919 —

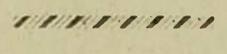
R. B. ROSENTHAL
LIVROS
Lisboa 2 — Portugal

1911/29
hjo

MARIA LACERDA DE MOURA



Renovação



«... A Ideia que conduz
Nas entranhas de bronze o espirito da luz,
Esmagando os reptis, sorrindo aos exorcismos.
Transpõe como um leão as curvas dos abysmos,
Imprimindo na treva um sulco flammejante.
Quando encontra um chacal, esmaga-o, passa adeante,
Porque para suster a marcha à liberdade
Não existe poder, nem carcere, nem grade,
Nem velhas tradições, nem velhos pretorianos :

E' uma ideia que cae do alto de seis mil annos.

.

Até que toda a alma e todo o peito humano
Seja um ninho de luz e seja um vaticano
D'amor universal.»

.

GUERRA JUNQUEIRO



TYP. ATHENE

Avenida João Pinheiro, 211

BELLO HORIZONTE

1919

DA AUTORA

Em torno da educação—1918
Porque vence o Porvir? (Conferencia—ex-
gotada) 1919

A PUBLICAR:

Lições de Pedagogia
Historia da Pedagogia Feminina

Maria Lacerda de Moura



Todos os exemplares levam a assignatura da autora.



A. Mayr Garcia

Anna Maulana

94

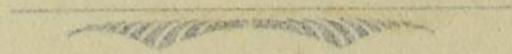
DA AUTORA

Em torno da educação—1918
Porque vence o Peru? (Conferencia—ex-
gotada) 1919

A PUBLICAR:

Lições de Pedagogia
Historia da Pedagogia Feminina

Maria Lacerda de Moura



Todos os exemplares levam a assignatura da autora.



A. Mayer Garcia

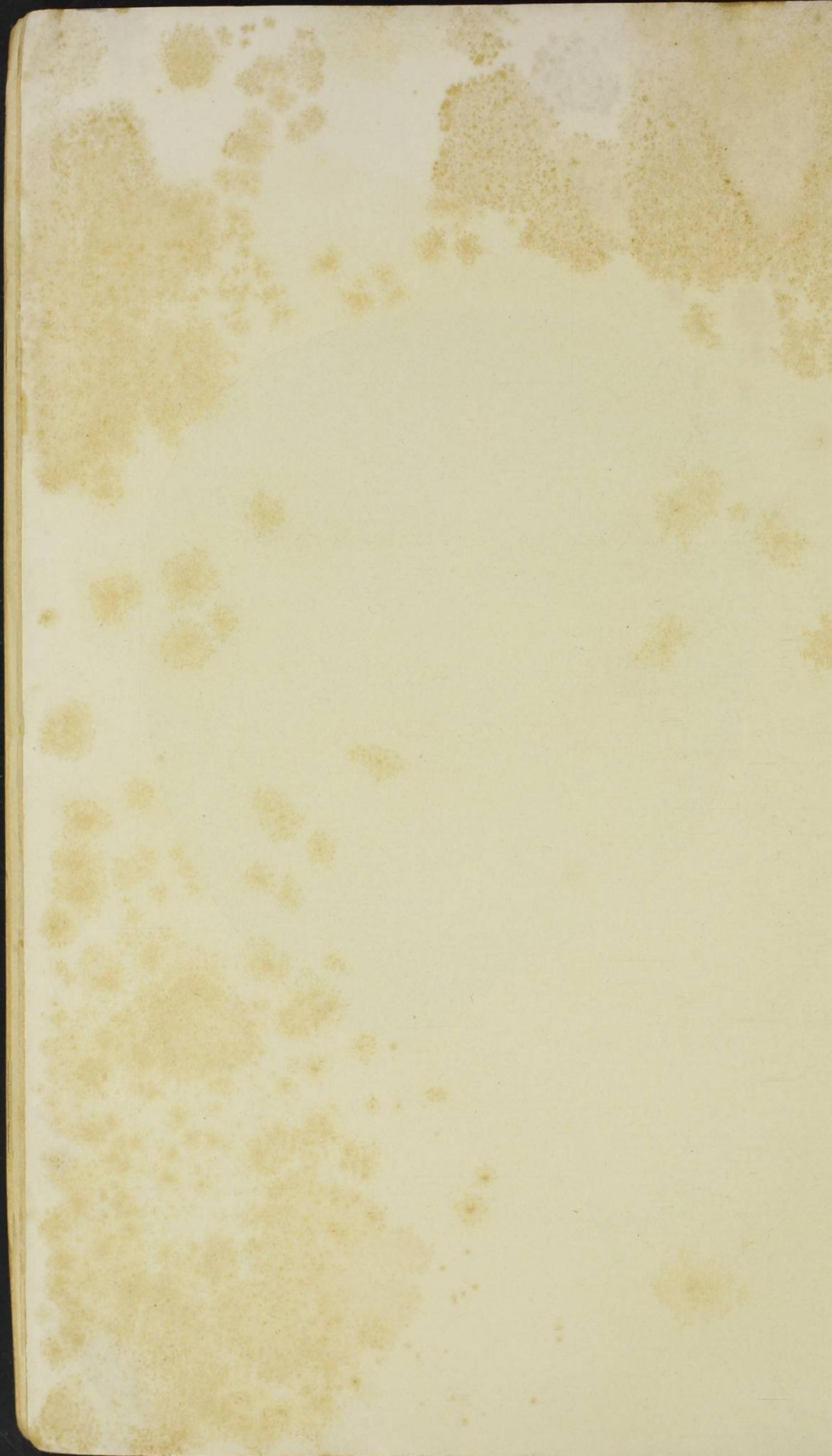
Anna Karolina

94.

M. L. Moura

Barbacena - Minas

6/16/1-11-1919



*Tu que tanto me animaste no decorrer
desta obra...*

*Resignada e bôa, cujos olhos se enchiam
de pranto ao ouvir a leitura destas paginas...*

*Aceita, ó Mãe, a homenagem maxima do
meu amôr filial.*

*E' o mais carinhoso beijo que te posso
dar.*

Les deux premiers chapitres
de l'ouvrage sont consacrés
à l'histoire de la France
et de son territoire.

Le troisième chapitre
est consacré à l'histoire
de la langue française.

Le quatrième chapitre
est consacré à l'histoire
de la littérature française.

Le cinquième chapitre
est consacré à l'histoire
de la philosophie française.

*Aos meus filhinhos adoptivos—nascidos
da maternidade espiritual do meu ser, da
necessidade que sente o coração feminino de
transbordar o seu affecto em outros affectos,*

á Carminda

para que saiba educar os filhos se os tiver,

ao Jair

*que, como os corredores da lenda, tomará,
por sua vez, o facho sagrado e o transporá a
uma longa distancia passando-o a mais al-
guem que surgir, no futuro— para a RE-
NOVAÇÃO.*

Mots de mon Paise

Le dictionnaire est un ouvrage qui sert à expliquer les mots d'une langue, et à en donner la signification. Il est nécessaire de classer les mots par ordre alphabétique, et de les expliquer avec précision. On ne peut pas se dispenser de donner la prononciation de chaque mot, et de le traduire dans la langue française. C'est ce que l'on appelle un dictionnaire étymologique. On ne peut pas non plus se dispenser de donner la signification de chaque mot, et de le traduire dans la langue française. C'est ce que l'on appelle un dictionnaire de synonymes. On ne peut pas enfin se dispenser de donner la signification de chaque mot, et de le traduire dans la langue française. C'est ce que l'on appelle un dictionnaire de contraires.

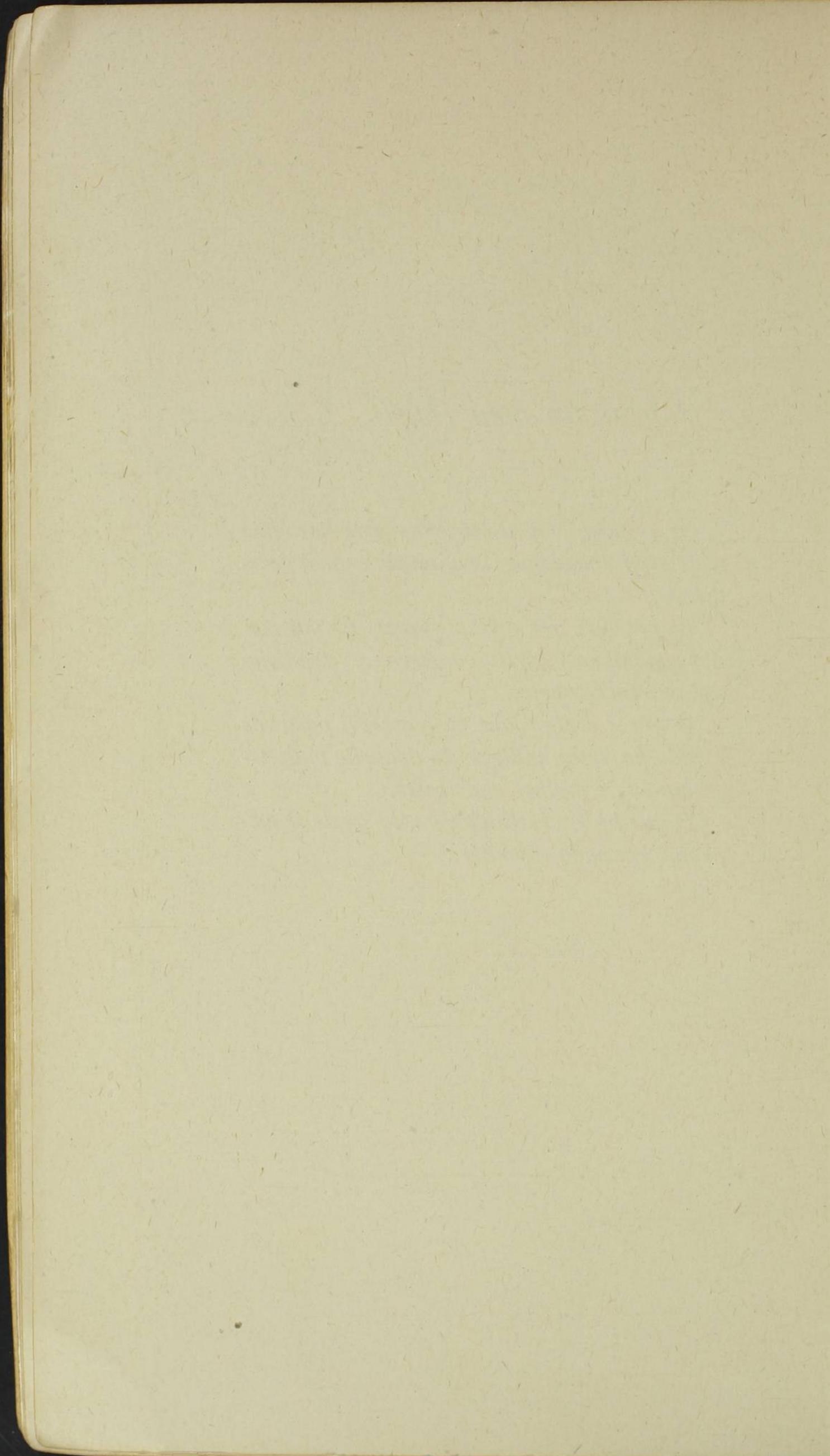
Moças do meu País:

Se alguém vos dissér que este-livro não póde ser folheado por uma menina—não acrediteis.

E' possível que o classifiquem de mil modos segundo o espirito conservador, tradicional ou reaccionario.

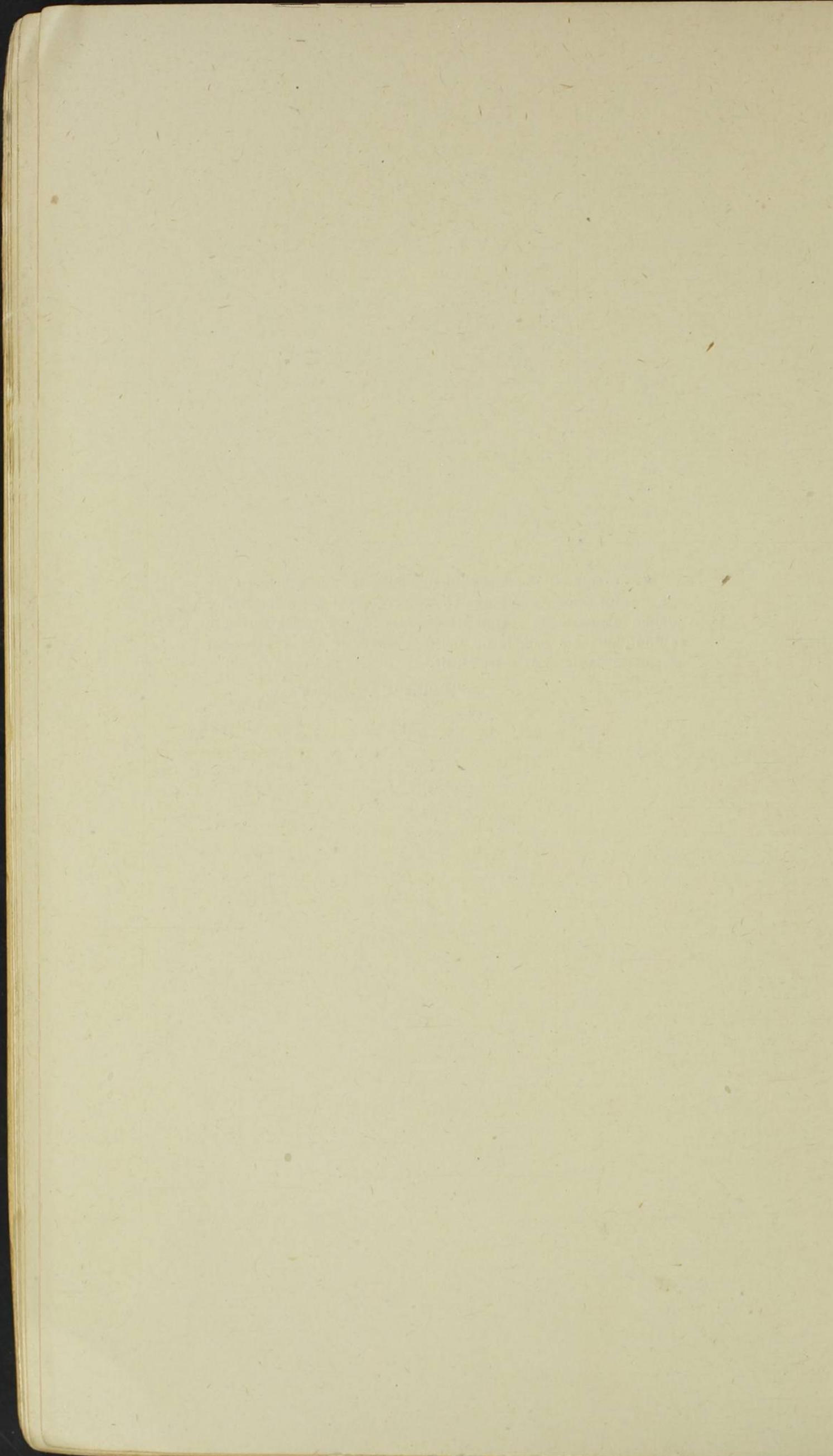
O que é certo é que eu o escrevi para vós e nada ha, aqui, indigno da donzella mais ingenua ou da mulher mais casta.

O que ha é a verdade e muita gente se empenha em no-la escondêr.



«...Que si je prends quelquefois le ton affirmatif, ce n'est point pour en imposer au lecteur; c'est pour lui parler comme je pense. Pourquoi proposerais-je par forme de doute ce dont, quant à moi, je ne doute point? Je dis exactement ce qui se passe dans mon esprit.»

—“ÉMILE”—J. J. ROUSSEAU.



Prefácio

A razão deste livro é simples :

Estudei sozinha. Eu mesma me indicava os autores que devia lêr. Conheci-os, uns através dos outros.

E lia tudo: livros de philosophia, logica, pedagogia, psychologia, moral, etc, etc, — procurando interpretar.

Que somma de prazeres intensos !

Paginas e paginas eu devorava avidamente.

E minh'alma se extasiava ante tantas maravilhas e sentia turbamentos, arroubos indescriveis.

Quando julgava interpretar uma pagina ardente de Rousseau, um pensamento excelso de Platão, uma theoria de Spencer, quando sentia a philosophia de Guerra Junqueiro, o amôr de Tolstoi ou de Kropotkine, a poesia de Gœthe,—as lagrimas quase me banhavam o rosto e, prosegua enlevada.

Conheci a fascinação deslumbradora das primeiras leituras.

Extasiada deante de um Socrates, arrebatada pela figura de Marco Aurelio, com a alma de joelhos ante a vida augusta de Pestalozzi eu percorria as folhas da historia e vivi mergulhada em todas as epocas.

Sonhei muito. E meditei.

Meu pensamento voava contemplando, maravilhado, extactico, gerações inteiras.

Acordei na Persia, no Egypto, na Grecia, em Roma...

A historia da civilização, as conquistas da intelligencia, as paginas dos grandes educadores assombraram-me.

Lia e sonhava.

Quizéra desprender-me de mim mesma...

Uma sêde intensa de saber apoderou-se inteiramente de mim.

Quanto mais lia mais me sentia pequenina porém com maiores forças para a grande conquista.

Compreendi a grande necessidade de educar o meu espirito, aprendi a lêr, a armazenar os conhecimentos adquiridos, a arrostar com as difficuldades que me appareciam a cada momento.

Finalmente senti que renascia de mim mesma.

E tive pena das mulheres que não lêem.

Um grande amôr, um immenso amôr foi crescendo em meu peito e tive desejos de me expandir.

Uma necessidade imperiosa do meu sêr mandava que eu mostrasse á mulher patricia que, aqui mesmo onde vivemos, ha um mundo nôvo, desconhecido de nós mulheres, um mundo de felicidades estranhas, indefinidas, delicadas,—o mundo dos livros bons que nos ensinam a viver *vida intensa*, a ser util, a derramar a *flux*—idéas nôvas, desejos de uma existencia de trabalho proficuo, attraente.

E sommei as horas que as moças levam a bordar lenços, a fazer camisas custosas, a confeccionar blusas complicadas, exclusivamente para se darem ao luxo de perder tempo!

Vi como estamos longe de compreender a razão da vida.

E o trabalho intellectual é a maior fonte de prazeres intensos, duradouros, honestos.

Tive pena ao pensar no descuido que os homens mostram pela educação do povo.

Um pesar profundo apoderou-se de mim quando vi a mulher — tão ingenua — acreditando na felicidade que o homem lhe offereceu...

E minh'alma queria extravasar-se do meu pobre seio...

Preocupe-me com um livro fôrte e util.

Nem esboçára o meu plano nem compreendera nitidamente qual o programma a seguir.

Vieram as criticas ao *Em torno da Educação*.

Colhi os primeiros applausos e os primeiros espinhos.

Admirei ainda mais o animo valoroso de todos os escriptores que melhor souberam ser vigorosos, leaes e verdadeiros.

Vi que era preciso um novo plano na ordem das minhas publicações: esperam de mim um livro nos môl-des do que eu idealizára.

Dei um balanço nas minhas concepções. Procurei lêr o que me faltava para pôr em ordem as idéas nóvas e formulei meu programma, estimulada pelas apreciações de José Oiticica, Veiga Miranda e Belmiro Braga.

Analysando o baptismo do meu livro de estreia—ensaio cujos applausos ecoaram muito além da minha expectativa,—observei os pontos vulneraveis dos primeiros arroubos dos nóvos.

E observando a minha propria psychologia sinto que estou longe dos primeiros passos de hontem.

A natureza é sobria: vae dando aos poucos para melhor se fazer sentir, para melhor se fazer gozar.

E, se alguém achar que ha contradicções entre as idéas precedentes e as de hoje, sem ter a pretenção de comparar, responderei com Victor Hugo: *J'ai grandi!*

Todos crescem e tudo evoluciona sem haver contradicções.

Não se despojam os passaros das velhas pennas para encobrir-se de novo no arminho sedôso de um vestuario mais formôso e quente?

As nossas cellulas não se substituem para nos dar vida ?

As grandes arvores como as pequenas nascem, crescem, perdem as folhas, renascem em rebentos que

dão flores e fructos. Depois, de novo despojam-se das folhas e parece que vão mirrar.

E quando ninguem espera irrompem as madrugadas vêrdes, revigoram-se os tenros brótos e, na primavera vêm as flores e no outomno os fructos.

Os grandes da intelligencia, os sabios, os philosophos, os moralistas cultivam a arvore do saber.

E ella cresce por seu influxo e após, enfeitam-na, alargam a sua cópa que facilita sombra aos cultivadores das letras.

Outros, — os artistas, os poetas — cobrem-na de flores.

Os realistas, os praticos da intelligencia, os philanthropos, os bons, os uteis—fazem multiplicar os fructos.

Em todas as estações alguem ajunta áquelle quadro—uma folha, um rebento, um fructo ou uma flôr.

E ha tambem quem lhe tente cortar os galhos...

E apparecem monstruosidades, flores prematuras, fructos temporões e até mesmo os histriões, as imitações ou o mimismo dos sabios.

E a obra cresce a medida que nóvas florescencias e nóvos rebentos nascem dos velhos.

Tudo se vae transformando, augmentando até que, de muito gasta e cançada, a velha arvore sécca, dando um resto de seiva para nutrir uma raiz da qual, mais adeante vae surgir nóva arvore que, em pouco, tornar-se-á frondósa, cheia de viço, frescura, mocidade e vigor.

Assim a vida, assim a arte, a sciencia, a philosophia...

.....

Desde Kant é discutido o primado da vontade sobre a intelligencia. Schopenhauer fez desse primado a base dos seus estudos metaphysicos. Collocou a vontade como o phenomeno principal do *eu*. Schopenhauer diz que o intellecto fornece a musica porém é a vontade que faz a dança. Não ha duvida, entretanto, a dança obedece ao compasso e ao rythmo da musica. Se o intellecto não tiver a *clarividencia moral* de que fala Dubois, a vontade agirá inconscientemente.

Sollier tambem é contra o primado da vontade sobre a intelligencia, vê nisso um absurdo.

Desse primado saíram—o super-homem de Nietzsche e a vontade de dominio ou o imperialismo de Seilliere.

Predominio da força, do poder, do egoismo—eis a tendencia dessa escola philosophica, eis o seu ideal.

Dubois, mais moralista que propriamente philosopho, colloca a *faculdade de comprehensão* acima da vontade dizendo que, sendo a vontade *um poder cego* faz-nos agir segundo as ordens do entendimento.

Quer a educação para a clarividencia moral afim de que a vontade se fortifique e produza acções moraes.

Fala da *intelligencia moral* adquirida pela educação e nunca pela vontade.

Sendo a vontade «a consciencia de uma necessidade» claro está que as faculdades da consciencia ou do entendimento devem ser desenvolvidas de modo a ter clarividencia moral.

Do contrario resultam as oscillações da vontade, a dubieza, a tibieza de character, as incertezas, indecisões, etc.

Farias Brito deduz desse primado acceito e discutido por Schopenhauer o seu pessimismo: a vontade é privação, diz elle, desejo, esforço—logo sofrimento, e, Schopenhauer accitou-a como substancia, como ser, como o *eu* real, quando ella é uma manifestação, um phenomeno, um estado.

E' effeito e não causa.

Sem duvida a vontade precisa agir, sem duvida devemos desenvolver em nós a acção, a energia, o esforço, o desejo de progresso, a individualidade ou personalidade emfim.

Nada disso se consegue conscientemente ou não seremos senão voluntarios, autoritarios enquanto não tivermos clarividencia moral.

E' necessario agir, é preciso querer, porém, que é que devemos querer pergunta o nosso entendimento

ou a nossa consciencia, na accepção empregada por Binet.

A razão deve guiar a vontade e a razão está no entendimento e não na propria acção.

Nos meus modestos e insignificantes trabalhos muito tenho exaltado a educação da vontade — como todos os educadores, optimistas, idealistas, medicos dos tempos modernos.

E continuo a exalta-la ao receber mais uma pequenina faúlha na minha clarividencia moral, luz que me fez compreender que a razão, o entendimento ou consciencia—guia a vontade esclarecendo-a, creando e fortificando o subjectivo ou o inconsciente da intelligencia moral.

Precisamos, antes de tudo, aclarar o nosso entendimento.

Falta-nos a instrucção. A mulher continua ignorando. Não temos literatura feminina.

A brasileira não lê.

E é preciso que ella saiba que o homem não a libertará e: *«só a mulher libertidade pólibertar o homem»*

Faz-se mister divulgar a instrucção sólida, a verdadeira instrucção. E' necessario que a mulher occupe o lugar que lhe é reservado, de justiça, entre os homens.

Que ella tome o seu posto de igual ante os direitos, de companheira nas alegrias: tem sido superior nas dores, nos sacrificios, no altruismo.

Que ella o saiba, que o sinta, que o pregue, que o faça pregar. Se o não fizer será a eterna escrava que se accorrenta pelas proprias mãos—o homem não se lembrará que a sua companheira antevê um futuro melhor numa sociedade mais pura porquanto elle mesmo não sentiu, por emquanto, a possibilidade dessa grande *Renovação*.

Os preconceitos, as tradições, a educação transmitidas pelas gerações successivas—cegam-nos.

O homem não é um ser emancipado e ao seu egoismo não convem a emancipação feminina.

E' indispensavel que a mulher trabalhe pela mulher.

E' preciso, sobretudo, que ella se instrúa e que divulgue as leituras fórtes e uteis fazendo comprehender que somos uma poderosa e formidavel energia no grande contingente das energias sociaes.

Diz um proverbio chinês: por uma mulher que vive na ociosidade morre de fome um individuo.

Se alguém se incumbisse dessa estatística...

Nós outras, sugamos o trabalho alheio. Somos como os zangãos de que falla o moralista—colhemos e não produzimos. A culpa maior cabe ao homem.

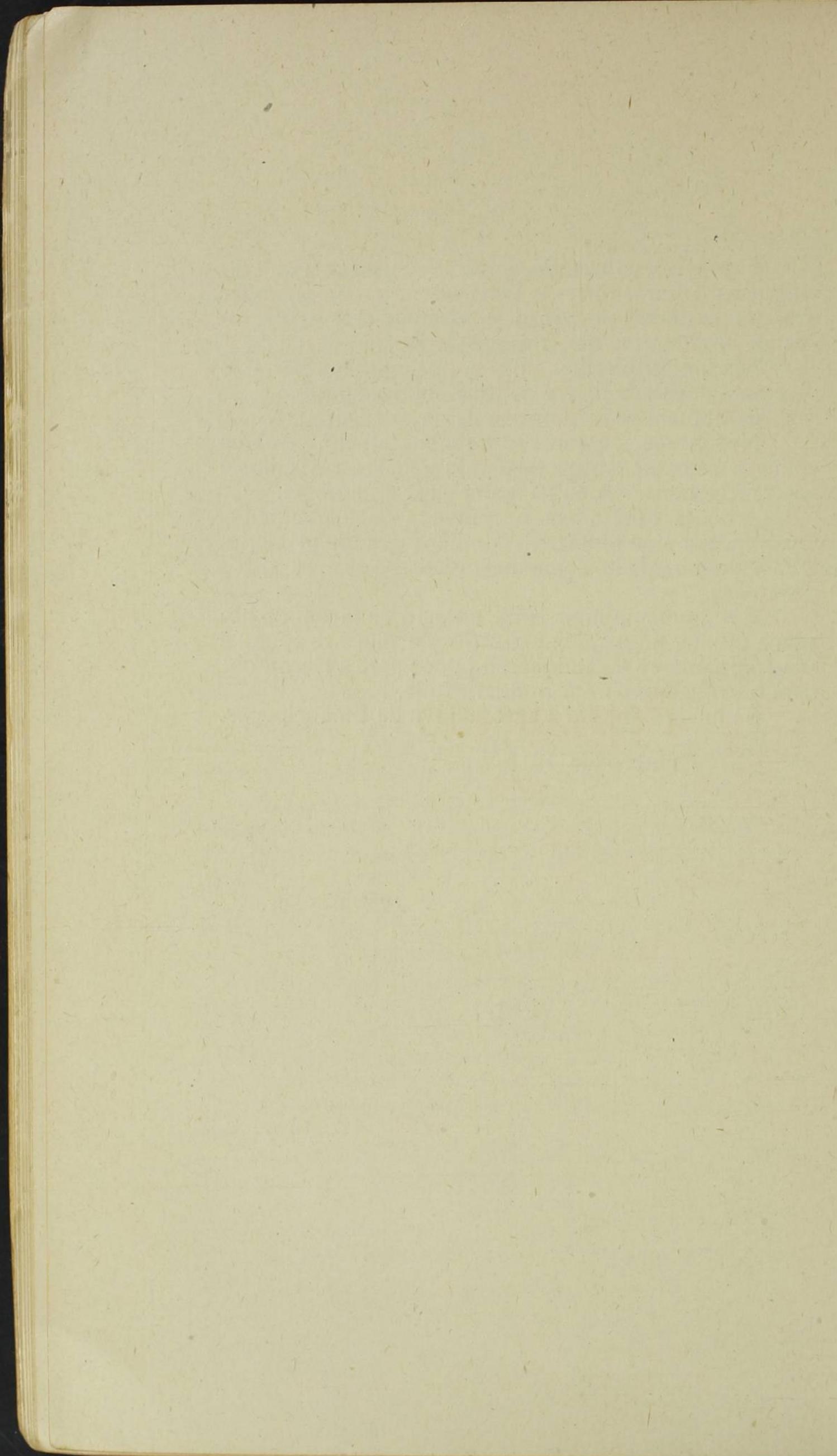
A nossa ignorancia é cultivada calculadamente. Quando, por si, a mulher desvendar o grande mysterio, toda a humanidade será emancipada pelas suas mãos generosas.

E o homem, mais feliz, entoará canticos de hosanna (numa linguagem mais doce e mais racional) á sua companheira e caminharão juntos para a Harmonia, para o Trabalho, para a Solidariedade.

Seductôra, fulgirá a aurora nóva da Emancipação.

Outubro de 1918



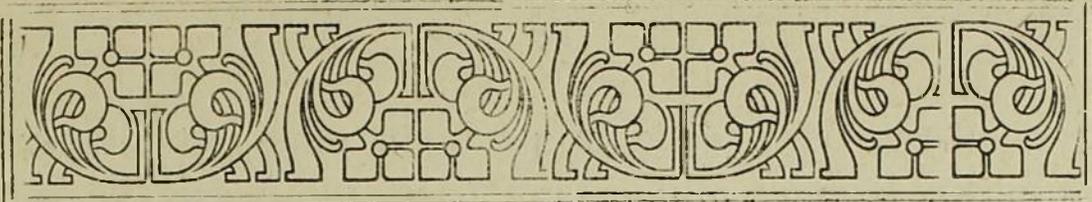




Feminismo



F. G. M. J. B. N. O.



Feminismo



«Emancipar a mulher não é abrir-lhe as portas da universidade, do fóro e do parlamento, que afinal é sempre para uma outra mulher que a mulher emancipada allija os serviços domesticos.

Emancipar a mulher é subtraí-la ao trabalho embrutecedor da cozinha e da lavanderia; é estabelecer uma organização que lhe permitta alimentar e educar os filhos, como lhe parecer, dispondo de tempo sufficiente para colaborar na vida social».

Kropotkine

A palavra feminismo, recentemente creada, designa as reivindicações tendentes a fazer reconhecer os direitos da mulher.

Feminismo universitario o movimento accessivel á intromissão da mulher em todos os ramos de estudos, em todas as carreiras. «A trabalho igual salário igual» —fórmula, divisa do feminismo.

E' elle, actualmente, um dos inimigos do casamento: os homens nas suas exigencias egoisticas não podem ser autoritarios com uma mulher instruida e conhecedôra dos seus direitos.

Nesse ponto cada homem tem uma particula de Augusto Comte: mulher submissa, quase escrava do maridinho. Uns mais, outros menos. Já ouvi um rapaz casado de poucos dias dizer que sua mulher, forçosamente, havia de abdicar da faculdade de pensar para dizer *amen* a todos os seus raciocinios—no caso que quizesse ser feliz!

Os homens tem receio das esposas feministas: esquecem-se de que nem todos os homens instruidos são jornalistas, nem todos fazem versos, nem todos sentem necessidade de publicar livros. O mesmo dar-se-á com as mulheres.

Esquecem-se tambem de que a mulher, como o homem, da adolescencia até a edade madura cresce, transforma-se em corpo, em intelligencia, em aspirações.

Quando me casei nem me passava pela idéa a publicação de um livro. Desconhecia tudo na vida: podia ser má ou bôa.

Os pensamentos se succedem e a razão, a maturidade, o bom senso vêm mais tarde e as vezes não vêm nunca...

As moças casam-se cêdo, sem experiencia, sem consciencia dos seus deveres multiplos.

Se a educação, o meio lhes não preparou para o nôvo estado, se depois de casadas não tiverem quem as instrúa na verdadeira escola do saber e da experiencia, do character e do amôr,—não poderão desviar-se da linha que o marido traçou pela lei do casamento?

Os adulterios tão communs em todas as classes sociaes provam cabalmente que a innocencia e a ignorancia das mocinhas que se casam *mesmo por amôr*, nem sempre é salvaguarda para os maridos anti-feministas.

Aos immobilistas, commodistas, reaccionarios, responderei com um facto bastante interessante, talvez para elles, mas, bem repugnante para as pessoas de bom senso.

Foi commigo mesma que compreendi até onde póde chegar a educação hypocrita que a sociedade corrompida, falsa, immoral, manda ministrar ás futuras esposas e mães.

Eu era bem mocinha, ingenua e recebia conselhos!...

E' a primeira vez que conto o que me pareceu monstruoso: nunca o repeti a ninguem e, se o faço agora é que poderá servir de lição...

Imagino quantos casos identicos por esses lares sem fim...

Uma distinctissima senhora, esposa fidelissima, amiga que sempre me deu a honra das suas confidencias, muitissimo mais velha que eu, catholica praticante, disse-me um dia: — «Quando não estava disposta a retribuir ou a acceitar as caricias de meu marido ou quando, mais moça, desejava um objecto de preço, eu exigia em tróca dos meus carinhos o objecto — vestidos, joias ou dinheiro e obtinha as sommas desejadas e, as vezes, cifras bem altas»!...

Sem dar mostras de estupefacção, tal o respeito que lhe devo, tanto merece a minha consideração essa senhora, grande amiga dos meus,—entrei a cogitar e hoje, graças a algum espirito de observação, mercê de algum estudo de psychologia e moral, collóco as cousas em seus lugares e vejo que a educação falsa ou a falta de principios educativos racionais é capaz de transformar almas bôas, puras, virtuosas em almas de cortezãs a vender o amôr ao proprio amôr!

E os maridos fecham os olhos a essas monstruo-

sidades, outras tantas fontes de prazeres para aquelles que não têm escrúpulos e se esquecem de que o mercado da prostituição pode penetrar nas alcovas conjugaes com a ignorancia ou com a innocencia calculada das suas esposas, com a astucia — arma que os primeiros anti-feministas, commodistas, calculistas (sem consciencia desses nomes ou dessas classificações) puseram nas mãos das primeiras tôlas que não souberam revoltar-se quando lhes offereceram o primeiro altar muito tôsco, muito grosseiro, embrutecedôr da carne e do espirito—o fogão.

O feminismo é uma insurreição das mulheres contra o egoismo dos homens.

E' a desforra que irrompe de um somno lethargico secular.

Virá o dia do equilibrio, e então, os homens dirão com Faguet: «—Quero uma mulher que não tenha precisão de mim, que me acceite pelo que em mim lhe agradar e que tenha com uma cabeça bem organizada o character bastante para me deixar se eu fôr máu».

E' um homem que assim pensa, minhas leitoras.

Infelizmente tive o pesar de assistir á uma scena domestica entre um casal de amigos meus na qual o marido, num momento de expansão nervosa disse á esposa: «—se tivesses dignidade não estarias mais nesta casa. A mulher que conhece as infidelidades do marido e o acceita ainda não merece o seu respeito».

Não o dizem todos—mas assim procedem, assim raciocinam.

Depois que enganam as esposas desprezam-nas tambem.

Se a mulher fosse menos sentimentalista e mais alimentasse as fibras do seu character, se soubesse, por si, prover honestamente as suas necessidades e tra-

balhasse para conseguir «a trabalho igual salario igual» —não teria a desgraça de ouvir phrases como aquella.

A pobre senhora chorou toda a sua magua em lamentos inuteis:—«E os filhos? O nome? O escandalo?» — Preconceitos.

Quando as mulheres derem-se as mãos, num gesto amigo, quando arrancarem de si certas pieguices que só servem de impecilio á felicidade dos lares, quando desenvolverem em su'alma o sentimentalismo consciente, racional se é possível o termo,—far-se-ão mais respeitadas e não haverá medo do escandalo.

A primeira a romper o cordão sanitario que a sociedade criou em torno da mulher para que ella não possa dar um passo sem o seu consentimento—será seguida de outras e o escandalo desapparecerá.

E os homens escrevem naturalmente que ha mulheres que amam ainda mais o marido quando são maltratadas!

E sabem, e acham graça e ha mulheres que têm dinheiro, posição e nome e se deixam bater—com medo do escandalo!

E depois, têm coragem de conversar, sorrir, e até dormir ao lado de um homem que levanta as mãos, para a sua companheira, para a mãe de seus filhos!

E ellas não se revoltam e os escriptores brincam e os homens todos sabem que ha mulheres que adoram os maridos porque lhes dão pancadas!

São maridos dessa ordem que têm medo do feminismo, ou então os commodistas, os egoistas que passeiam, viajam, divertem-se, enganam e voltam amaveis para encontrar o lar em festa, a mesa succulenta e a esposa toda nova, á espera, cheia de saudades.

E dizem que a astucia é arma do nosso sexo...

E a lenda conta que foi Eva a primeira a comer do fructo colhido na arvore da sciencia...

Tenham paciencia! Eu, faço melhor conceito de minha mãe Eva! Ah! se ella o provasse em primeiro lugar...

Minhas leitoras: as lagrimas seccam as aspirações e os pensamentos embotam.

Raciocinar é uma necessidade tambem feminina; depende disso o futuro das nossas filhas.

Já Montaigne dizia: «Nós preparamo-las desde a infancia para os enredos do amôr; as suas graças, a sua garridice, a sua sciencia, a sua palavra, toda a sua instrucção não visa outro fim».

Elles o dizem, querem, fazem e nós acceitamos, sorrindo, as imposições masculinas porque não vemos em nós senão belleza physica, não vemos na vida senão o casamento.

E não é censuravel a nossa visão unica, o nosso ideal: pelo contrario dá mostras do sentimento de harmonia, de abnegação, altruismo, dedicação e humanidade innato em nós.

E' que os homens muito de proposito desviaram para um unico ponto mais material, grosseiro (com o fito de mais gosarem)—o immenso amôr que inunda o coração da mulher.

Collocámo-nos numa posição de animaezinhos domesticos.

Hoje, o nosso commodismo animado nos faz esquecer de que temos encephalo, razão, vontade, nobreza de caracter.

O homem não arredará para dar lugar á mulher, mas «a liberdade não se pede, conquista-se».

.....

Foi o homem quem creou o industrialismo.

O capitalismo cresceu, as necessidades avolumaram-se emquanto a mulher cuidava dos filhos e dos arranjos domesticos.

O capitalismo, o industrialismo alimentam o individualismo.

Do individualismo nasceu o feminismo.

E a onda desdobra-se porque o homem já não ganha o sufficiente para provêr as necessidades da familia, necessidades creadas pelo homem, pelo capitalismo, pelo industrialismo, pela ganancia.

E os homens pedem insistentemente (ainda que finjam o contrario) o salario da mulher—dote ou ordenado—mas querem traze-la sempre na sujeição.

O feminismo irrompe de todos os lados.

Força alguma será capaz de conte-lo. E' tempo.

.....

Montesquieu reconhece que «quem observa as accções dos ministros, se não conhece as mulheres que os governam, é comparavel a um homem que vê o trabalho de uma machina sem lhe conhecer as engrenagens». Pois bem, no Brasil as mulheres estão tão alheias de tudo que não têm influido nos negocios ministeriaes (justiça lhes seja feita nesse ponto...)

Uma ou outra dá cartas, apresenta candidatos á Academia Brasileira de Letras, emfim—cousas de *bouvoirs* galantes.

A mulher patricia não compreendeu ainda qual a missão feminina.

E' preciso que uma poderosa alavanca eleve-a ao nivel a que tem direito. Falta-nos a instrucção solida.

Não conhecemos os estudos superiores, não aspiramos senão ao casamento e a espera-lo gastam-se annos inutilmente.

Não sabemos defender e reclamar os nossos direitos porque os não conhecemos.

Muitos homens têm vindo em nosso auxilio e pejejam com todas as forças, combatem com entusiasmo e eloquerencia, entretanto, poucas vezes as suas vozes chegam aos nossos ouvidos. Emquanto clamam pela nossa emancipação, pelo salario igual em retribuição a trabalho igual, emquanto se batem pelos direitos iguaes, pelo maior repouso da mulher proletaria, pela instrucção feminina,—nós todas nos fechamos dentro das lentes opácas dos nossos preconceitos, nos limites traçados pelos contrabandistas das idéas nóvas, subjugasdas pelo peso secular dos dogmas deixando estalar de secura os alicerces construidos para que se estabeleçam as bases da nóva organização social nesse grande Brasil.

E nós mesmas—na anciedade do pão espiritual! A mulher se agita, prescruta, desorienta-se, procurando o caminho da redempção.

Faltam as universidades femininas; faltam as almas dirigentes e poderosas.

Onde estão as Ruy Barbosa, as Rodrigues Alves, as Azereço, as Salles, as Penna, as Wencesláu Braz, as Frado, as Luis Guimarães Filho, as Andrades, as Lafayette, as Sá, as Coelho Netto, Julia Lopes, Clovis Bevilacqua e tantas, tantas e tantas outras?

E a alma da mulher brasileira está faminta de um ideal e quer fazer jorrar os thesouros immensos de abnegação que o seu grande amor faz renascer de si mesmo em effluvios de esperança e cánticos de harmonia, mas... ignora e espera.

A justiça scientifica chegou á seguinte conclusão: «contribuindo a mulher com muito maior contingente para a perpetuação da especie e dos sentimentos que

unem num amplexo divino todos os seres, não merecerá ella, pelo menos, um lugar de igual, junto a outra metade humana ?»

Destruamos os preconceitos que nos cerceam os passos e construamos, caras brasileiras, n6vos e profundos fundamentos de uma civiliza76o de justi7a e equidade sobre os escombros da civiliza76o que r6la ao novo impulso.

Numa sociedade organizada de modo a deixar a mulher sujeita 6 tyrannia dos exhaustivos trabalhos dom6sticos, occupada todo o dia nos arranjos da casa e dos filhos, sem tempo para ler um jornal, para conhecer os livros, como acontece 6s burguesas do interior do Brasil, numa sociedade onde 6 metade do sexo fraco (por6m f6rte para o trabalho) s6o entregues os servi7os dom6sticos a que n6o d6o valor e occupam vidas inteiras, nessa sociedade ninguem tem o direito de encher os seus codigos com as bellas e retumbantes palavras:—Liberdade, Igualdade, Fraternidade !

A mulher brasileira n6o saber6 bem amar a sua bandeira emquanto essa bandeira que representa a Na76o, lhe n6o explicar a divisa:—Ordem e Progresso— linda divisa, mas, por ora incompreensivel para a bella metade do povo brasileiro.

Que ordem 6 essa que, para ser estabelecida n6o tentou arrancar a mulher da oppress6o, dos preconceitos da sociedade tola e da tyrannia do servi7o dom6stico *obrigatorio* para o nosso sexo ?

Que progresso 6 esse que quer collocar a mulher sempre na dependencia do homem e lhe n6o p6de restituir o papel de igual e companheira e sim lhe distribue o de subalterna ?

.....
T6m dito muitos disparates 6 proposito do femi-

nismo. E ha classificações de todo genero: feminismo radical, radicalismo feminista, masculinismo feminista, feminismo oportunista, etc, etc.

O mais interessante é o positivismo orthodoxo que vem bordando com lentejoulas polychromas, com dourados e prateados, phrases lindas, pensamentos vivos de harmonia e amôr, tecendo um altar onde o anjo descançará socegado, ternamente.

Emquanto o homem por divisa escreve: Viver para outrem, a mulher dirá apenas: Ternura e pureza. E «a mais santa das mulheres santas, a terna e pura Clotilde exclama: — Que prazeres podem exceder aos da dedicação!» E em nome da Humanidade — o homem deve nutrir a mulher, o homem adora (em theoria quase sempre) e a mulher acceita o altar que lhe offerecem e em troca prodigalisa amôr e carinho.

Mas, «o homem se agita e a Humanidade o conduz». Augusto Comte, mais idealista que pratico, não contava com o capital, com a industria, com o salariatto, e não contou com os proprios homens.

Quem trabalha mais: a mulher nesse altar onde o trabalho domestico é como o fogo eterno ou o marido que vae conversar com os amigos no club, que frequenta reuniões, cinematographo onde se instrue para melhor enfeitar o altar donde a santa quase nunca pode sair?

Accresce que um grande numero de mulheres não se casa. E as solteiras que não encontraram um positivista que quizesse *viver para outrem*? E as filhas orphãs de pae, com irmãos pequenos para sustentar e educar, tendo mãe viuva, velha, enferma? Ha de ir procurar o homem que lhe offereça um altar? Encontrará tamanha abnegação? Se o encontrar deverá se offercer?

E' sabido : as moças que ficam solteiras, na sua maior parte não encontraram casamento. A sociedade da qual tem tanto mêdo a mulher, quer que a moça seja recatada, reservada, pura, meiga, e se deixe colher como uma flôr,—quando encontra quem a colha. Em compensação ridicularisa a solteirona que foi recatada, pura, que esperou pacientemente a sua vez de ser colhida, porém, esperou em vão. E quer que essa desgraçada morra de fome, porque tambem condemna a mulher que se deixa colher sem as formalidades da lei e da igreja. E, não deve procurar meios de subsistencia fóra do lar ! Infelizes sombras de gente ! Que fazer em tal caso ? Não têm altar, não encontraram quem, aos pés da lei, quizesse *viver para cutrem*, não podem procura-los fóra da lei, não devem sair para os mistéres publicos... «Que cuidem do lar, que fiquem em casa, que eduquem os filhos». Mas se não ha lar, nem filhos e a casa é alugada, e ha estomago, ha vida, instinctos, sonhos, ideaes ! Que sociedade ! E as viúvas ? Ricas, deverão deixar-se esfolar pelos pseudo-protectores ? Pobres, entregar-se-ão á fome ou ao vicio ?

Que vae fazer a sociedade do sem numero de mulheres belgas e francêsas, mães sem terem sido esposas, desvirginadas brutalmente pelos allemães e austriacos nas avalanches rubras das suas conquistas a ferro e a fogo ?

Deverão ser desconsideradas porque soffreram a violencia, o saque ao seu pudor ? Não serão as maiores sacrificadas nessa lucta tremenda, nessa fanfarra de loucos, nesse frenesi diabolico em que predominaram a bestialidade, o alcool, o crime, em que os homens homenagearam, numa apothéose, a besta féra que vive nos reconditos da nossa animalidade ?

Que recompensa dará essa sociedade áquellas enfermeiras que, aos campos de batalhas foram levar o conforto, o carinho aos irmãos feridos e voltaram com o desespero na alma, pendidas de vergonha depois de servirem de pasto aos instinctos baixos de alcoolatras e degenerados de toda especie, animaes, brutos, feras conscientes e inconscientes?

Que farão ellas, sem lar, sem nome, sem posição, sem riquezas, sem amparo moral?

Todas essas mulheres que assumiram a direcção dos trabalhos do campo, das officinas e enviuvaram e precisam sustentar os filhos, viverão de que?

.....

As estatisticas provam: a prostituição se origina da miseria.

A mulher ganha sempre menos que o homem, embora faça trabalho igual. O ordenado de uma cozinheira e de um cozinheiro é desproporcional; o preço das mercadorias, entretanto, é igual para os sexos. Os salarios das costureiras nas fabricas, das criadas de servir, de qualquer operaria, nunca está em relação ás necessidades dos grandes centros industriaes. A vida das cidades, intensa, egoistica não permite á mulher contar senão com os seus rendimentos: ahi não ha amigos, não ha cooperação,—ha necessidades, rivalidades, luta, commercio.

E' preciso uma grande força, uma energia accumulada e tenaz, uma virtude vigorosa para não succumbir deante das seducções e da miseria como corollario. A sociedade dos homens applaude, procura, auxilia a moça que se deprava em costumes e augmenta o seu prazer; ri, escarnece, deixa na miseria ou faz cair na miseria aquella que se faz respeitar,

que procura viver do trabalho honesto. Desde a classe mais pobre até a mais bafejada, é sempre a mesma cousa. «A nossa sociedade está tão ajuizadamente organizada que deixa toda a acção e toda a influencia á mulher de maus costumes e nenhuma á mulher honesta. Se uma mulher apparece num palco, se desmoralisa, se deprava, terá a ovação do publico, mas se apparecer numa tribuna para fallar sobre a moral e sobre a virtude, não alcançará senão troças», já o disse Marie Deraismes. •

E sabemos que os industriaes, directa ou indirectamente, vão aos campos buscar meninas e moças,—fórtes, vigorosas pelo contacto com a natureza, e as traz para as officinas onde perdem as côres, a saúde, para as cidades onde perdem o pudor—com receio da miseria e do hospital!—caminhando inconscientemente para essa mesma miseria, para esse mesmo hospital! aterrador. E' a propria sociedade que as vae recrutar para os lupanares!

São outras mulheres sem escrupulos, sem moral, são homens libertinos e que só vivem do estomago para baixo, como já o disse alguém, são moços que tiveram mães e que têm irmãs e que virão a ter esposa e filhas, são elles que, depois de uns momentos de prazer material, atiram para longe as visões e os corpos moços das provincianas incautas, applaudindo-se com as suas conquistas, com as suas bravatas, gargalhando sobre as desgraças femininas. Ficam impunes: loucuras da mocidade. E' que as leis são feitas pelos homens e para os homens. A mulher entretanto é despresada, ridicularizada, collocada á parte e segue o caminho ás vezes com uma filhinha a mais, para perpetuar essa horrivel chaga social. Miseravel sociedade que ajuda o forte a descarregar o pulso sobre o mais

•

fraco ! E esses homens tiveram mães dignas desse nome ? Depois, essa mesma sociedade faz leis que regulamentam a prostituição. Arranca, violentamente, muitas vezes, o resto de pudor que ficou da primeira oppressão.

E fallâmos em moral, amôr ao proximo, caridade... Essas mesmas mães de filhos bestializados pela educação, pelas leis e costumes sociaes vão fazer kermesses e bailes e festivaes de caridade, exhibindo sentimentos postiços, irrisorios. Lembra-se vagamente que ha infortunios, desigualdades. Abrem assim, a *janella da consciencia* como si isso chegasse para arejar o sitio que guarda um montão de ruinas e escombros, preconceitos de classe e nome e dinheiro e posição social.

E os principios da verdadeira moral que a mãe, pelo exemplo e pelos preceitos deve inculcar na alma do filho ? E o respeito que ella lhe deve inspirar para que saiba respeitar as filhas das outras mães ?

Por acaso a honra da operaria vale menos que a honra da burguezia ou da dama-alta-sociedade ? Se a honra (cousa aliás muito abstracta) tem diversos valores é que se mede pela visão curta da sociedade actual, cuja moral se acha abalada nos seus fundamentos.

Honra, virtude, character, nobreza de sentimentos, são cousas indivisiveis, valorosas, immutaveis, e fazem iguaes—o soldado, o operario, a burguêsa, a dama o potentado. A posição, a riqueza não dão as qualidades, não asseguram a verdadeira nobreza.

Virtude é uma palavra abstracta, empregada facilmente, sem restricções. Virtuosa é a mulher que se não desviou quando foi experimentada a sua fraqueza, quando soffreu as miserias da vida, quando lutou desesperadamente e não succumbiu tendo encontrado

quem quizesse mercadejar com o seu amôr que ella considera uma cousa divina, sagrada, que se dá, mas que se não vende nunca.

E' dever nosso o respeito a nós mesmas, respeito ao sexo: cumprir um dever não é ter virtude.

Compete a nós resguardar a honra da mulher proletaria sobretudo das meninas, das creadinhas inexperientes, muitas vezes violadas pelo chefe da familia ou pelos nossos filhos debaixo do proprio tecto da esposa ou da mãe!

Essas meninas que ás vezes, á titulo de caridade são tomadas para um serviço intenso, que não acaba nunca; votadas ao analphabetismo porque não ha tempo nem paciencia nem valor para lhes collocar nas mãos um livro de leitura; essas meninas as quaes ninguem ensinou o que é o pudor, a virtude, que não ouvem senão ordens e exigencias e que são olhadas como machinas de trabalho facilmente se entregarão ao primeiro homem que lhes falla uma palavra meiga no meio da aspereza em que vivem.

Depois, as recatadas donas de casa não mais as querem e são atiradas á vida pela propria mulher que não velou pela irmãzinha ignorante e infeliz, e todas as portas se fecham á desgraçada. Quando é tutelada e o escandalo é mais sevêro, a pobrezinha é enterrada viva num *Bom Pastor*: não tem direito á vida, emquanto o seductor gosa e illude outras victimas, emquanto a burguezia ou a dama não mais se lembra e traz outra machina de trabalho em substituição á primeira, outra victima sujeita a seguir o mesmo caminho que a precedente.

Leis, instituições, sociedade,—tudo conspira contra os pobres—tudo em favor da posição e do dinheiro—tudo a favor dos homens.

Onde estão as senhoras dos presidentes da Republica, dos presidentes de Estado, ministros, senadores, deputados, diplomatas ?

Não tivemos uma só brasileira (uma posição brilhante, cujos gestos seriam ordens) que se lembrasse das suas irmãs.

Falta-nos instrucção para a comprehensão dos nossos deveres. Não lemos. Não sabemos o que se passa dentro ou fóra do nosso País.

Vivemos num descuido imperdoavel de nós mesmas.

Só alcançaremos os nossos direitos se cuidarmos das nossas necessidades espirituaes, emancipando-nos para conseguirmos a instrucção e a emancipação de todas as mulheres.

Só assim conhecerão as nossas aspirações feministas. Só assim caminharemos.

Sejamos feministas não só de ideias como de acções e procuremos esclarecer as nossas consciencias adormecidas para ampararmos com o coração e com a razão a Humanidade que se debate numa grande crise.

Somos uma poderosa energia que se esváe, que se perde, que inutiliza muitas energias.

Unamo-nos numa formidavel corrente para o que é bom, para o que é justo, para o que é digno e verdadeiro. Caminhemos.

E' a Renovação. Amparemos as nossas irmãs que trabalham emquanto sugamos.

Evitemos a sua prostituição. Eduquemos a mulher proletaria, auxiliemo-la, respeitemo-la.

Mostremos aos homens que somos solidarias com ella e que as protegeremos.

Cumpriremos apenas um dever para com irmãs que têm sido desprezadas por nós mesmas só porque

ao nosso espirito ignorante e rotineiro não occorreu ainda a ideia de que a mulher nasceu para proteger os fracos, os indefesos:—as mulheres e as crianças estão portanto em primeiro lugar.

Não pensámos ainda no carnaval do Rio, que, consecutivamente, todos os annos, atira na prostituição centenas de meninas ignorantes, tolas, ingenuas do mal social que causam.

Não imaginámos que o nosso sentimento vibraria alto, pela bocca de todas as brasileiras de bôa vontade, ensinando as moças—pobres e ricas—o que ellas ignoram, mostrando-lhes o seu valôr, o nosso valôr, ensinando-lhes o que é a honra, o dever, a verdadeira nobreza que a Natureza prodiga espalhou em todas as escalas de todas as hierarchias sociaes — nos corações dos ricos como dos pobres.

A's nossas filhas ensinemos o trabalho que dignifica, prepara a mulher a não ter receio do celibato ou da miseria.

A musica, as linguas, as modas, o desenho, as sciencias, os serviços domesticos, todos os conhecimentos devem ser ministrados com o fito de preparar a mulher de modo a não precisar do auxilio pecuniario do homem para viver.

Placido Barbosa num interessante artigo sobre a questão feminista, disse: «A mulher forte de hoje é a que realisou theorica e praticamente a sua educação intellectual, moral, esthetica, physica e domestica; a que aproveitou todos os aperfeiçoamentos da sciencia para tornar suas funcções mais productivas; a que se tornou um ser consciente, autonomo, racional e habil».

Um numero muitas vezes maior, de mulheres, vae tomar parte nas lutas que antevemos para a nova Renascença.

As estatísticas antes da guerra já eram assustadoras com relação ao grande contingente de mulheres para poucos homens.

E a Inglaterra cujo numero excedia ao da Allemanha e da França, segundo as cifras colhidas por um jornal carioca, formou a «Liga para o casamento dos heróes invalidos», a qual encontrou em Lady Limerick, da Cruz Vermelha Inglesa, uma grande entusiasta; em Lady Mackenzie, com restricções, uma admiradora; em Lady Townsend, uma inimiga que a despresou, dizendo: «creio ser ridicula a iniciativa da Liga... As mulheres devem esperar sempre que os homens, invalidos ou não, sejam os primeiros a solicitar-lhes a mão em casamento... Eu nunca poderei formar conceito honroso de qualquer joven que adhira a semelhante Liga...» Lady Shert Crown foi ironica, terrivelmente ironica: «E' um disparate o que pretende a Liga. Um disparate perverso. Então, a um homem que deu o seu sangue pela patria, ao envês de se premiar com o perpetuo socêgo de espirito, dá-se-lhe á volta do campo de batalha, uma mulher... e uma sogra? E' um castigo cruel para compensar um nobre sacrificio...»

Tudo isso prova que, dessas Ligas é que os homens se lembram, a conselho de economistas e calculadores de toda especie, com o intuito *sublime* de offerer á mulher um altar! E que altar!...

Depois, o sr. Oscar Correia, num artigo especial para *A Noite*, em dezembro de 1917, escripto em Liverpool, vem dizer que na Allemanha pensa-se em fazer a bigamia legal! Cartas, jornaes, pamphletos revelam a authenticidade do facto e a bigamia legal pratica-se na Allemanha, depois da guerra.

E' em nome da civilização, das leis sociologicas, da philôsofia contemporanea, da moral, diz Harl Her-

mann Torges, de Cologne, pregando a polygamia «como uma religião salvadôra», num pamphleto com os dizeres: «O casamento secundario como o unico meio para a creação de um novo e poderoso exercito e para a purificação da moralidade».

Traça o «programma da rapida regeneração para um Imperio enfraquecido por uma avultada perda de homens e combalido na sua vitalidade domestica».

Quer o autor da nova doutrina que tres elementos—uma alliança cooperativa, o clero e as mulheres, trabalhem para vencer quaesquer obstaculos a favor da medida unica salvadôra.

A esposa secundaria terá o «anel das secundarias» e o contracto é autorisado pela esposa legitima. O Estado cuidará dos filhos, o Estado premiará os serviços prestados pelas moças que contrairem «casamentos secundarios». Necessidade psychologica da guerra actual! Moralidade! Philosophia!

E' uma senhora allemã quem escreve a uma amiga na Inglaterra dizendo que, duas irmãs suas, sob os auspicios officiaes «contractaram uniões e «em breve serão mães».

E' possivel? Ha tanta disciplina na Allemanha... E a França que tambem pensou nisso? Que a mulher se arregimente para combater todas as *philosophias* analogas que possam apparecer depois da guerra.

Imaginemos quantas *necessidades*, quantas medidas de alcance *social*, , quanto papel, e quanto tempo não hão de gastar os nòvos *philosophos* para disciplinar as energias femininas—offerecendo-lhes altares como os da «Liga Inglêsa», premios como os da Allemanha nas allianças secundarias.

Se o numero de mulheres é muitissimo superior ao dos homens, ha uma necessidade imperiosa de

guiar essa grande torrente de energias dispersas, fazendo-a seguir, numa corrente unica, o caminho que conduz ao heroismo, á abnegação, á paz, ao que é bello, justo, verdadeiro.

Educação e instrucção, principios de uma moral nóva, escolas superiores, universidades femininas, associações, centros de propaganda—eis o que as mulheres de todas as nações precisam afim de dirigir as aspirações feministas para um ponto unico: Solidarie-
dade, Harmonia, Amôr.

.....

Passemos um rapido olhar no movimento feminista. A' principio ó ridiculo.

Mlle. Scudéry foi a victima do seculo XVII. Mereceu as *Précieuses ridicules* de Molière, enquanto outros contemporaneos davam-lhe o epiteto de *Sapho*, *Decima Musa*, etc. E' a mais illustre romancista do seculo e foi uma das grandes educadoras da sociedade francêsa na epoca brilhante do *Rambouillet*. E' uma das precursoras do movimento feminista da actualidade. Chamaram-lhe pedante, feia, solteirona, etc. E' arma antiga dos homens e até das mulheres o chamar de feia aquellas que pregam principios de educação solida, aquellas que se encaminham para o aperfeiçoamento dos costumes, que cuidam de leituras sérias. Saint-Beuve nota que as leis do realismo literario estão formuladas no romance *Clélie* de Mlle. Scudéry. Ganhou a illustre romancista e distincta educadora muitos inimigos e inimigas pregando ideias emancipadoras.

A grande virtude de M^{me} de Maintenon, a sua bondade, a vontade de acertar, o desejo de minorar soffrimentos, sua modestia, dedicação e altruismo, tudo que diz respeito á sua figura que apparece isolada, só-

sinha porque é a unica, em Saint-Cyr, Noisy, Rueil, Montmorency,—por toda parte prodigalisou amôr.

Se errou, quiz reparar erros mas teve sempre o desejo de acertar.

M^{me} de Sévigné é encantadora. M. Saint-Surin quer colloca-la acima de M^{me} de Staël, ao que Saint-Beuve protesta energicamente, dando a cada qual o lugar que merece, de justiça. Cada qual representa a sociedade da epoca.

Não estamos escrevendo um livro de historia : passemos adiante.

M^{me} de La Fayette, M^{me} de Lambert, M^{me} Dacier, M^{me} de Staël, M^{me} Roland, M^{me} de Saussure, M^{me} Campan e tantas, tantas outras, causam-nos uma grande admiração. M^{me} de Staël é vigorosa, enthusiasma-se por J. J. Rousseau no começo da sua carreira literaria, exerce mais tarde uma extraordinaria influencia nos negocios da côrte e reconduz Talleyrand ao seu posto. E' exilada por Bonaparte e em Weimar conhece Gæthe e Schiller. Mereceu do proprio Napoleão uma critica rude. Viveu exilada. *Corina* é um monumento, é obra-prima da litteratura feminina. M^{me} de Staël é um portento, é profunda, é inspirada, é estupenda: «*En présence du soleil et des esphères étoilées, on n'a besoin que de s'aimer et de se sentir dignes l'un de l'autre. Mais la société! la société! comme elle rend le cœur dur et l'esprit frivole! comme elle fait vivre pour ce que l'on dira de vous!*»

Si les hommes se rencontraient un jour, dégagés chacun de l'influence de tous, quel air pur entrerait dans l'âme! que d'idées nouvelles, que de sentiments vrais la rafraichiraient!»!

M^{me} Roland, vidente, energica, sensata e illustre, com uma coragem assombrosa, prega, dignifica e es-

creve com profunda magua: «O' liberdade! Quantos crimes se commetem em teu nome»!

E Rousseau sempre paradoxal, parece que creou o typo domestico de *Sophia*, exclusivamente para inspirar e impulsionar o feminismo moderno.

Escreveu apontando uma escola para a mulher futura e fez nascer no espirito dessa mesma mulher a revolta sagrada para a peleja ardente de um ideal de justiça e liberdade e amôr.

M^{me} Roland foi uma sua grande admiradora, uma discipula entusiasta do Mestre, recebeu o influxo forte dos seus escriptos, compreendeu su'alma, admirou o seu coração sensível. De resto, duvido que a leitura de Rousseau não produza em qualquer coração feminino o mais sagrado entusiasmo, um ardor estupendo para a luta, uma impressão longeva. Aquella extrema sensibilidade, aquella nobre inspiração não pode deixar de echoar profundamente nas almas sensíveis e boas. Kant sentiu-se subjugado pelos escriptos de Rousseau, a ponto de dizer: «Eu devo ler e reler Rousseau, até que a belleza da expressão não me perturbe mais: só então poderei dispôr da minha razão para julga-lo».

Deixemos os mestres que nos fazem esquecer o assumpto a desenvolvere nos elevam na contemplação da grandeza da intelligencia humana. Adeante. Vejamos Condorcet quando escreve no *Journal de la Société*, reclamando: «O principio da igualdade estabelecido pela Revolução francêsa, foi violado da maneira mais flagrante quando metade do genero humano se via privada de tomar parte na deliberação das leis». E, em nome da justiça, heroico e bom, toma a defesa dos nòvos combatentes, agora fortes pela palavra ousada e vigorosa do novo defensor. Condorcet é digno da nos-

sa causa. Na Allemanha, Hippe! diz : «E' preciso decidirmo-nos enfim a considerar o outro sexo como fazendo parte da nação.» Mary Wollstonecraft na Inglaterra, reclama os direitos da maternidade !

Antes, Olympia de Gouges, regenerada por um ideal alevantado, deixa que ouçam a sua voz limpida, eloquente, viril, protestando: «A mulher que tem o direito de subir ao cadafalso, deve igualmente ter o direito de subir á tribuna.» Eu diria entretanto :—a mulher que tem o direito de subir ao cadafalso, que tem o direito de ir á cadeia, de pagar impostos, de respeitar as leis e os governos, de educar, de dar cidadãos á Patria, deve igualmente ter o direito de exigir os seus direitos na camara, no senado, no municipio, porque as leis são feitas pelos homens, para os homens e ella se submete, paga os tributos, respeita sem que tenha o direito de reservar para si cousa alguma. Si não está na altura de fazer leis, de governar, devia estar fóra das leis, dos governos.

A mulher não pode ser jurado, não sabe julgar, entretanto pode e é julgada pelas mesmas leis que julgam os crimes dos homens.

Que absurdo ! Entretanto, a ella entregam as crianças, no lar e na escola, para que as eduque preparando os cidadãos dessa mesma Patria. E os regulamentos escolares mandam que ella ensine ás crianças, artigos do codigo, leis e decretos...

Tudo isso é extraordinario !

Interessante é que, nas monarchias a mulher póde governar e não são chamadas para legislar.

Se se fallasse em uma presidente de Republica, seria um verdadeiro escandalo, e todos acham natural que haja rainhas.

Quanta contradicção, quanto preconceito, que de

absurdos ! E tudo isso feito pelos homens. As mulheres nada farão de pior.

Passemos á mulher americana.

Póde ser pastor protestante, invadiu as profissões liberaes, é professora em universidades masculinas, em varios estados tem o direito do voto, é tachygrapha official, funcionaria, advogada, medica, professora de economia politica, etc, etc.

Em New York em 1912, 40.000 mulheres grevistas, debaixo da protecção das americanas ricas, sob a direcção de Clara Lemlick, fazem greve e vencem ao pedir augmento de salario. E todas as americanas se unem para obter uma concessão, por pequena que seja. E combatem o alcool, a prostituição regulamentada, o jogo, etc. Organizam sociedades de leitura, bibliothecas a domicilio, imprimem jornaes e revistas, organisam jógos, fundam clubs de sports, etc, etc,— com a unica preocupação de elevar o character, incitar as boas acções, corrigir os costumes. Cogitam incessantemente de sociedades perfeitamente organisadas, capazes de resolver o problema dos serviços domesticos. Os óvos cozidos, o bife quente, o café, os biscoitos, as sopas, a agua quente circulando em tubos, enviada a domicilio, o calorifero geral que evita o fogo acêso constantemente em todos os lares, a roupa lavada, os sapatos limpos, a limpeza dos talheres, tudo isso prompto, perfeitamente asseiado e commodo, vem dos grandes centros organisadores de serviços mediante machinismos que dispensam, quase inteiramente, os operarios.

Uma americana, a sra. Cokrane inventou um aparelho destinado a lavar as louças. Sua machina, dizem, lava 20 duzias de pratos e enxuga-os em menos de 3 minutos.

Sugadôres de poeiras dos aposentos fazem o papel das nossas creadas de limpeza e arranjos de casa. E os tapetes, cortinados, cortinas, sanefas e reposteiros são limpos mediante osapparelhos de sucção, typo *Vacuum cleaner* e outros. O carvão é em muitas cidades, substituido pelo gaz, distribuido a domicilio. Tudo se transforma e se aperfeiçoa para tornar mais facil e mais ligeiro o serviço domestico afim de que sóbre á mulher o tempo necessario ás necessidades espirituaes para que conscientemente coopere na vida social. A tenacidade e a união fazem da mulher americana uma força poderosa e indomavel. Os alumnos das academias recebem, com o mesmo respeito, com as mesmas formalidades lithurgicas, o diploma de engenheiro, o de dona de casa, costureira, etc. A educação domestica nos Estados Uuidos toma o nome de—Sciencias Domesticas—nos programmas escolares. Estas sciencias são transmittidas num curso em laboratorios, compreendem: cozinhas, chimica, biologia, puericultura, pedagogia theorica e applicada, elementos de pathologia, economia politica, etc. Além desses cursos, ha ainda uma classe de mestras para as criadas que não podem frequentar as escolas, pela necessidade de ganhar o sustento diario. Essas mestras vão ás casas particulares e ministram o ensino nas horas que o permittem os deveres das criadas. São pagas pelas familias que solicitam os seus serviços. Asylos, crèches, assistencia á criança, á mulher, aos moços, aos invalidos, são fundados, dirigidos, impulsionados e servidos pelas senhoras da mais alta sociedade e crescem por seu influxo e se multiplicam.

.....
Na Inglaterra é assombroso o movimento feminista.

A iniciativa feminina particular faz prodigios, e as mulheres são directoras de hospitaes, medicas da hygiene, funcionarias, pastores de cultos diversos, professoras secundarias e primarias, banqueiras, jornalistas, literatas, architectas, presidentes de sociedades medicas, etc, etc.

Estão sempre ao lado das operarias, dando-lhes todo o apoio, todo o prestigio da sua aristocracia de nome, de dinheiro de valor intellectual e moral. Dispõem livremente do seu salario e tratam individualmente dos seus negocios.

Têm personalidade juridica distincta, servem de testemunhas e não precisam autorisação dos maridos, para se apresentarem em juizo.

No Brasil, para que uma moça seja professora primaria, precisa exhibir documentos em seu favor—partidos do Delegado de Policia local, do Juiz de Direito, (até ahi vae bem) e o documento do marido ou pae, autorizando a nomeação, dando o seu consentimento. Que vergonha! E quase sempre é o marido ou pae quem mais deseja o miseravel ordenado, quem mais aneia pela nomeação e quem vae á collectoria receber o dinheiro e... ás vezes, quem o distribúe.

Na Inglaterra, desde a rainha Victoria, a mulher inglêsa, fidalga ou rica, tende a «tomar contacto com os desgraçados, com o povo» e a faze-los sentir que não são indifferentes ás classes a que pertencem as grandes damas inglêsas.

Festas, *garden-party* são offerecidos ás operarias pela aristocracia.

Mais do que isso ainda, organisam as associações destinadas a receber e entregar correspondencia ás classes mais desherdadas da sorte, assim como noticias mundiaes, telegrammas, etc.

Chamam a um culto todos esses desgraçados e convivem horas, com toda a miseria humana, pregando contra o alcool, o jogo, a prostituição, dando-lhes trabalho, empregando-os, etc.

Offerecem-lhes chá, leite e pão, durante essas reuniões, nas quaes todos se sentem bem, tendo uma impressão de fraternidade, sonhando com uma sociedade melhor, num futuro proximo.

.....
E o movimento feminista na Russia ?

Ali, foi Catharina II que, por intermedio de Voltaire e por sua grande influencia, começou a trabalhar energicamente pela instrucção feminina.

Até o reinado de Pedro — o Grande, a mulher russa é privada de instrucção e vive no *tarem*, quase o gyneceu grego. Pedro—o Grande abriu as portas dos *tarens* e Catharina II recebeu a mulher russa nas escolas sob a direcção de professôras francêsas.

Estava dado o primeiro passo se bem que de modo desastroso á principio. A Russia nunca foi de meias medidas.

Em 1857 Alexandre II funda o primeiro liceu de S. Petersburg, para moças. E' Helena Pavlovna a iniciadôra desse outro movimento que deu asas á mulher russa e fe-la voar tão alto que o governo sentiu necessidade de reprimir-lhe os arroubos.

Era tarde.

As que não conseguiram estudar na sua patria invadiram as universidades europeás.

Sacrificios, lutas, privações—eis a sua historia.

E' ainda uma mulher, é M^{me} Conradi quem levanta e fomenta a campanha em favor do ensino feminino na Russia, e, a sua tenacidade, o seu valôr tudo alcançam.

O socialismo estende-lhe a mão e o ardôr das estudantes russas força a sua entrada nas universidades, nos liceus, nos cursos de agricultura, e, em toda parte se distinguem pela intelligencia, pela energia, pela coragem indomavel.

Perseguidas nas suas operações proseguem mais fôrtes e crescem as avalanches destemidas.

E têm ideal.

As medicas são mais procuradas que os medicos e resistem mais e trabalham melhor.

E' uma maravilha a historia dolorosa e fôrte do feminismo na Russia. E' Catharina II quem faz o periodo mais glorioso da historia daquelle pòvo.

.....

Na Finlandia, a mulher como todo o povo finlandês—mostra vigôr, altivez, independencia.

O feminismo ali encontrou um vasto campo de acção e a mulher conquistou o seu lugar nas universidades—como alumna e como professora—e recebe a mesma instrucção que o homem.

Todas as carreiras lhe são abertas.

Deputadas em grande numero—protegem a criança, estendem o seu poder pelas associações de todo genero, inauguram asylos, organisam patronatos agricolas, seguram a vida dos doentes, decretam o direito de igualdade entre os filhos naturaes e legitimos, etc, etc.

As deputadas conseguiram que a Dieta decretasse: «A fabricaçã, importaçã, a venda, o transporte, a guarda dos liquidos alcoolicos, autorizados sómente para fins medicinaes, industriaes ou scientificos, mas, constituindo um monopolio do Estado,—serão rigorosamente interdictos aos particulares, não podendo ser importada nem fabricada nenhuma bebida alcoolica para consumo publico»

Os homens deputados lembram-se dessas medidas salutaras, defendem-nas até esse extremo a bem dos interesses e da felicidade humana ?

E a politica, eterna açambarcadôra absorvente ?

.....

Na França é Clemence Royer ao lado de Prudhomme a disputar um só premio de economia politica, M^{me} Curie substituindo seu marido na Sorbonne e recebendo o premio Nobel, é Dieulafoy, Demont Breton, Marie Deraismes, etc.

Juliette Adam, Marcêlle Tinayre de *La Rebel*, Duquesa de Rohan, Condessa de Noailles, Lucie Delarue Madrus, Myrian, Gabrielle Réval, George Peyrebrune, do «Comité central do Premio Femina—*Vie Heureuse*,—são os mais illustres nomes femininos da literatura contemporanea francêsa.

.....

Na Suecia, é Frederika Bremer em 1856, a precursora do movimento feminista. Vibrante de sentimentalismo, implora justiça e chama ao trabalho, á emancipação, a solteirona, mostrando-lhe o caminho a seguir para a nova vida. E' Ellen Key, atacada covardemente, proseguindo calma, vidente, sozinha, independente, entusiasta. E escreve, faz discursos, impressiona fortemente, convence mesmo. E' Selma Lagerlöf, é Sonia Kowalowska, é Elsa Eschelson, é toda uma pleiade de lutadôras intrepidas, é Ibsen tambem pregando o valôr, a coragem, a dedicação da mulher:—é o feminismo que triumpho.

Um livro não bastaria para um hynno magnifico á mulher moderna, precursôra da grande Renovação.

Não é nos estreitos limites de um capitulo que se canta um poema a tão excelsas representantes do nosso sexo. E eu não tenho expressões, nem talento, nem

erudição, cousa alguma capaz de me fazer esboçar um tal poema. Sinto-o apenas.

.....

Em Portugal, é uma portuguesa quem o diz: «O catholicismo sob a sua forma mais nociva,—o jesuitismo, domina poderosamente o sexo feminino. Emquanto essa força não fôr vencida, a mulher, escrava do padre, será um elemento de atrazo e de desmoralisação». E' Virginia de Castro e Almeida, corajosa, independente, emancipada, pregando com altivez.

Com erudição e com talento, escreve, esperando dias mais suaves para a mulher do futuro. E Anna de Castro Osorio e Maria Amelia Vaz de Carvalho são as admiraveis precursoras do grande e fecundo passo para a emancipação da mulher portuguesa. Numa terra onde a porcentagem do analphabetismo é enorme esses nomes gloriosos e outros, fundam associações, batem-se corajosamente pela causa santa, empenham-se e vão vencendo.

Ainda agora, quando as associações feministas da America do Norte, Inglaterra, França, Italia e Belgica apresentaram-se em campo para levar a Wilson a sua mensagem, encontraram a mulher portuguesa a postos para acompanhal-as no manifesto. E ultimamente os jornaes noticiam novas victorias por ellas alcançadas—em juizo, carreiras profissionaes,, etc, etc.

.....

Finalmente, na Suissa tranquilla, pratica, sempre igual num unisono encantador de forças e de energias, de sentimentos, de paz, o feminismo é mais suave e não menos fecundo. Mlle. Jeanne Meyer, M^{me} Coradi-Stahl, Mlle. Graf, Mlle. Demillac, e tantas outras, representam papel de destaque no movimento feminista

suisso, quer como directoras de estabelecimentos de instrucção secundaria, de educação primaria e domestica, de escolas profissionaes, quer como presidentes de associações femininas de alto valôr.

A mulher suissa pode ser medica, inspectora de ensino, advogada, funcionaria, dedica-se ao commercio, á industria, frequenta as universidades masculinas.

E' igual ao homem, é companheira, trabalha em todos os ramos da actividade masculina, sente-se feliz.

A instrucção está nas suas mãos, é poderosa porque é bastante erudita e sobretudo: bôa mãe e optima esposa. A paz reina naquelle poetico recanto de lagos e montanhas, naquelle pais pittoresco, cheio de lendas rendilhadas como as suas paisagens, onde a mulher gosa de regalias, instrue-se tanto como os homens e ganha a vida trabalhando nas profissões que aos outros, pareceria mais proprio do vigor masculino.

E ellas nada mais querem senão assegurar para sempre; aquelle remanso feliz.

Vejamos a divisão do trabalho, entre os dois sexos, no seguinte quadro copiado do livro—*A mulher*, de Virginia de Castro e Almeida que o colheu das estatisticas officiaes na propria Suissa:

RECENCEAMENTO FEDERAL DE 1 DE DEZEMBRO DE 1900

	HOMENS	MULHERES
Exploração de minas e outros productos brutos do solo	7:702	4:621
Agricultura, criação de gado, jardinagem.	566:682	501:223
Silvicultura, caça, pesca.	12:194	8:488
Industrias da alimentação	68:791	61:006
Industrias do vestuario.	63:658	145:099
Construcção e mobiliario.	259:967	166:434
Industrias textis	95:243	174:871
Industrias do papel, do coiro e da borracha.	7:226	6:519
Outras industrias de productos chimicos não alimentares.	13:965	11:960
Metallurgia, fabricação de machinas e de utensilios.	150:261	125:631
Artes graphicas, encadernação, carttonagem	17:865	15:170
Commercio.	119:440	166:046
Vias de comunicação, transportes.	90:712	76:566
Administração publica, sciencias, bellas artes.	73:565	96:768
Administração publica geral.	23:151	21:875
Fôro, notariado, gerencias	4:733	5:326
Hygiene e medicina.	10:421	19:977
Instrucção e educação.	20:632	33:395
Cultos.	6:433	8:889
Outras profissões liberaes.	2:060	2:100
Bellas artes	6:135	5:206
Serviços pessoaes e outras profissões mal determinadas.	5:884	14:776

Este quadro dispensa quaesquer commentarios.

Tanto os homens suissos como as mulheres, asseguram o desenvolvimento do pais, protegendo a criança, conduzindo-a, ajudando-a, desenvolvendo nella o desejo de progresso, de paz, amor, de igualidade.

A operaria suissa não trabalha á noite; tem direito a 6 semanas depois do parto; trabalha até meio dia aos sabbados e dias feriados; gosa de maior descanso que os homens no repouso do meio dia.

Algumas industrias são interdictas ás mulheres em estado interessante.

Os operarios são mais protegidos e menos explorados que nos outros países.

Crèches, asylos, casas desopas, maternidades etc, são refugios para as mulheres proletarias e seus filhinhos.

Antes dos 14 annos as fabricas não acceitam crianças; a escola não pode ser sacrificada á fabrica. Só depois dos 18 annos os rapazes trabalham á noite.

Em Zurick, em 1754 já havia uma mulher medica, muitissimo considerada e respeitada pela sua competencia profissional, a Dra. Dorothea Christiana Erxleben. Publicou um opusculo no qual estudava e enumerava os motivos que desviam a mulher das conquistas intellectuaes. Logo depois, duas outras conseguiram permissão para frequentar, como *ouvintes* os cursos de philosophia. Depois, uma russa requereu licença em 1864, para assistir as aulas de anatomia e microscopia. Seis menses mais tarde uma outra russa matriculou-se na escola de medicina. São as origens, parece, dos direitos de igualdade que a mulher suissa gosa hoje, ao lado dos homens. Impossivel, nos limites de umas paginas, tratar do movimento feminista mundial. Não vou fallar detalhadamente na professora sra. Fouriaux de Reims, condecorada pelo Ministro da Instrucção Publica, cavalheira da Legião de Honra, enfermeira durante a guerra.

Não irei descrever a «Escola de serviço Nacional para Mulheres», aberta pelo Presidente da

Republica em Washington, em Maio de 1916; escola de caracter puramente militar afim de preparar a mulher americana para casos especiaes, quando a necessidade a obrigue a prestar serviços de disciplina nacional e serviços militares; escola que prepara enfermeiras, soldados, costureiras, telegraphistas; escola que ensina mediante o serviço pratico e conferencias e palestras.

Não fallarei do «Conselho nacional de Damas do Uruguay» que publica uma revista, cujo objectivo synthetisa-se no seguinte trecho: Estabelecer vinculos de solidariedade entre todas as mulheres e associações que se occupam do adeantamento social, intellectual e moral, economico e juridico da mulher. E' independente de grupos politicos e confissões religiosas». A Dra. Paulina Luisi que foi a digna representante do Uruguay em congressos e viajou a Italia, Suissa e Hespanha em commissão de instrucção, é a directora do «Conselho». Não poderei fallar da Belgica que tem uma verdadeira e consciente alma nacional, cujo caracter formoso e resolutivo de ha muito se anda remodelando na escola e no lar por entre o carinho da mulher —mãe e educadôra.

E aquellas que se offereceram em holocausto ao trabalho da terra—arroteando os campos, colhendo, espalhando o pão para todas as boccas enquanto seus irmãos semeavam a morte?

E as operarias dos estabelecimentos metallurgicos, dos laboratorios?

No pequenino e fôrte Japão onde a mulher é directora de universidade na pessoa de Mlle. Jisizio-Naruze e outras, naquelle Japão lendario, cheio de superioridade moral, de cultura e belleza,—a educação actual tende a fazer da mulher uma criatura consciente dos

princípios de respeito e tolerancia ás crenças e ás opiniões.

Que poderei dizer da Grã-Duquesa de Luxemburgo, de 22 annos apenas, prisioneira em seu proprio palacio enquanto durou a guerra, vigiada e que não escondeu a antipathia pelo Kaiser dizendo com coragem inaudita: «A nossa neutralidade, os nossos direitos foram violados. Os nossos visinhos e outros paises têm feito maravilhas de bravura para libertar os paises invadidos pelos Hunos. Nós tambem resistiremos».

E Troy, cidade americana com 18.000 homens e 125.000 mulheres virtuosissimas, expulsas quando infringem as leis de uma moral rigorosa, mulheres que não constituiram familia e querem trabalhar entre mulheres—irmãs e amigas—solidarias em tudo ?

Na Argentina a Dra. Julieta Lanteri Renshaw foi a organisadora do Primeiro Congresso Americano da Criança.

Helena Sexton, inglêsa, directora-chefe de um hospital em Auteuil—hospital mantido por senhoras, mereceu de Joffre o posto de major-medico.

Antes, Lord Kitchener concedêra o mesmo posto ás doutoras Flora Murray e Luisa Garret Andersen no Royal Army Medical Corps.

Flora Sandes, inglêsa,—escriptora, soldado, enfermeira, depois sargento no regimento servio, acompanhou os soldados como extremosa mãe.

Como enfermeiras provaram uma dedicacão immensa a ex-rainha de Portugal e sua nóra, as enfermeiras régias da Romenia, a irlandêsa senhorita Dorothea O' Neill Daunt (Mary Lucy) condecorada com a «Cruz de Guerra», e muitas e muitas outras.

Rose Kirgstone, dactilographa antes da guerra, ganhando apenas 30 shillings por semana, acaba de merecer da revista dos banqueiros de Londres algumas paginas de apreciação aos seus serviços durante a guerra.

Obteve o primeiro lugar no concurso da celebre cadeira Gilbard, de operações financeiras.

Lady Mackworth, na ausencia de seu pae, geriu os negocios de carvão e exportação de uma grande companhia e recentemente foi eleita a directora da associação.

Ambas foram alumnas das associações chamadas do Alto Commercio—existentes na A. do Norte, Inglaterra, França, Italia.

Na Italia, duas senhoras, duas princêsas, dirigiram o trabalho da plantação e colheita, evitando a fome a um sem numero de familias.

Contam-nos que no principio da guerra as vinhas foram atacadas pela septoria, desde a Sicilia até os Alpes de Brindisi.

Applicaram nóvos adubos, entretanto no fim de pouco tempo tudo morrêra.

As duas romanas — Giovani Laura de Trabia e Maria Pristina del Drago uniram as mulheres italianas e dirigiram toda a sua actividade para o trabalho da terra. Dizem que não ha memoria de colheita tão abundante na Italia.

Na Russia sabemos que é uma mocinha de 18 annos a maior influencia nos meios bolchevistas.

Na Hungria acaba de ser nomeada embaixatriz uma senhora—Rosika Schwimmer.

No Uruguay—Mlle. Clothilde Luisi ha sete annos occupa o lugar de addido de legação.

A senhora e a senhorita Tittoni, esposa e filha de

um embaixador italiano mereceram da França a medalha de ouro das epidemias—o maior premio que a França confere aos sacrificios, abnegação e altruismo.

Miss Jessie Bayes, inglêsa, obteve um grande successo em Vienna e Londres expondo productos industriaes fabricados sob a sua direcção—mobilierias e principalmente camas ricas, original e artisticamente ornamentadas.

Mlle. Helene Dutrieu, parisiense, obteve a medalha da Legião de Honra—é a primeira mulher que se dedicou á aviação.

Miss Nelly, da embaixada britannica á Conferencia da Paz está fazendo o serviço de correspondencia secreta entre os embaixadores inglêses, via aerea.

Um telegramma de Paris—1919, diz:

«PARIS, 1 (Serviço especial da NOITE)—As mulheres italianas, pela sua União, que tem mais de..... 80.000 socias, secundaram o movimento das mulheres francêsas a favor da igualdade politica e exigem do governo que, por intermedio dos seus delegados á Conferencia da Paz, obtenha a inclusão na constituição da Liga das Nações de um artigo concedendo o direito de voto e, em certos casos, de elegibilidade, a todas as mulheres».

Jeannette Rankin, representará na Camara o Estado de Montana, Estados Unidos.

Na Conferencia da Paz Miss Boyle encarregou-se das traducções e da bibliotheca; Miss Bigby dos archivos; Miss Binham dirige as dactylographas e zela pelas *girl guides*—uma associação mais ou menos como a dos escoteiros: apprendizado de costura, cozinha, cuidados especiaes em caso de accidentes, etc, etc, e

agora na Conferencia, transportam documentos para as diversas secções.

Em Nova York vae reunir-se no fim deste anno o «Congresso Internacional Feminino». Miss Bertha Condé uma das delegadas da Associação vem ao Brasil convidar a brasileira para se fazer representar no Congresso que, só á França mandou 200 delegados. E' directora, ha 20 annos, das escolas superiores e Universidade da Y. W. C. A.

E' conferencista celebre e figura de destaque do feminismo Norte Americano.

Na Italia, Madame Elena Vacaresco toma parte no Congresso da Paz.

Na Russia é assassinada Rosa de Luxemburgo a formidavel revolucionaria, companheira de Liebknecht.

Outro telegramma de Paris dá-nos noticia de que o Congresso inter-alliado do Suffragio Feminino mandou uma delegação conferenciar com os Srs. Venizelos, Barnes, Massey, Robert Cecil e o senador americano Withe. E, na Conferencia da Paz, uma commissão se incumbirá (?) de estudar todas as questões femininas internacionaes. O telegramma accrescenta:

«O referido Congresso approvou uma resolução em que declara: E' necessaria uma paz solida, que seja uma paz dos póvos, inclusive das mulheres, uma paz que represente um accordo concluido entre nações e não entre governos».

«O Congresso Feminino julga tambem que a Liga das Nações será de effeitos nullos, si os operarios e as mulheres não a sustentarem».

Acaba de fallecer a Dra. Mary Walker, suffragista, advogada, a unica mulher que advogou perante a côrte suprema dos Estados Unidos.

Na Inglaterra, Nina Bancroft bate-se pela entrada da mulher na magistratura.

A sra. Maria B. Horowitz foi elevada ao cargo de alcaide de Moorhaven, povoação no Estado de Florida, e é presidente da Comissão de Subsistencias da Junta de Defesa nacional no mesmo Estado.

Vão tomar parte na Assembléa de Weimar as senhoras: Margarete Behm, Anna Von Gierke, Elfriede Ryneck, Wilhelmine Kaehler, Marie Juchacz, Louise Zietz, Clara Schuch, Gertrud Lodahi, Koethe Schirmacker—jornalista e conferencista, Edwige Dransfeld, Agnés Neuhas M^{me} Schmitz, M^{me} Weiber, Dra. Gertrud Baoume—presidente da Liga das mulheres alle-mãs e muitas outras.

O partido socialista da maioria elegeu umas 20, entre ellas: Ahna Simon, Maria Juchacz, as cidadãs Pfülf, Lührs, Blos, Minna Eichler. Ernestide Luoze Minna Bollmann, etc, etc.

Entre ellas ha—criadas, amas, lavadeiras, aprendiz de typographo, membros da nobreza, chefes de associações operarias, jornalistas, publicistas, oradoras, membros do partido catholico, professoras, enfermeiras, costureiras, dactilographas, etc, etc.

Todo esse movimento superior, de pensamento, ideal, solidariedade, veio provar aos homens (haverá mais necessidade de provas?) que a mulher está muito acima do ridiculo no qual a quizeram envolver porque não comprehenderam bem as suas aspirações, os seus sonhos de Paz e Amôr—luz que offusca as retinas doentias...

E no emtanto á guisa de consolo, dizem que a mulher é mais sentimento emquanto o homem é mais cerebro.

E, quando esse sentimento irrompe para confor-

tar esses homens—elles ainda protestam e se exaltam apaixonadamente, furiosamente, indicando-lhes o lar:

«AS GROSSERIAS FEMININAS» E AS INDELICAZAS MASCULINAS

Um dos correspondentes da «A Noite», mandou-nos, de Paris, um artigo no qual commenta, com palavras asperas as «grosserias» das motorneiras e conductoras de «bonds» em França.

Um problema bastante serio preoccupa os economistas e homens do governo, diz o articulista, e conclue: que fará a França das mulheres quando os soldados voltarem aos seus lugares ?

Termina assim: «A mulherzinha insignificante que deixou as panellas do lar para occupar um cargo publico suppõe que os destinos da França estão em suas mãos.

O diabo é que a França não sabe o que vae fazer das donas dessas mãos quando tiver de collocar cada macaco no seu galho!...»

De Paris, da capital do *calembourg* que faz sorrir a intellectualidade amavel, da terra onde se diz a cada passo—*merci, pardon*, da cidade gentil—partir uma tão indelicada apreciação, envolvendo a mulher franceza e toda mulher num mesmo conceito !

No momento em que aflora aos labios todos um hymno pomposo exaltando a mulher fraca (mas de grande força para retemperar as energias masculinas); no momento em que a sua dedicação explodiu numa ansia incontida de sacrificio heróico em pról da civilização nova,—um brasileiro chama a attenção para o seu nome, soltando da sua penna uma nota desafiada em meio do concerto magnifico.

Um brasileiro !

Que fazer da mulher, pergunta, como se perguntasse: que fazer dos canhões e das munições de guerra em tempo de paz ?

A mulher é ainda *cousa*, objecto de posse para muitos homens.

E o escriptor se esqueceu de que envolvia todas as mulheres, suas patricias, sua propria mãe, suas irmãs, sua esposa e suas filhinhas se as tem, no epitheto depreciante de *mulherzinha insignificante* !

No emtanto, quanto pão não teria comido o jornalista, amassado alta noite pelas francesinhas patriotas emquanto o *snob* era distraído talvez por outras francesinhas...

Um patricio nosso !

Quantos foram ter ás plagas da França heroica, uns—philanthropos e homens de sciencia, levando a vida e o conforto aos feridos, contribuindo para o grande exemplo de uma solidariedade que deverá reger os homens em dias futuros: outros, offerecendo o peito ás balas, mostrando-se dignos dos nossos valôrosos antepassados.

Outros, eu o digo com magua, outros lá foram colher impressões e disseram mal da mulher que os recebeu, terna e carinhosa como se recebesse irmãos...

E' que o illustre articulista sabia que o seu artigo não seria lido pelas francesinhas de Paris...

Pena é que não tenha ido a *front*, ao hospital de sangue: experimentaria a doce caricia de mãozinhas macias como arminho, doces como ternuras, deliciosas como beijos de crianças...

O nosso patricio esteve tanto tempo em França e talvez não pudesse ter o prazer de ver os asylos, hos-

pitaes e *crèches*, onde a mulher apparecer-lhe-ia com as faces esplendidas de altruismo e fé.

Pena é que não tivesse occasião de ver a francêsa, a belga e tantas outras arrotear os campos, semear, plantar, colher, puxar os arados, fazer multiplicar o pão para todas as boccas emquanto o companheiro ceifava vidas...

Tanto tempo e não saber que a inglesa, para que não faltasse o morango aos bravos irmãos, colheu-os á sombra de areoplanos inimigos.

Tanto tempo em França e não ter conhecimento dos feitos de Helena Sexton, directora-chefe de um hospital em Auteuil e de Flora Murray e Luiza Garret Andersen, no *Royal Army Medical Corps*, condecoradas, e ás quaes foi concedido o posto de major medico pelo generalissimo Joffre e por Lord Kitchener.

Não ter visitado os laboratorios onde as mulheres se envenenavam ao analysar os gazes asfixiantes, com o fito de preparar aos homens e aos collegiaes, as mascaras que os preservaram da cegueira, da morte.

Não sentir que a pobre *mulherzinha insignificante*, queimava os cabellos, a face, as mãos, em volta dos fornos de alta tempera, trabalhando em aço, em ferro, substituindo os homens nos mais duros labores.

E nos hotéis, nas casas particulares, nos *appartements*, eram todas sorrisos para os seus hospedes...

Não creio que o illustre jornalista tivesse viajado de *bonds* durante o tempo que esteve em Paris.

Supponho, e com razão, que tivesse frequentado a sociedade elegante e convivesse com francesas descendentes das Sévigné e das Staël e até, que lhes fallasse numa linguagem castigada e com entonações avelludadas...

E tem razão o correspondente d'«A Noite»:

O problema é serio, é bem digno da revolução social...

(Artigo publicado a 24—12—1918 no «O Dia»—Juiz de Fóra).

.....

As mulheres não aspiram senão ao lugar a que têm direito: desejam apenas que lhes restituam o que lhes tomaram pela força.

E' o que acontece aos operarios.

Porque é que a mulher suissa pede menos ?

E' que, ahi, o homem compreendeu que ao seu lado tem uma companheira e não uma subalterna—e deu-lhe quanto desejou.

Se as outras insistem é porque impõe-lhes deveres desproporcionaes aos direitos.

Emquanto arroteam os terrenos, plantam o trigo, fabricam os pães e as balas para os canhões, enquanto tomam conta dos hospitaes e serviços diversos, grosseiros alguns, enquanto trabalham com todas as forças para que nada falte ao homem occupado em destruir,—os jornaes, os governos, os homens todos—acham-nas admiraveis !

E os premios chovem, as condecorações se multiplicam, são citadas nas *ordens do dia*, etc, etc.

Tudo isso é facil...

Logo, porém, que os seus serviços podem ser dispensados e quando ellas se capacitam de que vallem alguma cousa mais e merecem uma recompensa maior,—apparecem então nóvos jornalistas e nóvos protestos desviando as suas intenções, mandando-as para o lar—o unico e digno abrigo do sexo.

Como, então, não impediram que se tostassem ellas nos fornos de alta tempera preparando o aço, o ferro, o bronze ?

Como não impediram que se envenenassem nos laboratorios a estudar e a preparar mascaras usadas pelos soldados e crianças?

.....

Passarei a enumerar, ligeiramente, os nomes de brasileiras que honram as paginas da nossa historia, das que têm contribuido e estão contribuindo para o monumento literario e artistico do pais, e finalmente das que, ora, trabalham pela emancipação da mulher patricia.

Parace que o primeiro movimento feminista no Brasil, partiu de 1870.

O medico Dr. Corrêa de Azevedo, com enthusiasmo e gentileza, pregava a emancipação da mulher brasileira, sonhando com uma instrucção solida para o sexo, revendo na sua imaginação ardorosa, as graças da mulher patricia.

Em 1872, pronunciava perante a «Imperial Academia de Medicina», uma conferencia sob o titulo — A mulher perante o medico.— O exito do orador, os applausos provocados pela conferencia fazem crer que o assumpto era nôvo para a epoca, despertando um interesse extraordinario nos ouvintes. O Dr. Corrêa de Azevedo era, antes de tudo mais, um nacionalista extremado que queria collocar a mulher brasileira numa alta posição de destaque entre as outras mulheres das nações mais civilizadas.

Não me posso furtar ao desejo de dar ás leitoras do meu livro de *Renovação* o prazer de ver como pensava um dos primeiros illustres defensores da nossa causa. E' uma homenagem á sua memoria:

Dizia elle: «Dous graves problemas, negligenciados ou esquecidos, a hygiene do corpo e a educação tornam a menina um ser problematico, sem espe-

rança de progresso real, sem possibilidade de respeitar nella a bôa e util mãe dos homens do futuro.

A educação, sobretudo, que é a hygiene da alma, está entregue a um abandono criminoso ou a mãos mercenarias, donde sahirão, um dia, essas caras criaturas da patria, filhas apoucadas, esposas incompletas, mães perigosas e indolentes.

Rouba-se ao desenvolvimento organico da menina, essas leis que dão viço, essas faculdades que engendram a energia e a coragem feminina, virtude que ha dado ao mundo em todos os seculos passados, nomes gloriosos e sublimes exemplos».

Depois accrescenta: «Nas luctas das conquistas e nos torneios das sciencias assistia ella calma e resignada, na grandeza de suas esperanças, aguardado a grandeza da humanidade educada em principios de verdade e justiça.»

«A' mulher se assignalaram todos os mais pesados deveres; o homem guardou para si os direitos».

Em uma serie de artigos escriptos na mesma occasião em uma revista carioca, diz que a mulher é sempre «grande e sublime», tambem, «escravisada e profanada, amada e idolatrada, desperdiçada e abandonada, trahida e corrompida».

Quanto a nós especialmente, quanto ás brasileiras a quem dedica uma profunda sympathia e veneração, numa linguagem vibrante de mocidade deixa correr a penna sentimentalista e racional pregando, idealizando, sonhando...

«Tudo quanto basta á alma, tudo quanto a torna nobre e poetica, possuem as mulheres do Brasil».

«Desgraçadamente, porém, o paiz não comprehende as suas mulheres, transplantou de Paris o que havia de exterior, fez bailes e sociedades, formou um thea-

tro dramatico e uma opera, fez brilhar nos camarotes os brilhantes, as sêdas e o ouro, mas excluiu a instrução, sem a qual nada disso é devidamente apreciado». «O lugar que a mulher occupa no Brasil é inferior ao seu merecimento, é indigno».

E assim continúa, sempre o mesmo, advogado ardoroso, cavalheiro gentil á conquista do ideal emancipador, caminhando para o *feminismo* que não conhecia ainda.

Nessa occasião, mais ou menos, algumas poetisas Julia Maria da Costa, Laura Eulina Galvão e outras, publicaram versos em revistas e jornaes do Rio. Antes, em 1849, Carlota Angela da Cunha Pinheiro, poetisa romancista, irmã do jornalista Brandão Pinheiro, escreveu o romance—Mathilde—e diversas poesias entre as quaes se destacam da sua grande collecção:—O Celheiro. Desejo, Como fugiram, Malvarisco, Inspiração, etc; em 1848, Adelia Josephina Rebello, poetisa bahiana.

Passemos ás nossas heroínas.

Rosa da Fonseca, Anna de Jesus, Quiteria de Medeiros que mereceu do Imperador a insignia do Cruzeiro,—premio militar, e tantas outras, fazem luzir as paginas da historia Brasileira, fazem tremular as asas roseo-prateadas das musas gentis dos poetas immortaes.

Quantos e quantos nomes femininos gloriosos, obscuros uns, conhecidos outros—todos elles apontando feitos, dignificando o sexo, aureolando o passado que refulgirá sempre com o mesmo clarão de ingenua belleza!

.....

Clara Camarão, india, descendente dos Carijós, acompanhou o marido—Poty,—durante todo o tempo da invasão hollandêsa, mas, em Porto-Calvo—1637,

foi inexcedível em bravura e é comparada a Semiramis e a Zenobia.

Ella fez de Poty—o patriota, o valoroso, o quase nobre—Antonio Felippe Camarão.

.....

As heroínas de Tejucupapo são como gottas de luz no pantheon da historia. Foi por occasião da insurreição pernambucana contra a invasão hollandêsa. Era no anno de 1646. Prevendo o ataque hollandês aos viveres em S. Lourenço da Matã, os pernambucanos guardaram as familias do arraial num reducto de Tejucupapo, caminho por onde deviam passar os invasôres.

Os homens, fóra, evitavam o avanço hollandês, já desanimavam ante o numero de inimigos. No reducto—mulheres e crianças.

Lichtart, almirante hollandês avançava sempre. As mulheres adivinharam-no.

Uma dellas, ergueu como trophéu de guerra, como bandeira de revolta, a imagem de Jesus crucificado e deu o grito de combate : « A's armas! Defendamos o reducto que é de Deus, da Patria e da nossa Honra!» O reducto foi assaltado mas não foi conquistado. Lichtart não chegou a S. Lourenço da Matta: voltou de Tejucupapo.

.....

Damiana da Cunha, filha do maioral dos *cayapós*, educada por D. Luis da Cunha Menezes, governador da capitania de Goyaz, foi a mais abnegada missionaria a conquistar e a catechizar os *cayapós* seus irmãos. E' cognominada a Mulher Missionaria.

.....

D. Francisca de Sandi, em 1686, na Bahia invadida pela febre amarella, foi tão incançavel enfer-

meira, tão devotada aos doentes no seu hospital, fundado e custeado a suas expensas, de uma caridade tão penetrante, de uma dedicação, de um zelo tão excepcional que attraheu todas as attenções, merecendo os mais calorosos louvores.

.....
Joanna de Gusmão, como educadora, é um dos typos perfeitos de mulher dedicada a um ideal unico.

.....
Marilia, a immortal Marilia de Dirceo — Maria Joaquina Dorothea de Seixas, é o symbolo do amor que as terras brasileiras fazem brotar nos nossos corações, representa a constancia feminina, o nosso valor moral, a nossa pureza de ideaes.

.....
Um temperamento irrequieto e revoltado de mulher é o de Maria Ursula de Abreu Lancastre, que, com 18 annos, em trajes de homem, embarcou para Portugal e assentou praça em 1700, com o nome de Balthazar do Couto Cardoso. Serviu 14 annos como soldado. Foi heroína, salientou-se pela bravura, pela coragem e pelas virtudes femininas. Casou-se depois com um official que tambem se distinguira nas guerras da India.

Sem duvida não é esse o papel da mulher, porém, Maria Ursula é um nome glorioso na historia feminina brasileira, principalmente porque, soldado,— foi honesta, foi virtuosa.

.....
D. Maria da Cruz, no sertão de S. Francisco, como educadora, fez da sua casa um orphanato, sustentando e educando as crianças pobres do lugar. Transformou-a em um hospital onde recebia enfermos e invalidos.

Foi heroína por ocasião dos motins do sertão, mostrou-se altiva, discreta, corajosa.

Superior pela nobreza de character, como prisioneira politica, foi virtuosa e digna.

Só não poudes calar sua magua intensa, deante do filho tambem prisioneiro.

E' uma gloriosa figura das nossas gloriosas Minas Geraes.

.....
Maria de Souza, a espartana brasileira, repetia aos filhos, incitando-os á lucta: — «Com o escudo ou sobre elle».

.....
Rosa Maria de Siqueira, paulista, com 24 annos, passageira da náu *N. S. do Carmo* atacada pelos piratas, bradando sempre: «Viva a Fé de Christo»,—foi soldado com os marinheiros, foi enfermeira e foi fabricante de cartuchos para a defesa commum, durante 3 dias, na fragil embarcação.

Casada acompanhava seu marido para Portugal em 1713 - 1714, na ocasião em que deu um grande exemplo de coragem, heroismo, energia.

.....
Barbara Heliodora no seu grande amôr de mãe, symbolisou a lealdade, a honra, o cavalheirismo. Impedindo a denuncia que, num momento de desvario premeditára Alvarenga Peixoto; entregando-o portanto ao degredo e á morte; privando-se da riqueza e da felicidade domestica; exigindo a metade dos bens sequestrados que lhe pertenciam de direito, só e exclusivamente para pagar as dividas e liquidar os negocios do marido,—tudo isso, para que o nome da filha ficasse immaculado,—é de uma nobreza, de

um character, de um heroismo muito além dos casos excepçionaes em qualquer dos sexos.

Poetisa intelligente e instruida, mãe extremosissima, esposa adoravel e adorada, perdeu a razão ao perder a filha, o marido, ao ver' desmoronar-se toda aquella ventura naquelle lar out'ora digno e respeitado.

Deu um grande exemplo de heroismo na adversidade para não macular o nome amado do esposo que devia ser leal para com os amigos e companheiros de um ideal sagrado, companheiros de infortunios.

Foi collaboradora do marido em todos os planos da revolução, sabia de tudo, conhecia os projectos e os sonhos. Collocou Alvarenga ao lado de Tiradentes quando estava nas suas mãos atira-lo para junto de Joaquim Silverio, o miseravel Iscariotes da Conjuração Mineira.

.....
Anna Bainha, de Santa Catharina, descendente de marújos, habituou-se á vida de bordo.

Foi em 1879. Numa viagem, Alexandre Bainha e a filha, viram-se perdidos : a embarcação sossobrava. A borrasca era tremenda. As bombas já não davam conta : as ondas venciam sua resistencia.

Tomaram o escalér—supremo anseio para a salvação. A tempestade redobra de furor, o escalér emborca atirando os naufragos ao pélagos.

Pae e filha lutavam agarrados ao salva-vidas de que ella se não esquecêra.

Aquelle, exangue ao peso das emoções e dos 60 annos de trabalho e da luta procellosa do mar revolto, depois de 2 horas de uma resistencia heroica vae succumbir quando é agarrado num esforço supremo e conduzido á praia. Foi salvo pela propria filha. A coragem não abandonára a intrepida mocinha, sua

energia valeu-lhe o nome de heroína na historia da nossa Patria.

.....
Foram admiraveis, D. Anna e D. Antonia, irmãs de Bento Gonçalves, 1835-1845—Guerra dos Farrapos Rio Grande do Sul e Benta Pereira - 1779 - Rio de Janeiro.

D. Anna de Alencar Araripe, mãe do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, politico cearense, avó do escriptor Dr. Tristão de Alencar Araripe Junior, em 1824, por occasião do movimento revolucionario da Confederação do Equador, foi alliada incondicional do marido, mostrou-se corajosa á bravura; heroína e mãe, deu um soberbo exemplo de civismo e de amôr conjugal.

D. Anna Lins, em Alagôas, em 1817 e 1824, revolução pernambucana, foi extraordinaria de civismo, abnegação, energia e coragem. Esposa digna, mãe exemplar, como prisioneira politica conservou-se á altura do seu character, legando ao filho Visconde de Sinimbú, um nome glorioso, e á mulher brasileira um digno exemplo de matrona antiga, comparada a *Cornelia*, mãe dos Gracchos.

.....
Annita Garibaldi, a Herôina dos Dois Mundos, guerreira gloriosa de civismo e virtude, esposa vibrante de amôr e dedicação, mãe coberta de benções pelo proprio filho Menotti, salvo duas vezes pelo supremo sacrificio materno,—Annita Garibaldi, terna, delicada e bôa, merece um glorioso pedestal no monumento aonde a posteridade vae esguer bem alto, como em triumpho, o seu vulto respeitavel, dôce, meigo e varonil.

O amôr de Annita Garibaldi—pela Patria, pelo espôso, pelos filhos, é incomparavel, é unico : estende-

se, desdobra-se e é um só amôr, uma sô emoção que vibra muito, produzindo harmonias diversas.

A virtude da catharinense é a virtude sublime que reage contra a hypocrisia, os preconceitos, é a virtude que emana do amôr puro, partilhado, do amôr ideal que faz o espirito divino, alado, capaz de aspirar a um ideal de perfeição suprema, voando alto para não admirar senão o que é delicado, soberbo de belleza e de verdade.

Foi mãe, foi esposa, foi patriota e foi guerreira para melhor sonhar, para melhor saber amar. Se querem, as vezes, macular-lhe o nome, é que o seu immenso amôr foi grande de mais para ser compreendido por quem não soube amar tanto.

Foi generosa, foi altiva, foi fiel ao seu unico amôr. Annita está muito acima da pouca generosidade de alguns brasileiros injustos. E' digna heroína da nossa Patria. Mereceu de Annibal Mattos um poema lindo, gentil, delicado como a alma da vigorosa artista do super-amôr.

.....

D. Anna Nery, bahiana, durante a guerra do Paraguay, serviu como enfermeira, tendo acompanhado o exercito brasileiro a Corrientes, Humaytá e Assumpção. Era uma senhora de 50 annos quando offereceu seus serviços á Patria.

Conquistou a Medalha Humanitaria com que o governo brasileiro agraciou-lhe tão delicados serviços. Rozendo Muniz á beira do seu tumulo pronunciou eloquente oração funebre e disse : «D. Anna Nery depois de entregar-se a todos os azares da guerra, em país inhospito, recolheu-se á Patria em companhia da Victoria, trazendo de menos uma dadiva de Deus —Um filho —e de mais uma dadiva dos homens na canonização

popular chamada Gloria, o titulo de — MÃE DOS BRASILEIROS ! »

.....
Maria Barbara é a Lucrecia Brasileira, a heroína da fidelidade conjugal. Esposa de um modesto soldado, preferiu morrer barbaramente assassinada a entregar-se ao seductor deshumano, junto á Fonte do Marco, em Belem.

Um patricio nosso—Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, inspirado na enormidade do seu heroismo, escreveu em versos o seu epitaphio. *Maria Barbara*, humilde, de condição modesta, tornou-se uma das mais bellas figuras de mulher, um digno exemplo de amôr até o sacrificio da propria vida, um nobre e altivo modelo de fidelidade e pureza.

Joanna Angelica—abbadessa do Mosteiro da Lapa, morreu assassinada a baionetas, á porta do convento quando implorava que não desrespeitassem a casa e as freiras.

As senhoras bahianas, paulistas, pernambucanas, mais de uma vez foram solidarias á causa dos patriocios opprimidos—mostrando o seu valôr moral, animando-os com o proprio exemplo.

.....
Entre as poetisas, romancistas, etc, destacamos : *Nicia Floresta Brasileira Augusta* que manteve correspondencia com pensadores estrangeiros ; *Beatriz Francisca de Assis Brandão* (Minas); *Amalia de Figueirôa* ; *Ignez Sabino* (Bahia) ; *Maria Antonieta Gama* (Rio) ; *Rosalia Sandoval*—pseudonymo de *Rita Abreu* (Alagôas) ; *Anna Aurora do Amaral Lisbôa*—poetisa e heroína ; *Amelia Alves* (Rio—1868).

Rita Joanna de Souza em Pernambuco — 1696 —

como escriptora mereceu elogiosas referencias dos seus contemporaneos.

Angela do Amaral Rangel—Rio—1725, céga, cantava a natureza.

Recitava seus versos e foi admirada ao enthusiasmo pelos mais illustres homens de letras do seu tempo.

Recitava com graça e tomava parte em festas literarias.

Gracia Hermelinda da Cunha Mattos, a *philosophinha*. Collecção de sentenças e maximas e escreveu pensamentos e sentenças que provocaram applausos do Marquês de Maricá.

E' uma das primeiras feministas brasileiras. Pregava a instrucção para a mulher. Queria a nossa ingerencia nos negocios do governo e fallava com segura orientação. Morreu muito moça. Entre os pensamentos ha os seguintes : «Os homens zombam da ignorancia das mulheres, sem se lembrarem que as educam como ás escravas, que só necessitam saber obedecer». «Ha muitos homens que perdoam com mais difficuldade ás mulheres o talento do que os vicios». «A sorte das mulheres depende, muitas vezes, da educação moral ou da instrucção scientifica que adquirem».

Delfina Benigna da Cunha—1791—Céga. Poetisa, lamentava em dolentes versos a sua triste condição. Inteligente, sentimental, melancholica. Perdeu o pai em 1826 e sua mãe em 1833.

Em versos tristes, pranteou a sua desgraça : «Foi, perdendo-os, que eu vi, que nada via...» Pouco tempo antes de morrer recuperou a vista - 1857. Improvisava. Conseguiu publicar suas poesias, auxiliada por D. Pedro I.

Violante Atabalipa Ximenes de Bivar, Bahia -

1817 — Illustrada, fallando diversas linguas e tendo educação artistica, recebeu o diploma de socia honoraria do Conservatorio Dramatico Brasileiro ; traduziu «Al-gumas traducções» do francês. O que é mais de notar é que essa senhora talvez fosse a primeira jornalista brasileira. Redigiu, no Rio, o *Jornal das Senhoras*, que se suppõe ter sido o primeiro periodico redigido por mulher no Brasil.

Mais tarde publicou ainda um periodico hebdomadario, *Domingo*, cujo primeiro numero saíu a 23 de Novembro de 1873.

Falleceu a 25 de Maio de 1875.

Toda a imprensa contemporanea manifestou-se pesarosa, fazendo referencias aos trabalhos e ao talento da jornalista patricia.

Nossa historia regista ainda os nomes das professoras *Manuela de Santa Clara* e *Rita do Sacramento*, fundadoras de um estabelecimento de instrucção domestica e religiosa—catholico-romana, em Sorocaba.

Essa instituição desapareceu com o desaparecimento das duas irmãs.

E' possivel que eu me esqueça de algum ou muitos nomes de brasileiras heroínas e illustres:—serei perdoada, mesmo porque não escrevo um livro de historia e esse assumpto tem sido bem descripto por nossos historiadores—J. Norberto, General Carlos de Campos, Macêdo e até uma senhora cujo nome me escapa no momento em que escrevo.

Quiz apenas lembrar que já temos a historia da mulher patricia e tambem podemos nos orgulhar das nossas antepassadas.

Apenas não conhecemos feministas na accepção da palavra, a não ser, talvez, a redactora do *Jornal das Senhoras* e a philosophinha.

Em julho de 1914 Virgilina de Souza Salles funda o jornal feminino—*A Lucta Moderna*.

Em 1915 mudou o titulo para *Revista Feminina*, que ainda hoje é conservado.

Com um excellente corpo de collaboradores, seria impecavel se não fosse tão exaltadamente partidario, tão fanaticamente apaixonado pelo catholicismo romano.

Anna Rita Malheiros uma penna admiravel e faz as chronicas da Revista paulista.

Pena é que, tão cedo, nos vissemos privadas de Virgilina de Souza Salles. Muito trabalharia ainda pela nossa causa.

No Rio Grande do Sul—Heloisa Mello, Maria Falcão, Henriqueta Mello a outras senhoras—são jornalistas profissionaes como o foi a fundadora da *Revista Feminina*.

Antes, Presciliana Duarte de Almeida, em S. Paulo mesmo, publicou a revista *Mensageira*, na qual collaborou o nosso illustre co-estaduano Dr. Nelson de Senna, descrevendo typos de brasileiras.

Não é preciso falar das nossas contemporaneas.

Julia Lopes, Albertina Bertha, Anna Vieira Cesar, Chrysanthème, Kytta, Gilka Machado, Iracema Guimarães Villela (Abel Juruá), Raymunda Chevalier (Amazonas), Judith Amaral (Ceará), Regina Régis, Francisca Julia da Silva, Julinda Alvim, Alzira Reis, Laurita Lacerda, Irene de Souza Pinto, Carolina e Palmyra Wanderley, Laura da Fonseca e Silva, Rosalina Gabizo Coelho Lisbôa, Edwiges de Sá Pereira, Laura Hassloch, Leonor Posadas, Maria Eugenia, Honorina Bittencourt, Violeta Odette, Sra. Nobre, Fedora do Rego Monteiro, Angela Vargas Bébé de Lima Castro, Candida Nova Kendall, Guiomar Novaes, Antonietta Rudge

Miller, Stella Soller, Lia de Santa Clara, Nina Lopes, Amelia Bevilacqua, etc, etc.—na literatura e nas artes bem provam o talento e a sensibilidade da mulher patricia.

Mas, no mundo do feminismo moderno—tudo por fazer.

Um ponto ou outro, esparsos, é o marco de uma nova era no Brasil.

Em Paris—Zina Teixeira de Carvalho—cirurgiã-dentista e bacharel—curra a faculdade de medicina.

Em S. Paulo defende these e forma-se em medicina Odette Nóra de Azevedo Antunes.

Em Minas a senhorita Alzira Reis.

No Rio, Luisa Cardoso Rebello é docente de inglês na E. Normal, professora de violino (1º premio do Instituto Nacional de Musica), professora de contabilidade e correspondencia commercial do Instituto Profissional Orsina da Fonseca e é formada pela Academia do Commercio.

Educada para a vida, está apta a ser util e a prover a sua subsistencia e da familia.

Ondina Brandão é eleita para a Assembléa Deliberativa da Associação dos Empregados do Commercio.

Leolinda Daltro é ardorosa e extremada feminista depois de ter catechizado indios no Araguaya.

Não sei se falei de Maria Clara da Cunha Santos—R. G. do Sul; Etelvina Gama, Carmen Freire—Rio; Narcisa Amalia, Adelina Amelia Lopes Vieira, Julia Cortines, Zalina Rollim, Ibrantina Cardona, Aurea Pires, Amelia de Oliveira, Alayde Ulrich, Maria Fausta de Figueirêdo, Auta de Souza,—escriptoras e poetisas.

Entre as actrizes—Guilhermina Rocha; na musica a compositora Georgina de Araujo; na caricatura—

Rian; na esculptura—Nicolina Vaz; na pintura—Regina Veiga; Elmira Lima, Zilda Gama e Zaira Araujo (Minas) —nos seus escriptos philosophico-religiosos, e tantas outras attestam o gráu de intelligencia e cultura a que pôde attingir a cerebração da brasileira.

Citam-se ainda os nomes de Etelvina Amalia de Siqueira—Sergipe; Candida de Oliveira Fórtes; Julieta e Revocata de Mello—Rio Grande do Sul.

A primeira victoria feminista no Brasil foi a nomeação de Maria José Rebello Mendes para o nosso corpo diplomatico, devido exclusivamente ao seu grande preparo, á educação que recebeu e que lhe proporcionou erudição capaz do brilhante concurso a que se submetteu.

Os outros candidatos eram todos bachareis e ella obteve sete primeiros lugares, tendo sido examinada em Calligraphia, Dactylographia, Português, Francês, Inglês, Allemão, Geographia Geral e especialmente do Brasil, História Geral e especialmente do Brasil, Arithmetica, Algebra, Noções de Direito Internacional, Publico e Privado e de Direito Constitucional, Administrativo, Civil, Commercial e Industrial brasileiros. Anna Rita Malheiros, na chronica de Outubro—1918, commenta admiravelmente o despacho do Sr. Nilo Peçanha a proposito dessa inscrição ao concurso de uma mulher brasileira para a carreira diplomatica.

Esses casos isolados não constituem ainda desejo de emancipação do sexo; tudo isso significa luta pela vida.

A grande obra foi a Associação da Mulher Brasileira, cuja ideia partiu de uma mulher vidente, emancipada que compreendeu e sentiu a escravidão feminina na Europa e na America. E Mme. Selda Potocka, que me não canço de admirar, teve o pesar intenso de

ver que a mulher brasileira não está educada ainda para pensar na sua emancipação para a libertação de tantos oprimidos.

Tentou congregar as brasileiras em torno da «Associação» que devia florescer e dar excellentes resultados, tão bem amparada parecia estar pela imprensa carioca e pelos elementos que constituíam a sua directoria.

Fracassou a primeira e extraordinaria tentativa.

Não desanimou: entregou-nos o *Consultorio da Mulher*, jornal que appareceu até o 9º numero mais ou menos, destinado a prestar relevantissimos bens á causa da grande Renovação.

Bem escripto, noticioso, erudito e de uma sã moral, independente de partidos politicos ou religiosos o *Consultorio da Mulher* seria em breve uma grande força condensadôra das energias femininas disseminadas neste grande país se as brasileiras lhe tivessem dado seu apoio sentindo o alcance moral-social do enorme sacrificio de M^{me} Selda Potocka.

Alma vidente precursora iniciou em *Rio-Jornal* a secção *Rio-Femina*, agora sob a direcção de Mlle. Gilberta Lutz de quem muito espera a mulher patricia.

Selda Potocka e Gilberta Lutz vão tentar de nôvo congregar os esforços femininos num formidavel programma de associação, e, certamente compreenderemos melhor o grande ideal.

.....
Longe de mim a ideia de desviar a mulher do lar. Sou defensora ardente da unica felicidade completa,—a felicidade domestica.

Desejaria que todas as mulheres pudessem, como eu proclamar a união conjugal.

Clara, alegre, repleta de luz e ar e flores, a nossa

casinha modesta, um ninho a que Albertina Bertha chamou — *bonbonnière* —, é uma moradia que nunca entristeceu a ninguém e faz o nosso orgulho.

Não procuramos esconder a sua alegria, como avarentos nem fazemo-la ostensiva, mas, é tanta que extravasa pelas gretas e annuncia lá fóra—sem que possamos impedi-lo.

Sou adepta fervorosa do casamento, sacerdotisa do amôr, mas do amôr—filho de Venus Urania e não de Venus Aphrodite.

Sou entusiasta do amôr que une duas almas para a compreensão do Infinito; do amôr de origem celeste do amôr puro de Pythagoras, do amôr mais espiritual que carnal.

O lar é o reino da mulher.

A mãe nada deve fazer sem consultar o interesse dos filhos.

E quanta ternura, quanta alegria intima proporciona a si mesma—amando o esposo, educando os fructos desse amôr!

O amôr é o fim para aonde caminham todas as aspirações humanas.

Mulher nenhuma trocará as delicias de um lar perfeitamente feliz pelas vaidades que a sociedade insufla.

O feminismo em vez de destruir os lares deve consolida-los.

Eu, para mim, nada mais desejo a não ser instrucção -- contribuindo com uma pequenina pedra para os alicerces do novo templo.

As escriptoras, as mulheres instruidas não têm o direito de se deixar ficar indifferentes ante a miseria material e moral da mulher.

Por isso--são mais ou menos responsaveis pelo

que as outras soffrem, são mais responsaveis pela felicidade do lar e têm mais deveres, mais trabalhos afim de que os maridos não possam reclamar o tempo gasto a escrever, a lêr e a pensar. . .

A penna entre os dedos de uma mulher deve ser como o prenuncio de outras felicidades, o evangelho de outros lares.

O feminismo não póde servir de espantalho aos homens que vão constituir familia. Pelo contrario, e, a proposito lembro-me de Faguet : «Cousa curiosa, o feminismo desvia do casamento precisamente aquellas que, pela sua sciencia, pela sua coragem, pela aptidão que mostram nas occupações sólidas, pela firmeza d'alma e de espirito que sentem, pela sua propria autonomia e pela sua forte personalidade, viriam a ser excellentes esposas e mães de familia preciosas, ou antes, sem preço: e tende a não deixar para o casamento senão aquellas que têm almas de cortesãs.»

Têm receio de esposas escriptoras.

E' que imaginam a nossa vida tão differente !

Temos mais trabalho que as outras mães de familia — aquellas que se não dedicam ás letras e mui raramente escrevem e com difficuldade — uma simples carta ao filho ausente.

Além dos compromissos assumidos na sociedade onde vivemos — presidente de uma associação, socia de uma liga qualquer, membro de uma caixa beneficente, etc. etc., — somos mulheres como as outras, mães e esposas, donas de casa, cozinheiras na falta de criadas, costureiras e tudo quanto é preciso para ser uma excellente *ménagère*.

Sempre cosí toda a roupa branca dos meus — as camisas de noite e os pijamas de meu marido, as

roupas das camas e de mesa, as roupas dos filhinhos adoptivos, os meus vestidos, e saibam leitores meus, —por prazer e por economia.

Quantas vezes deixo a penna para limpar os móveis, para vêr a sobremesa de que gósta meu marido, para *bater um bôlo* que faça o chá mais agradável, para dar um banho no filhinho, serzir as meias ou lavar algumas roupas mais finas ?

Eu a descanço sem pesar e, nunca uma só pessoa que tenha entrado em nossa casinha deixou de admirar as flores do nosso jardim, as lindas rosas cultivadas pelo espôso feliz—nas suas horas de repouso dos trabalhos de funcionario publico « *como toda gente* »

E ellas allegram os nossos olhos que se não sa-
ciam de amôr e querem a arte como complemento...

Sobra-me tempo para a vida social, para pintar a oleo, confeccionar trabalhinhos de arte applicada com que adorno o meu HOME, para tocar valsas ao piano e frequentar assiduamente o cinematographo.

Não falho ás minhas aulas. Fui a primeira professora dos meus filhinhos e, até hoje, gabo-me de ser a sua melhor mestra.

Nada ha a admirar : é que nem todo o dia se cose, nem todo o dia se faz trabalho de arte.

E' methodo na divisão das occupações e vivacidade para tudo vêr, para dar ordens e exigir que se conserve o que está arranjado .

Não quero dizer com isso que não haja falhas: ha muitas, muitissimas: duvido, entretanto, que a melhor *ménagère* não deixe alguma cousa a desejar.

Desculpem-me—leitores meus—: se tanto falo de mim, é exclusivamente para mostrar que a minha penna não fez a infelicidade de um lar, pelo contrario —

quantas vezes eu me submetto ás exigencias domesticas ?...

A vida das escriptoras e principalmente daquellas que deixam exemplos e preceitos que dignificam é muito mais trabalhosa e de mais mérito que a de qualquer escriptor. Este só vive a vida de gabinete e dos negocios que se ajustam em gabinetes.

A mulher, mãe de familia ou não, tem mil pequeninos trabalhos domesticos e preoccupações que a absorvem a vida inteira e não apparecem nunca aos olhos profanos.

Refiro-me ás que trabalham : ha tanta ociosidade feminina em meios anti-feministas...

Ha tantos lares descuidados e tantos filhos entregues ás criadas entre a *gente fina* — onde a mulher só quer gozar e nada deseja saber a proposito de feminismo ...

Para terminar, direi ainda : no dia em que as mulheres forem solidarias, quando compreenderem a sua missão, nesse dia a humanidade poderá exultar porquanto estará redimida para uma outra *Renovação* que o nosso espirito não apreendeu por ora mas que surgirá sem duvida.

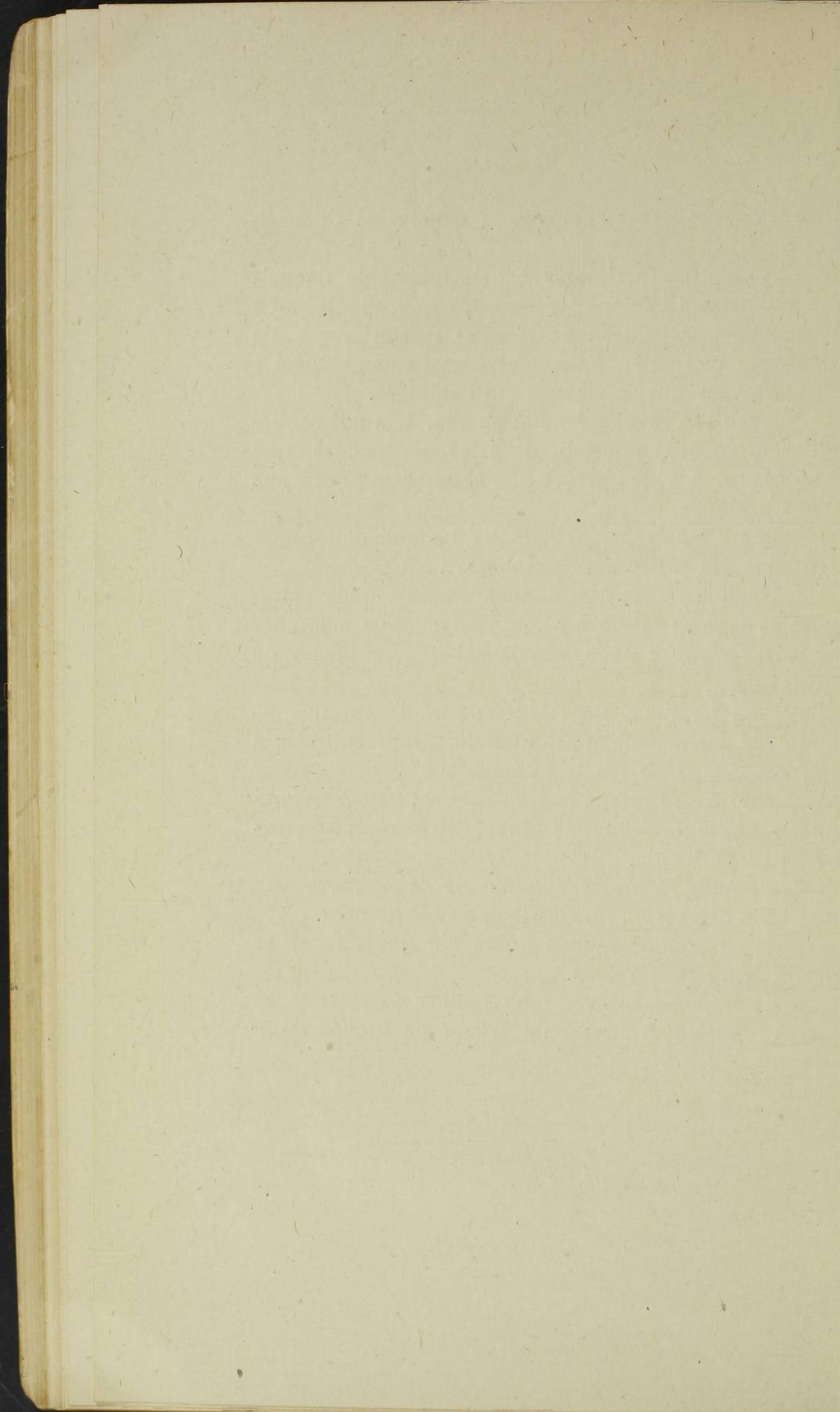
E nóvos idéaes substituirão os de agora .

E o céu viverá no coração de cada homem.

Renascemos muitos vezes até que a Terra se desfaça em outras Terras.

E enquanto houver uma mulher sacrificada as outras não tem o direito de cruzar os braços indifferentes.

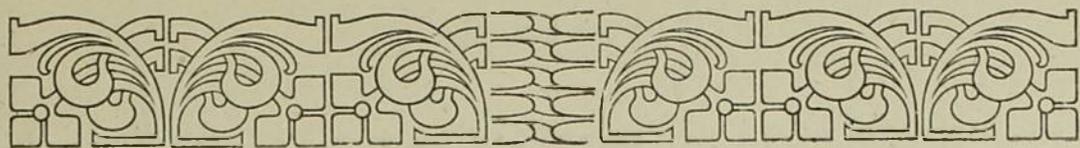






O suffragio femminile





O suffragio feminino



Para que a sociedade futura surja, cheia de vida, da sociedade que agonisa—è necessario que impulsionemos a ascensão,—reorganizando-a.

Até que irrompa o Sól do grande Amôr será mister o esforço penetrante das consciencias esparsas.

A evolução é um dos meios de renovação social.

Não é o direito de voto á mulher que nos vae trazer felicidade: beneficiará um grupo e póde ser de elevado alcance moral se esse grupo estiver na altura de compreender as necessidades actuaes e o mal estar que reina em todas as classes da sociedade.

Mas—a emancipação de que tratamos deve abranger o grande tódo.

O voto é um dos meios para o Fim.

Esse pequenino grupo emancipado deverá cuidar conscientemente da obra renovadôra.

«Os homens têm todos os direitos politicos que se reclamam para a mulher e nem por isso a sua

maioria deixa de ser menos miseravel» já o disse um sociologo.

O voto feminino será mais uma alavanca para o resalto vigoroso da acção emancipadôra.

Compete á mulher cooperar directamente na legislação atenuando-lhe os inconvenientes provindos de interesses masculinos, modificando-a para beneficio da collectividade até que as leis sejam desnecessarias quando os homens souberem amar a justiça num meio onde os compromissos sejam formulados nas seguintes palavras: «*Todos por um, um por todos.*»

Até que vivamos noutra sociedade na qual cada homem fará o seu governo proprio, até que sejamos substituidos por um povo fórte em moral e instrucção —temos que nos sujeitar ao suffragio universal, (universal não sei por que!) uma burla, e, principalmente que a mulher trabalhe para ter representantes nas Camaras assegurando os nossos direitos.

Não esperemos muito dos homens: estão sempre occupados consigo mesmos para ter tempo de pensar em nós.

E' preciso que a mulher dê um mergulho nessa papelada que se chama—*leis*...

Que as brasileiras iniciem a campanha regeneradôra.

Que se levantem, que protestem, que o exijam.

Na Inglaterra, na America do Norte trabalharam muito e muito soffreram até que obtivessem uma parcella minima do resultado desejado.

Os homens nada lhes offereceram. E' a regra.

Não é demais repetir sempre: «A liberdade não se pede—conquista-se».

Agora mesmo, na Argentina, á proposito do movimento do partido feminista, *El Diario* pergunta:

«Que querem as mulheres reivindicar, quando aqui nunca tiveram direitos?» Ainda bem que elles mesmos o confessam !

«Suppor que estamos na mesma altura da Europa e dos Estados Unidos é absolutamente um erro. Bastará ver a porcentagem do nosso analphabetismo. E' facto que em Buenos Ayres e nas capitaes das provincias a cultura feminina está em proporção animadôra, mas no resto do país o analphabetismo feminino excede muito ao masculino.»

Mas que fórte argumento !

O numero de analphabetos, no interior, (não me consta que haja estatistica nesse sentido) é igual, mais ou menos, eutre homens e mulheres.

Além disso sabemos que muitos países da Europa não conseguiram e outros nem mesmo trabalharam de facto (como o Brasil — governos e dirigentes), para extinguir o analphabetismo dentro dos respectivos territorios. Estamos fartos de ouvir os escriptores portugêses, clamar contra o descuido com que tratam, em Portugal, as questões de ensino primario.

E a Hespanha ? E a Russia ? E a Turquia ?

Além disso, o analphabetismo de um país é razão para que colloquem todas as mulheres desse país na categoria dos selvagens, dos loucos, dos cretinos ou dos anormaes ?

Quantas mulheres, durante a guerra, provaram extraordinarias aptidões financeiras, industriaes, etc., etc. a ponto de serem eleitas em substituição aos homens ?

O mundo de amanhã será o resultado do esforço e da capacidade de trabalho de ambos os sexos. Que enormidade vae ser !

.....

Não basta eleger—é preciso que a mulher seja eleita.

Eu só daria o meu voto a outra mulher.

Irrita-ma tudo quanto se refere a politica.

Os governos são sempre os mesmos com este ou aquelle partido.

A politica cega e a ambição faz esquecer a justiça.

Esquivo-me de pensar nos dirigentes do meu País : prefiro sonhar e agir em pról da sociedade futura—quando os homens se governarem pela propria consciencia, clarividente, moral.

Os individuos eu os admiro pelo caracter, pelo talento, pela cultura : como politicos são detestaveis.

Que me perdoem os meus amigos politicos : se pensarem bem, verão que o seu mérito, para mim, é maior : fecho os olhos á entidade politica, para só ver o homem.

Isso, com relação aos politicos de ideias mais amplas. Em se tratando da mesquinha politica do interior, uma calamidade, politicagem de jornaes tolos e pretenciosos, é, então. o que ha de mais desprezivel, ridiculo a ponto de revoltar, impellindo-nos a uma "*neutralidade agressiva.*"!

Preferirei sempre fugir de qualquer movimento referente a governos e principalmente a eleições : das urnas não sairá nunca a expressão da verdade.

Se a mulher brasileira puder ser eleita enquanto eu viver, se a candidata fôr uma fanatica, ou principalmente se fôr uma exaltada religiosa ou defensora de tradicionalismos oppressivos, — continuarei a guardar o meu insignificante voto para occasião mais opportuna...

Servirá de joguete de partidos nas mãos dos homens e das corporações religiosas,—aprenderá por si e trará a nós outras, muita experiencia...

Eu quero a mulher com direitos politicos para combater o alcool, o jogo, a prostituição, a mendicidade exploradora, para fundar escolas profissionaes onde o trabalho da criança não seja explorado, para abrir asylos ás crianças desamparadas, póstos de socorro ou auxilio ás mães, postos de saude publica e hygiene, assistencia medico-dentaria, associações operarias, para fazer florescentes as sciencias e as artes, proteger a mulher criando-lhe profissões e meios que lhe permittam viver honestamente, fundar associações de moços desviando-os do vicio e do crime, etc. etc.

Eu quero a mulher politica a serviço do policiamento de costumes, emancipada, sacerdotisa do verdadeiro amor, velando pela mulher e pela criança, no lar, na officina, na escola, na rua, por toda parte.

Os homens que se occupem de politica e a mulher fará a completa renovação quando conseguir a emancipação de um grupo de mulheres de bôa vontade.

Para o programma, faz-se mistér que esse grupo seja capaz de sentir no ser, em cada fibra, o turbilhonamento que o impulsione á revolta consciente para a Grande Resurreição.

E' preciso que a mulher se emancipe e só queira servir á Justiça, só trabalhe para o futuro, só vise um interesse:—o interesse collectivo, só tenha uma ambição, só reconheça na carreira politica um partido: o partido dos escravos modernos, dos opprimidos, dos fracos e indefesos, o partido que clama implorando simplesmente o direito de igualdade.

Foi com mulheres dessa tempera moral que se acendeu a lucta grandiosa do feminismo moderno.

Submettidas ás mais terriveis provas, exaltadas ao ridiculo pelos conservadores, caminharam como

heroínas da fé, insensíveis aos ataques e aos motejos e mudaram a directriz da civilisação que vivemos.

.....

Um rapido olhar pelo movimento suffragista feminino. «Em nome de que principio, em nome de que direito, repellem as mulheres das funcções politicas num Estado republicano? Eu o não vejo. A palavra representação nacional significa representação da nação. Será que as mulheres não fazem parte da nação? Esta assembléa tem por fim constituir e manter os direitos do pòvo francês? As mulheres não farão parte do povo francês? O direito de eleger e de ser eleito é fundado para os homens sob o titulo de criaturas intelligentes e livres. Não serão as mulheres, criaturas livres e intelligentes?» E Condorcet, (1741-1794) com aquella formidavel logica, destruindo todos os argumentos contrarios foi o mais exaltado defensor dos direitos femininos no movimento feminista moderno.

Parece que foi Sturt Mill o primeiro inglêz defensor dos direitos politicos da mulher, em 1867, num discurso na Camara dos Communs.

Protestava, não admittindo que ellas fossem classificadas entre os idiotas, os loucos e as crianças.

Queria, entretanto, que esse direito fosse apenas concedido ás mulheres proprietarias e ás solteiras que pagassem imposto, em razão do principio da lei inglesa: *não ha imposto sem representação*.

Na America do Norte, Mrs. Adam, exigiu do marido, presidente dos Estados Unidos, a admissão das mulheres nas escolas e o direito de um representante feminino na constituição que ia ser promulgada, dizendo: «Se a futura constituição não consagrar á mulher uma attenção particular, estamos decididas á re-

volta; não nos submeteremos a leis que não nos concedam uma voz, um representante, para a defesa dos nossos interesses.» E ao ser votada a constituição Norte Americana, por poucos votos deixou a mulher de ter esse direito. Washington concedera-lhe o voto cassando-o mais tarde. Mrs. Jolivon Croahe é a primeira mulher que toma lugar na Camara dos Deputados, naquelle estado.

Em 1872, o governador de Massachussets recommenda, insistentemente o voto feminino. Os estados Utah, Idaho, Colorado, Wyaming, concederam, o suffragio politico completo, ás mulheres. Wyaming em primeiro logar—1869. Os estados de Iowa e Montana, permittiam-no nas questões financeiras. O de Kansas, nas eleições municipaes. Não eram eleitas mas serviam no jury e podiam occupar cargos electivos municipaes. Mrs. A. J. Peavy, no Colorado foi eleita ministro da instrucção publica do estado.

A cohesão feminina fez o triumpho da americana. O presidente Wilson, trabalhando pela sua eleição, prometeu-lhes advogar a causa e está cumprindo essa promessa.

Depois do armisticio, respondendo a mensagem que as associações feministas da America do Norte, França, Inglaterra, Belgica, Italia e Portugal, lhe dirigiram, disse: «Li vossa mensagem com o mais profundo interesse, e felicito-me por esta oportunidade na qual vos posso exprimir sem nenhuma reserva, que, a completa e sincera reconstrução democratica do mundo, pela qual estamos lutando e havemos de conseguir custe o que custar, não será alcançada de modo algum e adequadamente enquanto não fôr reconhecido o direito de suffragio politico da mulher, sendo só por este acto que as nações do mundo poderão

realisar, para beneficio das futuras gerações, os ideais de uma inteira força de opinião e de acção humana.

Os serviços da mulher nesta suprema crise da historia do mundo têm sido da maior utilidade e relevancia. A guerra não podia ser levada a bom termo sem ella e sem os sacrificios que ella tem sabido supportar.

Chegou a hora de ser reconhecida e paga uma parte da nossa divida de gratidão para com ella, e a unica recompensa que nos pede è o direito de voto. Podemos nós outros, com justiça, recusar-lh'o? No que toca á America do Norte é minha mais ardente esperanza que o Senado dê uma satisfatoria resposta áquella pergunta, aprovando a emenda que cria aquelle direito antes que termine a presente reunião.

Cordeal e sinceramente—Woodrow Wilson.»

No Senado, apresentou uma emenda, com o seguinte commentario: «Como commandante-chefe do exercito e da armada, declaro que o suffragio feminino é vitalmente e essencialmente necessario para o proseguimento victorioso da grande guerra pela humanidade. E' dever do Senado remover todo obstaculo no caminho da victoria alliada.

Isso é uma guerra do povo. (!) Si somos realmente democratas e queremos guiar o mundo para a democracia, não podemos pedir aos outros povos senão que acreditem nos nossas proprias acções. (!)

Essa medida não é tão sómente vital para a victoria dessa guerra, mas é tambem para a solução dos innumerados problemas que surgirão logo após a terminação das hostilidades.»

A mensagem ou memorial feminista foi entregue

a Wilson pela senhora Carrie Chapman Catt, presidente da *National American Woman Suffrage Association*.

O partido democratico propôs uma emenda á constituição federal, dando o voto á mulher.

A camara de Washington approvou-a por 274 votos contra 136; o Senado regeitou-a. Parece que os estados têm sete annos para votar ou não a emenda. (!)

No *Diario das Mulheres*, de Chicago, em dezembro de 1872, o juiz Kingmann, escrevia á proposito do voto, mostrando as vantagens da entrada da mulher nas eleições e nos negocios publicos, concluindo do seguinte modo : «Declaro em alta voz : ao passo que, como resultado dessa modificação foram notadas vantagens e beneficios para a vida publica, não foi encontrado damno nem inconveniente algum para a domestica, apesar dos augurios funestos que a concessão outorgada ás mulheres inspirou aos adversarios desta medida.»

Parece que os estados de Virginia e New-Jersey foram os primeiros que, em todo o mundo, concederam o direito de voto á mulher.

Na Inglaterra, desde o principio do seculo XIX, o feminismo tem tido defensores. Schelley pede para a mulher a instrucção solida, e em 1873 funda-se o *Girton College*, primeira universidade feminina.

Em 1898 a Grã-Bretanha tinha 4 universidades para moças e as de *Oxford* e *Cambridge* admittiam mulheres. Em pouco tempo ha architectas, medicas, advogadas, engenheiras. Conseguem o direito electivo municipal em 1869; em 1870 elegem e são eleitas em commissões escolares; em 1894 podem ser juizes de paz, eleitas nas parochias e districtos. Em 1881, em Man, ilha irlandêsa, obtem direito de

voto a mulher proprietaria e póde votar até nas eleições parlamentares.

A Inglaterra em 1913 formou dois partidos calorosos, em torno do suffragio feminino. Mr. Asquith, lord Crewe, Mac Kenna, Pease, Hobhouse, Harcourt, Seely e outros, são contrarios.

Lloyd George, Edward Grey, lord Morley, Birrell, Buxton, Runciman, lord Haldane, lord Beauchamp. Balfour, Wyndam, Bonar Law, etc., favoraveis e até entusiastas. Os adversarios do voto feminino, depois de discussões vivas, apaixonadas, obtiveram a maioria de 47 votos.

As suffragistas perderam a calma e vingaram-se quebrando *vitrines*, queimando um pavilhão de chá, convocando *meetings* que foram dissolvidos e, tendo sido presas, promovem a “greve da fome”. Mrs. Pankhurst assumiu a responsabilidade de todos os actos das suffragistas tendo sido condemnada a 3 annos de trabalhos forçados.

Dinamitaram uma estação de estrada de ferro, incendiaram, mutilaram obras de arte, etc.

Mrs. Pankhurst alimentava as desordens assumindo a direcção de todos os attentados e acceitando calma, as consequencias.

Mr. Asquith foi agredido ao sair do Parlamento.

Naocasião das eleições para a renovação da Camara dos Communs, suffragistas recommendavam em cartazes enormes e vistosos os nomes dos candidatos feministas.

Mme. Despard, irmã do general John French, faz comicios e discursos em Trafalgar - Square.

A filha de Asquith foi atirada ao rio pelas revoltadas e elle teve que tomar um banho, contra gosto.

Durante a guerra, todas as suffragistas inclusive a senhora Pankhurst, invadiram os hospitaes, os asylos as fabricas e foram trabalhar pela causa commum, offerecendo-se á Inglaterra para todos os serviços.

Mr. Asquith tornou-se favoravel ao seu desejo.

A Inglaterra reconhecida concedeu-lhe o direito do suffraggio. A Camara dos Lords approvou o projecto por 134 votos contra 69.

As associações feministas inglêsas logo que tiveram conhecimento da lei que lhes concedia o tão almejado direito, lançaram um manifesto ás nações aliadas e especialmente ás mulheres, manifesto assignado por Mrs. Pankhurst, Miss. Christabell Pankhurst, Flora Drumond, Annie Kenney, etc.

Nesse manifesto compromettem-se a trabalhar no remodelamento do mappa da Europa com o fim de libertar as nações que estão sob o jugo dos allemães e seus alliados, «tornando-lhes impossivel os meios de fazer outra guerra com alguma probabilidade de exito».

Na Australia em 1892 já a mulher havia conseguido esse direito. Na Australia Meridional, em 1894, era eleitora e podia ser eleita.

Depois da Constituição federal obteve o suffragio na Nova Galles do Sul em 1902; na Tasmania em 1903; em Gueensland em 1905; eleitoras, não eram elegiveis ao parlamento.

Em Nova-Zelandia, desde 1893 vão ao parlamento.

A australiana provocou uma guerra sem treguas ao alcoolismo e protegeu o operario, as crianças e os invalidos.

Em 1906, Na Russia, foi sancionada a lei dando o direito de voto á mulher depois dos 24 annos, e na

Finlandia a mulher é eleita: em 1907 foram eleitas 18 deputadas e em 1908 - 25.

Na Noruega, para ser elegivel, devia ter 30 annos, ser eleitora de districto e alli residir desde 10 annos antes. Aos 25 podia votar quando pagava impostos e alli residia desde 5 annos anteriores.

A lei de 11 de Junho de 1913 fez a mulher com os mesmos direitos politicos dos homens.

Na Dinamarca em 1908 foi instituido o suffragio feminino exclusivamente nas eleições municipaes.

Em 1911 a “Associação Portuguêsa de Propaganda Feminista” publicou um opusculo — “O Voto da Mulher em Portugal”, no qual commenta a sentença favoravel pronunciada em resposta ao requerimento da Dra. Carolina Beatriz Angelo, que, baseada nos termos da lei que declara eleitora e elegivel, sem excepção de sexo, quem lê e escreve, chefe de familia ou quem paga impostos ao Estado,—requer o seu direito de voto. O magistrado favoravel foi o Dr. João Baptista de Castro, pai da escriptora Anna de Castro Osorio. O Dr. Theophilo Braga tambem feminista caloroso, em discurso, prova á luz da razão o direito que temos ao voto.

Mme. Carolina Beatriz Angelo e Anna de Castro Osorio, a primeira — medica, viuva, chefe de familia, a segunda — romancista e jornalista, — em nome da Associação Portuguêsa, reclamaram esse direito.

Nada conseguindo, a 1^a. appellou para os tribunaes e por acaso o Juiz, em cujas mãos foi ter o processo, mostrou-se favoravel.

A Associação quer o voto, com restricções, somente para as mulheres em condições de votar, de comprehender o alcance desse direito que accarreta deveres.

O Dr. Affonso Costa, ministro português em 1911, Dr. Bernardino Machado, Sr. José Relvas, Dr. Magalhães Lima — Grão Mestre da Franco-Maçonaria portuguesa, — todos foram favoráveis.

A sentença é baseada na sua condição de chefe de família, cidadão português, etc, etc, e — «Considerando que bem depressa far-se-á justiça á verdadeira cruzada das suffragistas em França, Inglaterra, Allemanha e Italia, porque a concessão do voto a todas as mulheres do mundo civilizado é uma questão de tempo, visto como essa concessão é manifestamente para a justiça e interesse geral, — «Considerando que está provado que a intervenção das mulheres na vida publica das nações é da maior influencia civilizadora porquanto as assembléas eleitoras onde são ellas admittidas tornam-se mais correctas, e o vicio do alcoolismo diminue muito; «Considerando que impedindo a mulher, mesmo notavel como a requerente, de ser eleitora e de intervir nos negocios publicos — somente porque é mulher, como foi dito a folhas 6 verso — é simplesmente absurdo e iniquo e em opposição com as ideias de democracia e de justiça proclamadas pelo partido republicano, mesmo porque a requerente possúe todas as qualidades para ser eleitora, não pode arbitrariamente ser excluida do recenseamento eleitoral, porque onde a lei não distingue o juiz não póde distinguir...

«E' por isso, obedecendo aos verdadeiros principios da justiça social moderna: julgo a reclamação presente como tendo direito e ordeno que a requerente seja inclusa no recenseamento eleitoral em preparação, no lugar e condições necessarias. Determino que se execute.»

Na entrevista que o Dr. João Baptista de Castro concedeu ao "*Tempo*" de Lisbôa, á proposito desta sentença disse ainda: «A mulher tem sempre uma certa influencia na politica; ha localidades onde é ella quem põe e dispõe. Pois bem, é esta influencia occulta da mulher que é preciso destruir e lhe dar toda a liberdade de se manifestar abertamente e francamente. E' mais honesto. A mulher bem educada, tendo uma certa instrucção, tem realmente o direito de intervir na politica do seu país. Ninguém -- melhor que ella poderá legislar para a mulher e para a criança.»

O Comité director da Associação de Propaganda Feminista em Portugal é composto da doutora Carolina Beatriz Angelo, Snra. Joanna de Almeida Nogueira, Snra. Anna de Castro Osorio, Stas. Laura Monteiro Torres, Constança Dias, Rita Dantas Machado, Maria Irene Zuzarte.

.....
No Brasil a Assembléa Geral Constituinte discutio o voto feminino. Lopes Trovão apresentou uma emenda ao projecto de Costa Machado—favoravel ao voto da mulher, — pedindo que só votassem as que reunissem determinadas condições.

Depois, no Congresso, Saldanha Marinho de novo propôs a ideia e foi applaudido por 30 e tantos companheiros.

Queria o voto para as diplomadas com titulos scientificos ou de professoras, as casadas e as que possuissem bens.

O deputado pela Bahia, Zama, na Constituição, chegou a proclamar «Quero o suffragio universal directo, tão universal que até ás mulheres se estenda o direito de tomar parte no festim politico. Riem-

se alguns da ideia que sustento e riem-se outros por verem um homem de cabellos brancos, que devia mostrar mais prudencia, não receiar que as funcções politicas no nosso paiz sejam tambem exercidas pelo bello sexo. Nós afastamos a mulher porque somos excessivamente vaidosos, por isso que não temos superioridade alguma sobre ella e ella é muitas vezes superior ao homem.

Abri a historia e encontrareis em cada uma das suas paginas, provas de aptidão da mulher para as mais altas funcções.»

Tambem o deputado por S. Paulo, -- Almeida Nogueira bateu-se pela ideia, dizendo que a mulher sempre teve o direito do voto porquanto a Constituição só excluia os soldados, (praças de pret) os religiosos de ordens monocaes o os analphabetos.

Alguem lhe disse que um aviso do Ministro do Interior proibira-lhe esse direito e o deputado objectou que um aviso do Ministro não podia revogar a Constituição e que o codigo penal fala *criminosos* e não exclue a mulher e a Constituição falando *brasileiros* tambem não póde excluir a mulher.

Surgiu a emenda assignada por Lopes Trovão, Costa Machado, Nilo Peçanha, Saldanha Marinho, Erico Coelho, Indio do Brasil, Zama, Leopoldo de Bulhões e outros, — emenda apresentada por Saldanha Marinho. Combateu-a o deputado pelo Espirito Santo--Muniz Freire, allegando que traria a destruição da familia, considerando-a immoral.

Epitacio Pessôa—pela Parahyba, Barbosa Lima, Lacerda Coutinho, José Bevilacqua e outros—foram inteiramente contrarios e alguns assignaram protestando em declaração por escripto.

Saldanha Marinho na segunda discussão esten-

deu esse direito ás que exercessem cargos publicos.

Serzedello Correia mostrou-se contrario depois de parecer ter sido favoravel.

Como todos allegavam o desaparecimento da familia, propuseram então, que as casadas fossem excluidas. Essa emenda foi apresentada pelos Srs. Zama e Sá Andrade.

Cabe á mulher mineira o prazer de ter tido, de Minas, o seu mais ardente defensor.

Costa Machado, combatido por Pedro Americo— pintor e deputado parahybano—foi inexcedivel de ardor pela causa.

Então, apresentaram a emenda concedendo o voto ás casadas—commerciantes, industriaes, agricultoras, professoras, as que exercessem cargos publicos ou tivessem titulos.

Costa Machado declarou que, sendo velho, não pretendia agradar ao bello sexo.

Em conclusão, todas as emendas caíram, tudo ficou como dantes.

Agora, surge a figura exaltada, moça e brilhante de Mauricio de Lacerda — deputado fluminense, e diz categoricamente: « *ou as mulheres têm o direito de voto ou não ha mulheres brasileiras* ».

Eis o projecto do Sr. Mauricio de Lacerda : « O Congresso Nacional resolve alterar a lei n. 3.139 de 2 de agosto de 1916, da seguinte forma:

Capitulo 1.:

Art.—Entre os eleitores de que tratam os artigos 1 e 2 (lei 3.139, de 2 de agosto de 1916, capitulo I) e na conformidade do que dispoem nos artigos 70 e 71 da Constituição Federal, estão comprehendidas as mulheres maiores de 21 annos que souberem ler e escrever e não incorrerem em nenhum dos casos do

art. 70, ns. 1, 2 e 4 da Constituição Federal, as quaes serão alistaveis na forma do disposto na referida Constituição e lei citada.

Capitulo II:

Art.—Aos alistandos, de qualquer sexo, operarios das industrias particulares ou do Estado (nestes comprehendidos a União, os Estados e municipios), colonos ou trabalhadores agricolas, empregados no commercio e aos estudantes de qualquer curso, não será exigida a prova de renda de que trata a letra B, paragrapho 2º do artigo 5º da citada lei, devendo os mesmos suppril-a pela prova do seu emprego por meio de attestações dos patrões ou professores, devidamente comprovada na forma da referida letra A, a idoneidade destes.

Art.—A prova de renda a que se refere a letra B do artigo 5º da citada lei em caso algum poderá ser arbitrada num “quantum”, sendo sufficiente a de qualquer renda, officio ou profissão que o alistando affirme ser bastante para afastal-o da mendicancia.

Art.—Aos mendigos são equiparados os desoccupados legalmente reputados como taes por occasião de se alistarem.

Art.—Em caso algum poderá ser excluido o alistando sob fundamento, mesmo provado, que se tenha por qualquer motivo visto privado de renda, officio ou profissão tida ou havida no momento de seu alistamento .

Art.—Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 12 de Junho de 1917— Mauricio de Lacerda”.

Surgiram nóvas discussões e nóvos debates como todos sabem.

Entre os contrarios citaremos Mello Franco; vo-

tou fundamentando que já hávia sido discutido pela constituinte e que o Dr. J. Barbalho, deputado, juiz, publicista pernambucano, como seu interprete foi contrario excluindo a mulher do direito ao suffragio nas primeiras emendas aos projectos da constituinte, e declara o voto feminino inconstitucional.

Estou certa que em 1919, talvez mesmo antes de ser publicado o meu pobre—*Renovação*, Mauricio de Lacerda e outros, de nôvo sustentarão a sua ideia progressista e generosa.

Não seremos piores deputados que os nossos deputados! Isso Nunca... Não faremos mais torpe politicagem.

Dir-se-á que têm receio da concurrencia... Não ha mais quem affirme *sériamente* a nossa inferioridade e não ha quem *sériamente* discuta o perigo que corre a familia quando a mulher for chamada a occupar o seu logar, muito seu e que lhe foi usurpado, covardemente, pelo homem egoista e vaidoso.

Demais, não temos ainda esse direito, não votamos por emquanto e nem por isso, pelo menos no Rio, a familia anda lá muito bem...

Quando o voto chegar até nós talvez já as cousas estejam bem difficeis de ser amparadas.

Não me consta que em Petropolis, aqui no Brasil, a mulher tenha o direito de votar, e, no entanto, o que consta, segundo as chronicas, é que *gente fina* — rapazes e moças vão juntos ao banho da meia noite!...

O que sabemos é que as moças mais namoradeiras, mais *coquettes* e que mais concessões fazem são as mais homenageadas pelos homens os quaes dizem sonhar com o ideal de perfeição e pureza.

Com franqueza, não compreendo esse ideal que incita a mulher á perversão de costumes.

Triste verdade! Se a propria mulher não reagir contra tão abominavel depravação de character, até onde iremos parar? Não tenho necessidade de repetir aqui o que já disse na minha conferencia — *Porque vence o porvir?*

No entanto, não foi o voto feminino que perverteu a familia brasileira, pelo menos das capitaes, que, no interior e lá mesmo ainda ha as boas tradições de character e honradez. Porque é que o voto disvirtúa a mulher? Se é assim, tambem disvirtúa o homem de bons sentimentos.

As leis não são feitas exclusivamente para os homens: as mulheres vão á cadeia por crimes politicos e, no entanto não têm criterio para a politica, dizem os conservadores. Não estão preparadas: e os eleitores, todos elles têm consciencia do que seja o voto?

Não são os mandões que fazem as *chapas* e, as vezes, de ante-mão sabem o resultado da votação?

Uma mulher será menos capaz de vender o seu voto como fizeram muitos eleitores masculinos nas nossas ultimas eleições e os chefões teriam menos coragem de compra-los á mão de uma senhora!

As negociatas feitas com deputados masculinos não serão executadas pelas mulheres, pelo menos com a mesma facilidade porquanto a mulher é mais idealista e colloca os seus sonhos acima das aspirações pecuniarias. A' proposito lembro-me de haver lido que uma revista americana fazendo experiencia de honestidade, enviou 100 cartas, cada uma com uma nota de 1 dollar a grupos de 5 pessoas de diversas profissões. Pelo endereço interior verificavam que havia engano; 65% mandaram o dinheiro ao respectivo dono, dessas 65%, — em 50 mulheres, 34 foram honestas. Entre os homens 30.

Com a experiencia ganhámos nós em honrabilidade; differença minima, entretanto differença. E é preciso notar que as americanas devem estar esper-tissimas pela experiencia...

Entre nós a differença será muito maior.

Voltemos aos nossos votos.

Provado está o tino administrativo e valor dirigente das mulheres. As abbadessas de Fontevrault a dirigir toda a corporação religiosa e até os abbades; Sta. Thereza — fundando e remodelando o mosteiro da Hespanha ; a abbadessa Théophegnie recusando ao sénéchal de Poitou o direito de julgar religiosos em 1349; Maria de Bretanha que traça, em 1500, novos estatutos de ordem religiosa ; as superiores dos conventos e asylos; as religiosas de Port-Royal—cuja tenacidade provocou de um arcebispo a seguinte phrase : «Sois puras como anjos e sabias como theologas, mas orgulhosas como Lucifer ! », e tantas outras, mostram, pelos factos, a intelligencia e a energia da mulher, a sua acção proveitosa quando se entrega a serviço da collectividade.

Mme. de Tallien, marquêsa de Fontenay, a mulher que salvou a cidade de Bordeaux do massacre e arrancou Paris do regime implantado com o terror, mulher extraordinaria, celebre pela sua belleza, seu espirito e seu coração generoso, serviu-se do seu prestigio sobre o proconsul Tallien para salvar da morte uma multidão de victimas. Exerceu grande influencia em Paris depois mesmo da sua prisão como revolucinaria, e foi salva pelo 9 thermidor.

Essa senhora escreveu á Convenção eloquente carta no anno II da Republica, aos 20 annos de idade pedindo, que os deveres e direitos das mulheres fossem convertidos em leis e ella desejaría ser

a primeira chamada a cumpri-los — indo aos hospitaes, ás sociedades beneficentes, aos asylos afim de trabalhar pela Patria como os cidadãos francêses.

Na politica, estamos fartos de saber que ella intervem e que tem sagacidade, tino, intelligencia e descortino, tal como o homem.

Semiramis, Arthemisia, as Aspacias, File—a quem seu pai consultava sobre o governo da Macedonia, Sivia, Agripina—mãe de Atalarico, Calharina de Medicis, Izabel da Inglaterra, as lacedemonias que eram verdadeiras cidadãs com relação á politica, as rainhas de que falla Plinio — entre ellas a de Sabá; Zenobia, Aretafila esposa de Nicotrato—soberano da Libia—generosa e patriota, a filha de Mitridates—Dripetina, Clelia, Eponina, Margarida da Dinamarca, Joanna D'Arc, Marulla de Lemnos, Maria Pita, Anna de Baux—guerreira flamenga, as mulheres soldados de Monomotapa na Africa, as Amazonas, Joanna Hachette e as francesas soldados de Beauvais, Catharina II, Anna da Austria, Anna Ivanowna da Russia, Christina da Suecia, Dido, Joanna d'Albret, Joanna de Montfort, Staël, Roland, e um grande numero de outras —patentearam ao mundo, em todas as epocas, o valor, a intelligencia, a coragem das convicções e do combate, o arrojo, o civismo, a dedicação até o sacrificio, qualidades virís e aptidão para qualquer profissão masculina.

E o seu valôr é duplo porquanto o homem cioso dos seus attributos e dos lugares privilegiados que reservou ao seu sexo procura sempre empanar-lhe o brilho— e a historia tem sido escripta pelos homens.

Que de coisas descobririamos se essas mulheres tivessem escripto as suas memorias!

Washington é o grande Washington, pois bem,

—Mercy Otis Warren pregou ardorosamente a independencia da America, antes de Washington.

.....

Não quero para mim o direito do voto; eu só votarei em casos especialissimos. Repito:—detesto tudo quanto se refere a politica. Muito menos penso em ser candidata futura a eleições: não dou absolutamente para apresentações, representações ou exhibições, não tenho presença de espirito nem uso de ironias; *calembourg* ou satyras; não sei falar de improviso; não supporto uma sociedade onde todos falam e ninguem se entende e adoro o conchego do meu lar delicioso e do meu gabinete onde sonho e donde me dirijo ás patricias queridas, num hynno de fé a um futuro melhor.

Não sei se já disse que só votaria no homem se esse homem tivesse a exacta comprehensão dos seus direitos e deveres politico-sociaes, mas, infelizmente, os verdadeiros homens preferem guardar seu nome junto ás aspirações humanitarias e ficam obscuros: não se apresentam e não são chamados.

Desses, os poucos que chegam a galgar escadas politicas, bem depressa se desilludem e preferem calar, preferem entregar-se ás literaturas e ao jornalismo, como um derivativo,—quando deviam protestar.

E assim, os Caliban semeam as intrigas, a desordem—em nome da ordem, da lei e do ideal!

Os ignavos, pagãos de sonhos, inconscientemente embriagados pelo fumo das honrarias, adormecem egoistica e ingenuamente e vélam pelo bem estar proprio. Em nome da familia, da paz—pregam a ordem, elogiam, agradam, gosam, dissipam, arruinam

todo um patrimonio, dessilludem todo um povo idealista.

E' por isso que eu não creio em partidos politicos.

Desde muito cêdo aborreço tudo quanto se refere a politica, eleições, a votos.

Qualquer individuo que suba ao poder fará o mesmo, porquanto a ambição, o autoritarismo cavalgará ás costas do homem que vai governar e onde não ha desinteresse não pode haver sacerdocio.

E eu só votaria para que subisse ao poder um verdadeiro sacerdote da Verdade, do Bem e do Bello.

Esse, é difficil na terra...

O proprio Marco Aurelio foi prejudicial: substituiu-se por um filho indigno...

Dizem alguns homens que o voto à mulher, vae trazer horriveis desordens, vai ser uma cálamidade. Repito, como li, a opinião de um socialista allemão, Bebel: « En esto caso como en otros muchos, harán milagros el habito y la education. Si no me arrojó al agua, no aprenderé nunca á nadar; si no estudio una lengua extranjera y no la pratico, no lo comprenderé nunca; todo el mundo encuentra esto natural y lógico; pero no acierta á ápticarlo igualmente á las condiciones del Estado y de la sociedad? Son acaso nuestras mujéres más incapaces que los negros, á quienes se ha reconocido en la America del Norte la completa igualdad de derechos politicos?

Millares de mujeres inteligentes és justo que gozem de menos derechos que el hombre más grosero y bárbaro, que el destajista ignorante del centro de Pomerania, ó que algùn campesino ultramontano de Polonia, y todo porque la naturaleza dió a éstos,

al formarse en el vientre de su madre, organos masculinos para la reproducción? Debe poseer mais derechos el hijo que la madre de la cual recibió sus mejores cualidades, educación, guía y luz? Esto es absurdo! » Alguem já disse que « amamos o nosso país em razão ao que nos proporciona » Amanhã o Congresso concederá á mulher o direito ao suffragio e quando ella conseguir influir directamente na legislação, todas nós, nos interessaremos mais pelas cousas de Estado.

Um estímulo forte correrá por entre a enorme cadeia e as aspirações alevantadas farão crescer o desejo de trabalhar pela Nação.

Que o voto disvirtúa a mulher é irrisorio. E porque não se disvirtúa ella ao pregar na escola os deveres dos cidadãos como eleitores?

Os homens não exigem dellas, nos programmas de ensino, o conhecimento das leis e dos codigos para transmittir ás crianças lições de civismo?

E como não fica disvirtuada ao falar em cousas que disvirtuam?

Não è claro que tendo a mulher um direito, melhor o fará compreender?

Si as professoras dão todas essas noções civicas com calôr, com enthusiasmo ás vezes, é que a mulher está habituada a vibrar *tradicionalmente, sentimentalmente*, sem raciocinar, sem comprehender a razão do que lhe pedem e do que faz *inconscientemente*: ninguem lhe ensinou a observar, a analysar, a criticar. Nós temos sido instrumentos nas mãos dos homens, a seu favor, voltados contra nós mesmas.

Continuemos a impulsiónar ao bem, a servir a

collectividade, mas, lembremo-nos de influir também em beneficio da mulher.

Si as professoras e as mães pregassem aos filhos, desde o berço, o dever de pugnar pelos interesses femininos, claro está que não haveria tanta e amarga ironia em torno das nossas aspirações tão justas.

E' que as mães brasileiras, empurrando a vida, não querem senão amar aos filhos, a seu modo, sem saber mesmo em que consiste a felicidade, e as professoras não aprenderam a ver no diploma de normalista senão um meio facil de ganhar dinheiro.

Emquanto a mulher não cuidar da emancipação da mulher será escrava das leis e dos preconceitos.

Lastima-se tendo nas mãos a chave do enyigma.

Se todas o compreendessem que formidavel corrente a impulsionar os destinos a uma nóva vida!

Muito se tem a dizer acerca do assumpto.

Cada capitulo deste livro dá margem para um livro inteiro, mas, o meu intuito é apenas—fazer pensar.

Não escrevo para as poucas mulheres que lêem, que conhecem autores diversos e sim para as muitas que não puderam receber uma instrucção sólida, para as que não podem ter bibliothecas, as que não tiveram professores, as que não foram habituadas a pensar.

E este livro, escripto ao correr da penna tendo algumas paginas que mal foram revistas e quase não corrigidas, é feito para aproveitar a época, ás pressas, porque urge tomar outra direcção.

Acho que muito devemos cuidar da lingua, da fórma, do estylo, porem agora, não se trata de literatura e sim da civilização, da felicidade collectiva.

Supponho de mais importancia os destinos de um povo que o apuro da linguagem.

Tenho receio de não escrever tudo quanto eu desejaria dizer ás minhas patricias. A vida é curta e aproveito-lhe todos os momentos com pena dos minutos que se me escapam.

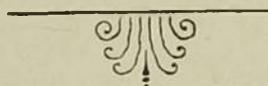
Que outras, depois, melhor o façam.

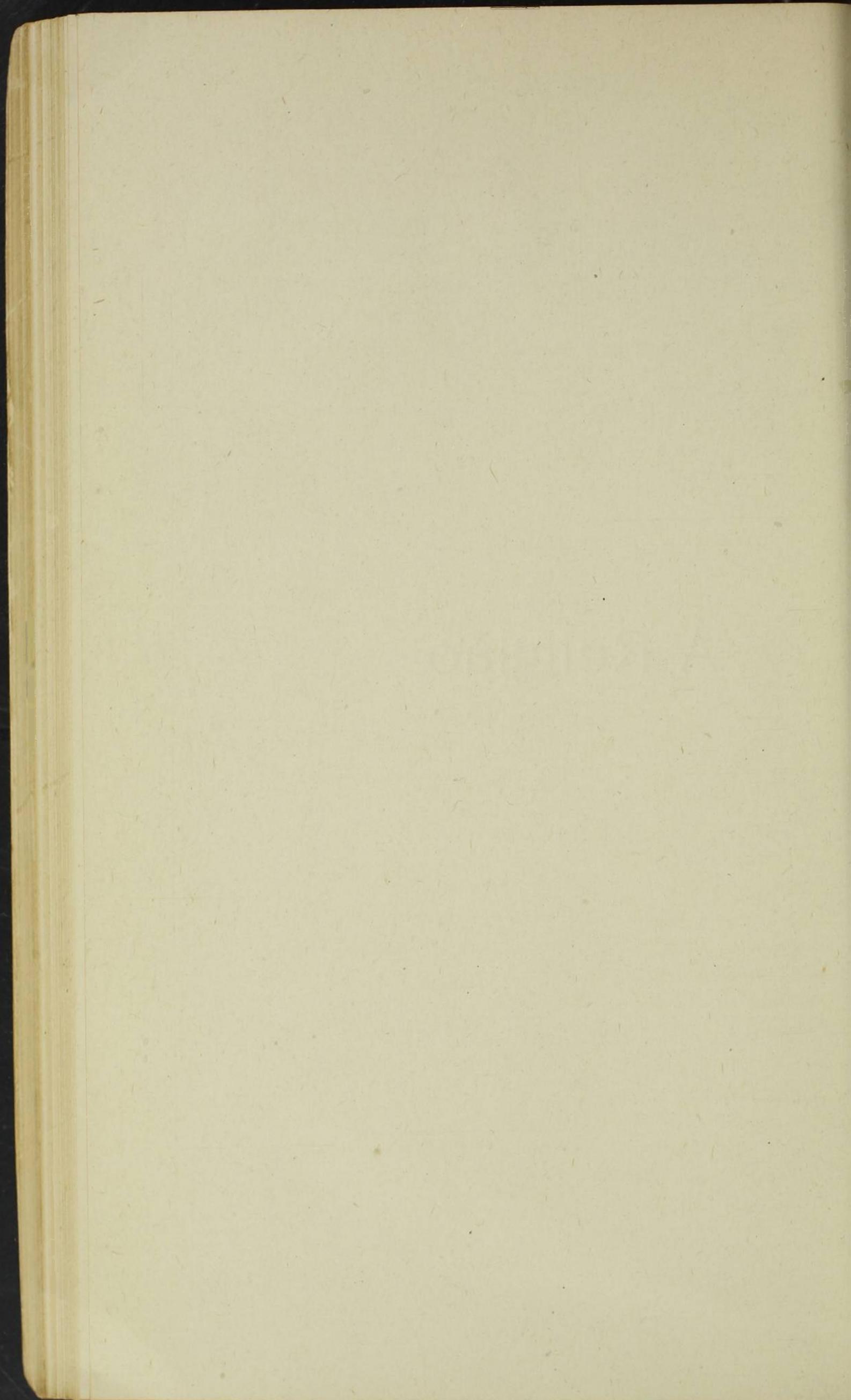
Janeiro de 1919

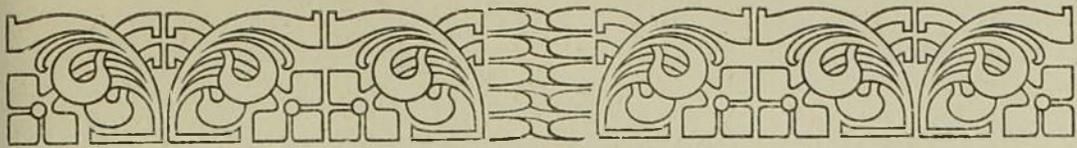




A Religião







A Religião



“De amôr muito nascerà a luz,
da luz sairá a verdade, da ver-
dade a união dos póvos, da u-
nião dos póvos a liberdade. da
liberdade a eterna felicidade.”

LAVATER

De todos os empecilhos ao progresso da mulher, a religião é o mais importante, o que mais concorre para a conservação da sua ignorancia.

O fanatismo religioso que se observa na classe media, as superstições e o beatismo das alunas de collégios religiôsos ou de catholicas praticantes ao passar dos primeiros annos da juventude, a moda que exige *piiedade* das senhoras da alta roda — tiralhes as aspirações amplas, fazendo-as de instrumentos passivos e exclusivos da egreja.

As catholicas romanas, as protestantes, as positivistas, as espiritas (são as que conheço de perto) abdicam por completo de seu raciocinio: pensam pela cabeça dos sacerdotes, pelos argumentos dos livros e dos mediums. Sei por observação directa e por experiencia propria.

Obedecem-lhes cegamente, aceitam sem discussão os seus principios, não analysam, não observam, não cogitam.

Não sei para que então tivemos tambem um encephalo capaz das mesmas elaborações.

Rara è a mulher que tem o espirito fóрте para lêr obras condemnadas por essa ou aquella igreja.

E por que motivo proibem-nos essas leituras?

E' que ellas nos ensinam a raciocinar, a seguir apenas os ditames da nossa consciencia esclarecida.

O assumpto religioso emudece. Ha moças intelligentissimas e instruidas que continuam o preconceito, sem coragem ao menos para encara-lo de frente.

E' interessante. Algumas duvidam dos preceitos religiosos e praticam-nos.

Outras são até anti-clericais—mas, confessam, commungam, ouvem missas.

Uma amiga declarou-me positivamente que não aceita a immortalidade da alma e diz-se catholica romana. A uma outra repugna a infalibilidade do papa, porem, observa os seus dogmas e pratica a sua religião.

Uma terceira não crê em céu, em inferno, em purgatorio, duvida se o sangue de Christo está na hostia, mas--confessa, communga para receber o premio dos seus sacrificios na Terra.

Uma senhora, das minhas relações fez a promessa de passar um anno sem lêr! Que cousa horrivel!

E qual o resultado pratico de tamanho sacrificio?
Quem lucraria com isso?

Só vejo na tal promessa mais um meio seguro de cultivar a ignorancia e portanto o mal social.

Eu lhe disse que assumiria a responsabilidade

do peccado infringido se ella accedesse a desligar-se de tão absurdo compromisso, — não aceitou e rio-se por achar que eu não podia ter attribuições para tanto: se o proprio padre não a poudes desligar do seu sacrificio!...

Intelligente professora com que me dou referio-me que, ao entrar, pela primeira vez, em uma igreja, toda bôa catholica tem a convicção de que — fazendo tres pedidos — serão sempre attendidos e, ella, a passeio com uma illustre escriptora patricia, apesar de ambas julgarem o facto como superstição, não deixaram de repetir a mesma pratica. Essa escriptora sabe perfeitamente que o mundo é governado por leis naturaes que se não modificam por effeito de orações.

E' talvez partidaria do determinismo e entretanto péde graças nas suas préces.

Conheço innumerados factos desses.

Entre os homens a mesma cousa.

Rarissimos aquelles que deixam de mandar rezar missas pelos seus mortos.

Alguns falam abertamente de taes praticas religiosas, são atheus ou livres-pensadores e — acompanham procissões ou vão á igreja fingir que oram.

Depois do casamento religioso são excepções as pessoas que deixam de cumprimentar os noivos.

E essas concessões da consciencia resguardam a secular mentira.

Não posso concordar tambem com o director espiritual.

Cada qual deve ser o director espiritual de si mesmo: para isso todos nós temos raciocinio, conformação cerebral necessaria para a consciencia da responsabilidade dos nossos actos.

Só precisam tutela os imbecis, os caducos e os loucos.

Se falam em recompensas futuras num mundo melhor, claro está que cada qual deve decidir por si a praticar os actos que o seu entendimento deliberou.

Supponho, e com razão: ha mais valôr na deliberação do sujeito do que na do director espiritual como procurador.

Nessa ultima hypothese quando o director espiritual assume a responsabilidade é delle o mérito ou o demérito.

E a consciencia do individuo que obedece ficará á parte, como innócua? Isso é possível?

E' preciso uma coragem inaudita, uma grande ousadia para um individuo assumir o papel de director espiritual.

E a cada passo, na sociedade, encontramos dessas inclinações: pessôas que só acalentam o sonho autoritario; não me refiro apenas aos sacerdotes—os ha tambem leigos...

Não tenho a pretensão de condemnar essa ou aquella religião.

Respeito todos os ideaes todos os cultos ou igrejas: o que penso é que a mulher não pode ficar cega deante de um homem igual aos outros, de uma opinião que póde ser erronea ou apaixonada ou ignorante, deante de livros que podem conter falsos raciocinios.

Mesmo que os sacerdotes e as egrejas distribuíssem indistinctamente e de graça as suas orações—nem assim eu admittiria o director espiritual para os individuos normaes—a menos que a mulher seja considerada uma anormal!

Tomará ella um director espiritual porque se julga anormal? Será essa a razão?!...

Nosso espirito se esclarece proporcionalmente aos esforços empregados.

A verdade está dentro de nós mesmos, e, se algumas vezes nos enganamos é que «a verdade é como o Sol: deixa-se encobrir pela nuvem para reaparecer depois, mais brilhante.»

Não haverá mais mérito no individuo que pratica o bem e se rege por principios de moral elevada sem esperar recompensas numia outra vida?

Sem duvida que sim.

Guerra Junqueiro e Tolstoi considerados—inimigos da religião—são mais christãos, são mais religiosos que o papa e os bispos catholicos os quaes não tiveram a coragem bastante para se desprender dos bens materiaes—palacios, joias, criados, glorias mundanas, e accumulam fortunas consideraveis.

Tolstoi pregou e procurou cumprir o evangelho de Christo e viveu como pobre, vestindo a blusa de operario.

Os ritos, os dogmas, o culto externo, as praticas religiosas, confissões *que absolvem a culpa*, tudo isso se modifica, obedece aos gostos e interesses particulares da egreja, transforma-se, desapparecerá.

Perdura para todo sempre — o fundo, o espirito e não a fórmula.

O catholico romano, o protestante, o judeu, o buddhista—todos falam das revelações dos seus livros sagrados. Cada qual segue a religião da Verdade. Então, ha muitas verdades ou a Verdade é uma só? Haverá tantas quantas são as religiões?

Cada qual affirma a sua e a intolerancia se alastra. Falam-nos da organização social das abelhas, da

moral que adoptaram: veneração das operarias pela abelha mãe — não por ser rainha e sim como o symbolo vivo da fecundidade; respeito pelas futuras mães de outras colmeias; amôr e solidariedade entre as obreiras; noções de deveres para com a collectividade, desinteresse proprio e egoismo colectivo, — provando-nos que os preceitos moraes se estabelecem sempre entre individuos que vivem em sociedade. Ou então, perguntaremos: As abelhas terão religiões como nós ?

Só têm uma : a religião do trabalho; o culto da harmonia.

As religões se assentam sobre principios de moral, mas, a moral é independente das religiões.

Assim dizem sabios e philosophos atheus e deistas. O que é preciso é não ensinar mais que havia um paraíso no qual Adão e Eva habitavam e onde Eva se exercitou nas espertezas que a celebrizaram, nem tomar como verdadeiras as taboas da lei de Moysès, nem sanctificar dias para a vadiação dos que têm a vida garantida, não provar pelo *milagre* factos como o da hostia sangrenta que não passa de uma cousa natural :a existencia de parasitas vejetais, microbios e cogumelos extranhos á fermentação do levêdo, como o *Mucor mucêdo*, o *Penicillum glaucum*, o *Aspergillus glaucos*, o *Ascophora nigricans*, o *Oidium aurantiacum*... o *Micrococcus prodigiosus* que tornam o pão vermelho e produz o milagre das hostias sanguinolentas, fazem o pão azêdo e improprio para o consumo», etc.,etc. (Elementos de Hijiene. Afranio Peixoto).

As superstições acompanham-nos até o tumulo.

Que significam os 4 ou 6 cirios em volta de um ataúde envenenando mais ainda a atmospheria que respiramos ao lado de um cadaver ?

Não são restos do paganimo, praticas de fetichismo ?

E as corôas mortuarias, exequias, mausoléus, etc. ?
Nada disso quero para mim.

Jorge Ohnet no *Doutor Rameau* e Paul Hyacinthe Loison nas *Almas inimigas*, deveriam constituir caticismos de tolerancia.

Max Nordau n'«As mentiras convencionaes da nossa civilização» prova até aonde vae o preconceito secular, a mentira religiosa da nossa epoca e vale a pena transportar-se o leitor áquellas paginas.

Agora, durante a guerra, todas as nações e os exercitos invocaram Deus pedindo protecção para as suas armas.

Mas que juizo fazem desse Deus ?

Como se havia Elle de repartir entre os allemães e alliados.

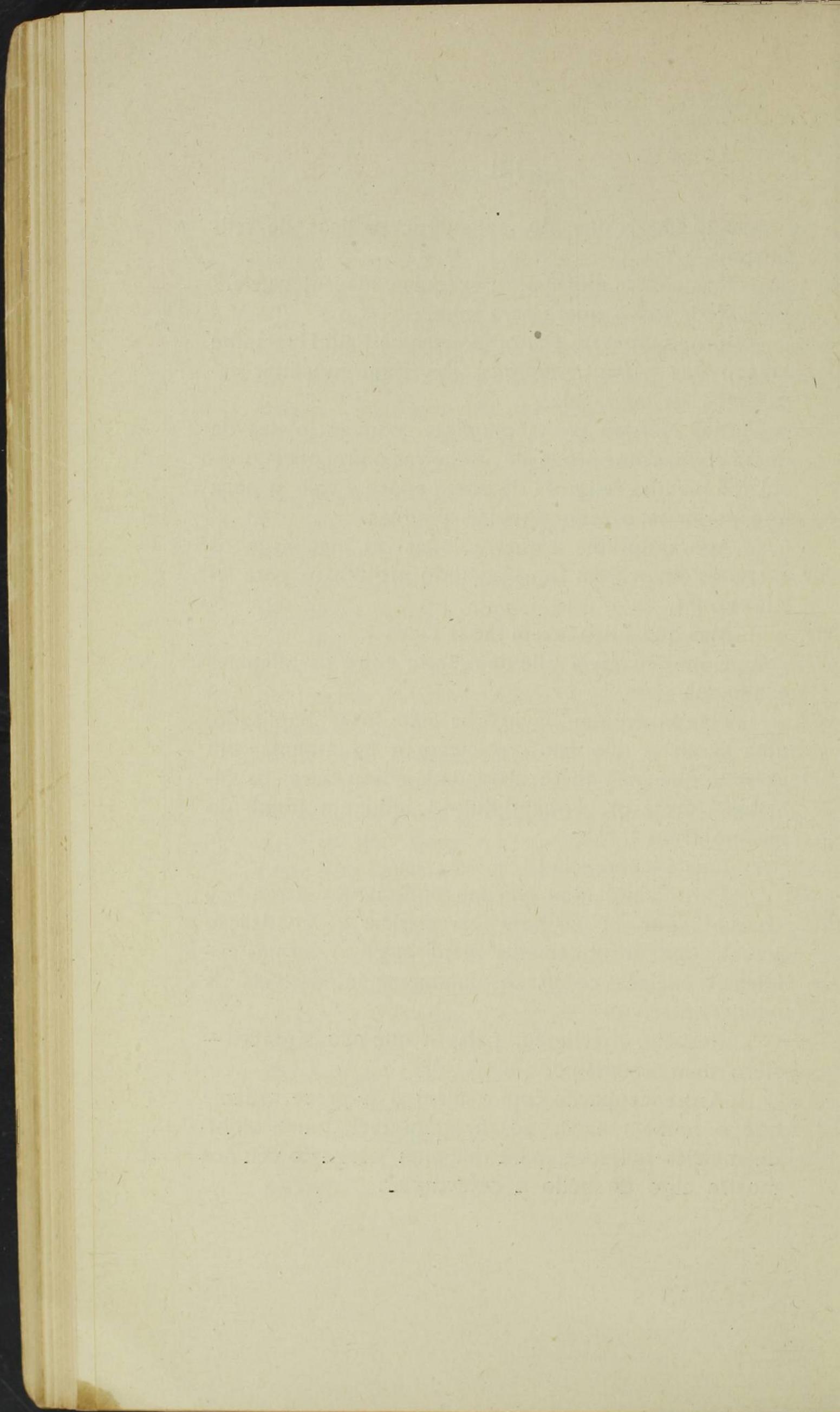
Não houve um navio que não fosse baptisado, uma bandeira que não recebesse a agua-benta, um exercito que não fosse abençoado—isso entre os alliados e entre os germanophilos : tudo em nome do mesmo Deus !

Que incoerencia !

Parodiando Max Nordau poderiamos dizer: Isso «bastaria por si só para caracterizar a civilização actual como absolutamente mentirosa e as formas politicas e sociaes como absolutamente impossiveis de manterem-se.»

Respeito a religião, palavra que não significa—clero nem sectarismo.

A preocupação com o além é a prece ardente que o homem eleva ao incognoscivel, numa attitude mystico-religiosa, para que uma nesga do véu nos mostre algo de bello a contemplar.

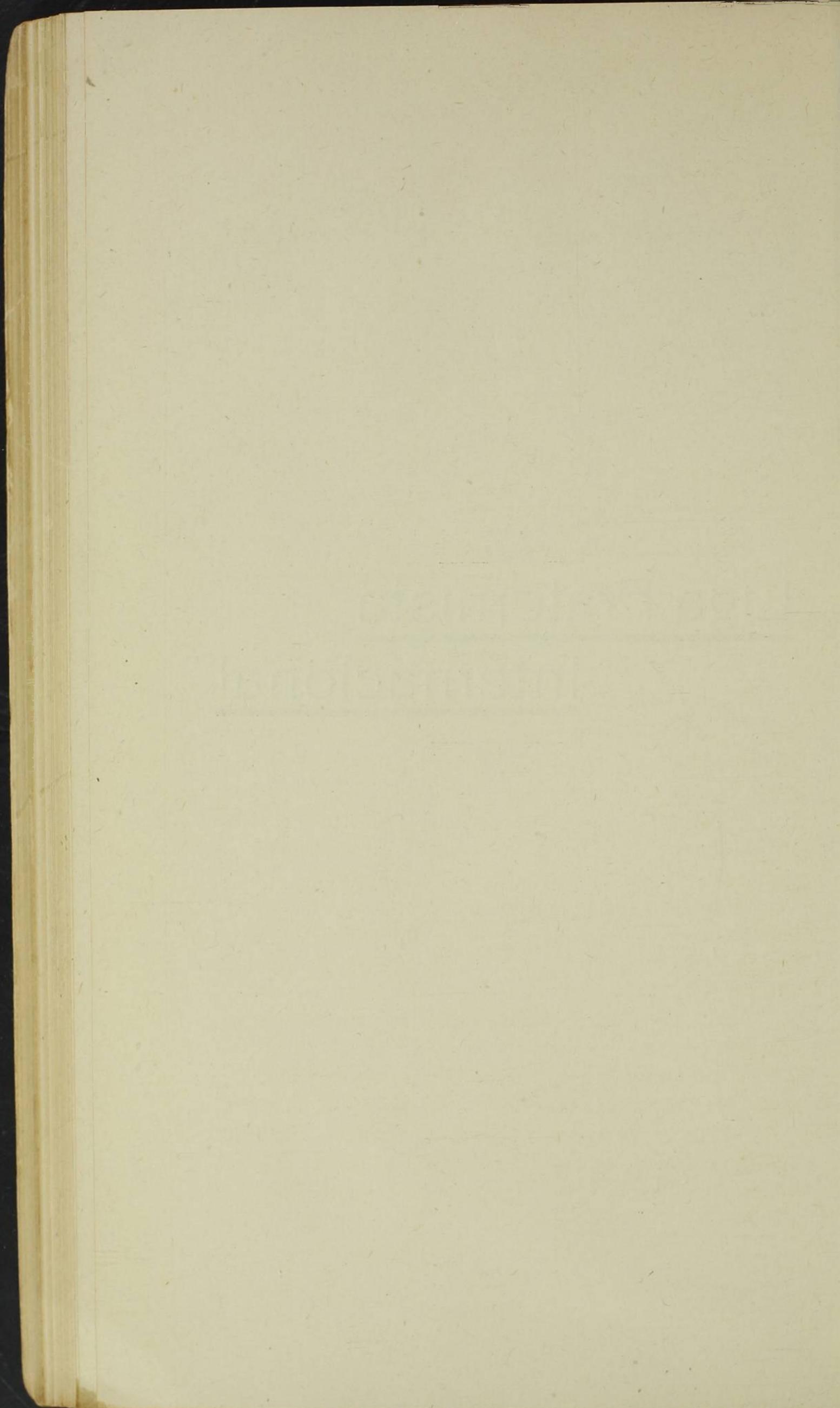


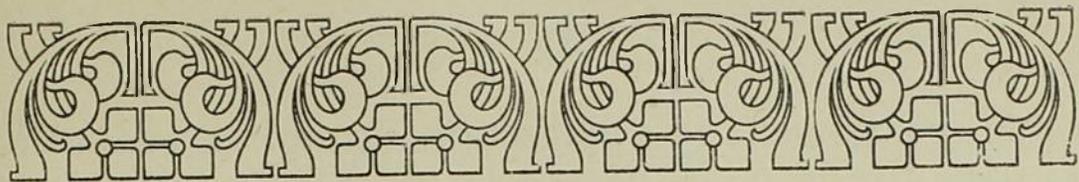


Liga Fraternalista

Internacional







Liga Fraternalista

Internacional

Commemorando a Fraternidade Universal, as lojas Theosophicas do Rio reuniram os mais altos representantes da Theosophia, da Nova Jerusalém, do Protestantismo, Positivismo, Mosaismo, Espiritismo, etc., procurando congregar todos os elementos religiosos de bôa vontade, num surto idealista, para a conquista do amôr--o sonho dos precursôres.

Não fôra a ausencia de um representante Catholico Romano e aquelle punhado de almas vibraria em unisono voando alto as suas aspirações para o Grande Principio.

Calorosos, exaltaram a fraternidade humana á luz da philosophia.

Commungaram todos na mesa eucharistica do amôr pregado nas doutrinas de Budha e Christo.

Algumas senhoras fallaram tambem e, imagino quanto gosou aquelle auditorio feliz, na contemplação de uma existencia mais pura neste mesmo Planêta

onde os homens se esqueceram de que a verdadeira vida baseia-se na harmonia trescalante dessa harpa eolio que é a Natureza immensa. Quando as nossas almas desferirem notas num só aviario, será a vida . . . O representante da Ordem da Estrella do Oriente, o sr. Giovanni Leoni, cujas palavras fazem divisar uma alma generosa, e cheia de tolerancia para todos os cultos e todas as philosophias, disse que, os grandes iniciadores, os fundadores das religiões, procedem de um mesmo nucleo espiritual.

Irmanados pelos mesmos ideais, proclamam a fraternidade humana como o principio unico em volta do qual devem girar os nossos esforços para o bem commum.

Refulgente, brilharia então, nas consciencias, a faisca suprema, illuminando a Terra...

Appella para os homens de bem, falla aos sentimentos fecundos afim de que braçadas de adhesões accorram, transbordantes, em torno da «Liga Fraternalista Internacional».

Tudo para o progresso moral e material dos povos, pela acção de todos no labyrintho entranhado das diversas modalidades de impulso á civilisação nova. Depois, dos escombros agonisantes da sociedade que se desmorona fulgirá a Renascença da Igualdade.

Os Estados Unidos fundaram o «Comité de Reconstrucção Social» para que as relações entre os povos e os individuos se equilibrem na lei do amôr que deve unir os homens do futuro.

A «Liga Fraternalista» responde ao appello dos irmãos do Nórte e quem sabe se enquanto escrevo, outras nações se aprestam para responder ao nosso ?

Sonho ?

Utopia ?

Foram os sonhos autoritários, as aspirações dos Nietzsche e dos Hegel que fizeram transformar em ondas de sangue, os pensamentos que voavam sob o céu da Kultur . . .

Foi do sonho mystico-ambicioso de Loyola que cresceu, por entre brumas rubras, o pico maximo da barbaridade, na Inquisição.

E Guttenberg, e Rogerio Bacon, e G. Bruno, Galileu, Joanna D'Arc, Pedro Ramus, Vanini, Campanella, Palissy, Miguel Servet, Diniz Papin, Lavoisier, e tantos outros experimentaram a agonia viva na mudez infinita da dôr physica e moral.

O pensamento precede á acção.

A arte nasceu antes que a sciencia.

O sonho veio do desejo.

O desejo anseia á realidade.

A arte paira nas nuvens.

E' precursôra.

Dos sonhos de agora, irradiar-se-ão, as epopeias mysticas que transformarão as civilizações.

Entre Caliban e Ariel a differença é profunda. Sonhemos com Ariel: voemos ás nuvens e das nuvens descerão todas as inspirações sacrosantas de ideais canóros.

O sol nasce para toda gente, o ar espalha-se pelo espaço ao alcance de todos : ninguem pensa em reservar maior porção.

Haverá epoca em que, como o sol, como o ar, — os mares, as terras, o mundo será de todos e assim o amôr.

E nóvos ideais mais bellos se estenderão serpenteando pelos corações.

E não mais haverá opprimidos, nem desgraçados.

Lugar para todos.

Para isso, concorrerá com uma pequenina pedra, a «Liga Fraternalista Internacional».

As religiões fundir-se-ão numa só religião e hão de desaparecer os odios, as vinganças, e o amôr triumphará.

A obra immensa, sacudida por um sopro vivificante e rijo, subirá aos ares, como a areia do deserto, para fecundar a nova aurora . . .

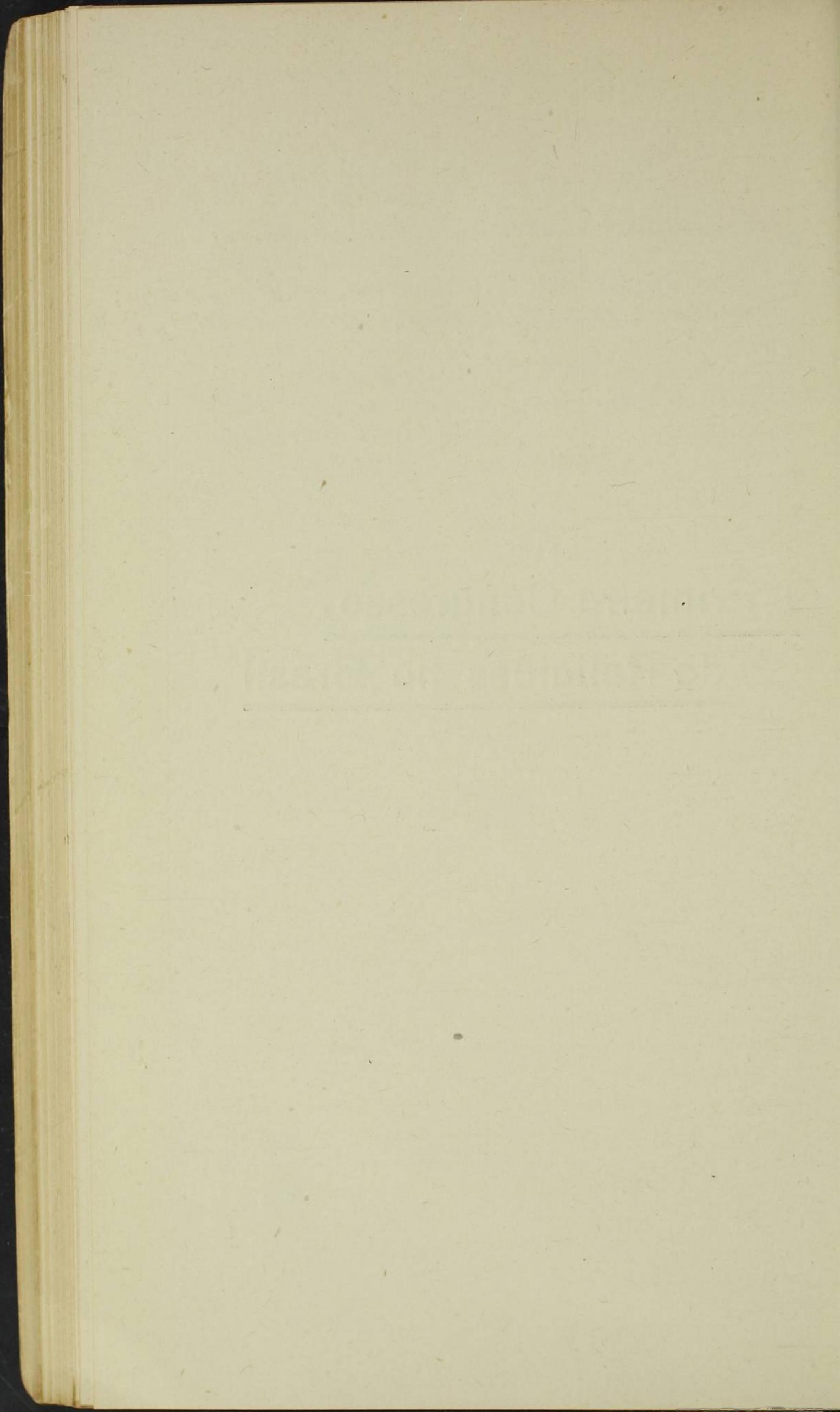
E' o simoun que se approxima . . .

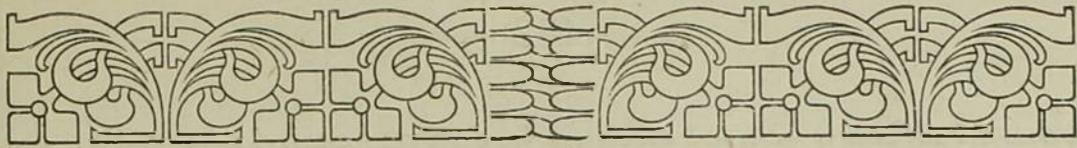




O Primeiro Congresso
de Religiões no Brasil







O Primeiro Congresso de Religiões no Brasil



«Quando se porfia em cousas impossíveis, cedo ou tarde se conseguem, cousas possíveis que de outro modo nunca se teriam alcançado.»

Sainte-Beuve

A commemoração da fraternidade universal a 1 de Janeiro ultimo, pelas Lojas Theosophicas do Rio trouxe como resultado a ideia da «Liga Fraternalista Internacional» e mais ainda, despertou o interesse de espiritos generosos para a realização de outros empreendimentos cujos resultados serão esplendidos de luz e amor.

Para nas consciencias perseverantes e cultas de membros das mesmas «Lojas» a ideia grandiosa de um Congresso de Religiões no Brasil.

Sem duvida, em breve teremos o prazer de ver

reunidas para o mesmo fim todas as religiões afim de que sejam lançadas as bases para a harmonia de uma só religião — o amôr, um só culto — a verdade, um só principio — a justiça.

Uma carta amiga trouxe-me a agradável noticia de que uma revista chilena diz: «Um grande movimento de unificação religiosa está sendo feito por uma associação denominada *Devalaya*».

«No congresso ultimamente realizado a que compareceram representantes de varios créditos, o representante judeu assim terminou: «reconciliemo-nos sobre o terreno da liberdade do pensamento e da solidariedade dos povos»

«O representante dos mahometanos assignalou o poderoso movimento espiritual manifestado em todo o mundo e terminou dizendo: «O espirito humano em progresso não deixará de representar de uma maneira nova o factor religioso.»

«O delegado dos Arya Samay encerrou a sessão fazendo uma evocação a um porvir em que a sciencia, a religião e a fraternidade progredirão sem cessar.»

A revista accrescenta: «todos os discursos deste congresso não podem deixar de ser considerados senão como os movimentos precursores de uma futura approximação e de uma synthese mais intima das religiões.»

Posso accrescentar que, no projecto a realizar-se no 1º Congresso, em vez de discussões, os congressistas apresentarão, em theses, os pontos nos quaes as religiões estão mais ou menos de accordo: «a unidade de Deus, a existencia de hierarchia de seres espirituaes, a existencia de 3 planos para campo da evolução humana, a reencarnação, a lei de causa e effeito, a

lei da Fraternidade, a immanencia de Deus e do Kosmos.»

Nada mais consolador que esse bello movimento em favor de uma religião unica.

Ha tantos mil annos os homens se degladiam em nome de um mesmo Deus !

Tantos seculos de martyrios para que, á força, a humanidade se encaminhe desmoronando o ceu da felicidade futura !

Quantos crimes, quantas perseguições em nome da religião !

Não seria mais bello que os homens fallassem menos em fraternidade e praticassem melhor o «amai-vos uns aos outros»?

Antes de Christo 1.100 annos o imperador Iching inscreveu essa maxima no livro sagrado dos chinêses e podemos ainda por muito tempo repetir com Isaias : «Appropinqua-se a mim este povo com a sua bocca, e com os beiços me honra : mas o seu coração está longe de mim.»

Não seria mais consolador se os sacerdotes pregassem como Confucius «a minha doutrina consiste apenas em ser honesto e em amar o proximo como a mim mesmo» em vez de proclamar : fóra da minha igreja não ha salvação ?

No seculo actual em que os espiritos emancipados de superstições e tradicionalismos, avidos de luz, perscrutam o além, não seria uma necessidade moral a divulgação do ensino de todas as religiões, a analyse philosophica dos poemas antigos, da litteratura religiosa de todos os tempos, para a completa emancipação dos homens na conquista de um ideal mais ale vantado ?

Os Védas com os seus deuses e as suas allegorias — Agni, Soma, Indra, Rudra, etc.; os poemas epicos de Mahabharata, Budha e o *nirvana* tão mal compreendido pelos poetas modernos como sendo o aniquilamento; a poesia indiana; o Genesis, a Biblia com o seu Cantico dos Canticos — poesia dramatica; o Talmud ou a civilização dos hebreus; todos os poemas evangelicos, todos os poemas lyricos, epicos da litteratura antiga não deveriam ser ensinados, sem preconceitos, sem critica a priori?

Toda a belleza colleccionada pelas religiões na sua poesia incomparavel deveria constituir uma cadeia esthetico - philosophica que conduzisse os espiritos nòvos á contemplação do genio maravilhoso desenvolvido na conquista de um ideal de perfeição.

Sonhando sempre, vivendo a vida continua numa beatitude artistica, contemplando exacto a natureza immensa, grandiosa, o homem idealizou um mundo nôvo e formulou o culto divinizando tudo, na ancia de alcançar o incognoscivel.

Aquellas paginas assombrosas ensinariam aos homens a amar todas as religiões, a admirar todas as concepções evocadas ante o maravilhoso enleio dos sentidos voltados para o ideal.

Todas as concepções religiosas sob o ponto de vista artistico-philosophico desenvolveriam a intelligencia humana preparando os individuos á analyse racional dos factos segundo as épocas o meio, etc.

E Moysés, Buddha, Lau-Tseu, Christo, Mahomet, Zoroastro, Luthero, Calvino, Confucius, Arius, Eutycho, S. Maron, Nestorio, Anna Lee — a fundadora do culto Shakers — protestante. Emmanuel, Swedemborg, Allan Kardec, Augusto Comte e outros, assim como os fundadores de religiões e seitas extinctas: Carpo-

crato, Donato, Epicuro, Valentim, o iniciador dos gnosticos, Cornelius Jansenius, Origenes, Pelagio, Zwingle e muitos e muitos outros scientistas, philosophos, artistas e nevropathas seriam estudados como grandes precursôres ou como responsaveis pelas barbaridades commettidas em nome da ignorancia e das paixões ou como idealistas ou como casos pathologicos no dominio scientifico.

E desapareceria a superstição.

A multiplicidade de seitas, cultos, igrejas em constante preocupação de vencer, tem sido o maior flagello a assolar o terreno da paz que deveria alargar-se entre os homens.

A guerra, a crueldade no tribunal da inquisição, nos sacrificios a Maloch, nos altares pagãos—sempre em nome das divindades. têm a mesma significação em todos os tempos :—ignorancia.

As religiões em vez de serem instrumentos de perfeição e felicidade, têm sido alavancas de destruição e odio.

Têm sido insrtumento dos fôrtes contra os fracos, instrumento politico, commercial, impulsionador de castas e autocracias servindo mais aos ricos, aos poderosos, aos potentados.

Ao pôvo ensina-se a humildade, a resignação, a tolerancia para que obedeça ao poder, ao mando, ao governo dos despotas fôrtes e ambiciosos.

O que ha de commum entre as religiões, o que ha de mais util ao progresso, — são os principios de moral a qual evolue, os principios que a sociedade mais ou menos observa, innatos em individuos irreligiosos.

Estes principios basicos da felicidade, melhor se

desenvolviam se todos soubessem ser tolerantes e deixassem voar, livre, o pensamento humano.

A moral sobre a qual se baseiam as religiões, por sua vez é baseada em preconceitos, tradições, leis que cairão ou serão substituídos por outros princípios.

A sociedade dora avante não se poderá governar pelas religiões, nem pela moral das leis, nem pelos tradicionalismos supersticiosos dos ancestraes, e sim, deverá reger-se pelo código da fraternidade, da igualdade, e da solidariedade.

O futuro é sempre maior que o presente.

Amanhã, não mais igrejas, nem odios, nem vinganças porque o Deus que todos adoram é um só.

Não mais aquelle Deus antropomorphico, á nossa imagem e sim a Causa, o Principio, o Sol espiritual donde emanam effluvios beneficios, aspirações, intelligencia.

Os homens verão desdobrar-se o pavilhão do amor que Buddha e Confucius, Lau-Tseu e Christo pregaram com as mesmas palavras.

A « Liga Fraternalista Internacional » fundada pelo Representante da Ordem da Estrella do Oriente — senhor Giovanni Leoni — traça um programma bellissimo entrelaçando os cultos em um só culto — o Amor.

O Congresso das Religiões que o Brasil em breve reunirá deverá ser uma das victorias da grande renovação que se vai preparando entre os povos.

Daqui por deante não mais a inquisição do pensamento.

E o mundo caminhará para a suprema chimera da perfeição, na ansia de um ideal de mais amor.

« *Harmonia para a vida* » é o grito partido das gargantas sedentas.

Ter livre a consciencia é o meio de voar mais alto.

Galileu teria sido tres vezes Galileu se lhe não amordaçassem a palavra contemplativa do Ideal.

A tolerancia e o respeito constituem a virtude do verdadeiro espirito religioso.

Supremo ideal de Paz e Amôr!

.....

No dia em que ninguem viver da religião a concurrencia religiosa não existirá.

Quando a religião deixar de ser *profissão parasitaria*, quando desapparecer o *interesse pecuniario* ninguem se julgará *infallivel* e raros, rarissimos serão os directores espirituaes.

Extinguir-se-ão as religiões para dar lugar á verdadeira e 'unica religião — ideal de perfeição, de tolerancia e a solidariedade, extase contemplativo deante da Natureza maravilhósa.

Mas quando ?

Depois que desapparecer o capital e a propriedade particular...

.....

Avalio em toda a sua extensão o perigo que corre o meu pobre livro.

Sinto os odios que me vão acompanhar nas suas paginas dictadas pelo meu coração sensivel, pelo meu character sincero e franco.

Lamento do fundo d'alma.

Meu espirito é tolerante e sou incapaz de uma offensa pessoal a quem quer que seja, antes, retraio-me, muitas vezes, diante de uma grosseria.

Pelos meus principios não reajo.

Revolto-me no intimo.

Não terei, certamente, calorósos applausos.

Que fazer?

Não escrevo só pelo prazer de agradar: isso é galante mas não é serio.

E se eu quizesse viver de galanteios não perderia horas a estudar, cuidaria de não envelhecer—meditando em assumptos sociaes, e, certo me não faltariam adoradores...

A vida—não é isso.

A felicidade não pode andar ao lado da futlidade, mesmo porque é cousa por demais complexa para ser compreendida pelo leviano.

Que é o goso? Em que consiste?

E' tão varia a sua concepção.

Satisfazer as exigencias?

Quanto a mim, só exijo de mim mesma uma cousa :

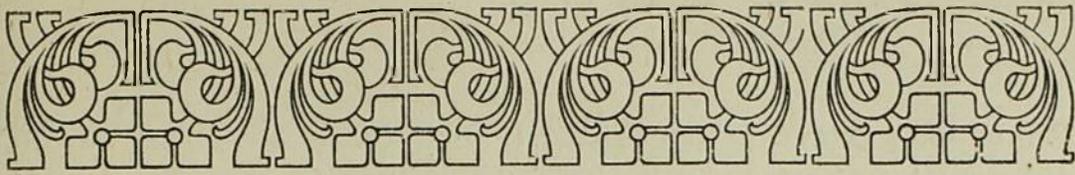
Quero ser util.



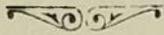


Solidariedade





Solidariedade



«... E na familia ? Pois não vemos nós a mulher, depois de ter servido aos filhos, guardar para o homem «que trabalha e tem necessidade de reparar as forças» a parte da carne melhor e o copo de vinho quando o ha ? Se ha velhos todos procuram pôr-lhes no prato aquilo de que mais gostam.

E quando em casa falta o pão, o pae e a mãe reduzem a sua parte, já tão insufficiente, para augmentar a dos filhos, menos aptos a sofrer privações.

Em lugar de termos uma sociedade em que os individuos so forçados a tratar-se como inimigos, façam com que ella seja apenas uma grande familia — e o que se produz na pequena familia de hoje, produzir-se-a nessa grande familia de amanhã. »

J. GRAVE

A INFANCIA ABANDONADA

O ultimo projecto de assistencia e protecção á infancia é o de Alcindo Guanabara.

Muitos e identicos projectos têm sido apresentados aos congressistas, mas, o difficil não é apresenta-los: é conseguir que sejam pôstos em pratica.

Evaristo de Moraes, Ataulpho de Paiva, Balthazar da Silveira e outros batalham, ha tempos, na mesma propaganda mas esbarram com a indifferença crimi-

nosa dos governantes, com o orçamento que exige economia rigorosa no sentido de que se não gastem com os mais sérios problemas sociaes — porquanto o resultado não é prompto, immediato, interessando pessoalmente.

Claro está que os dirigentes compreendem perfeitamente que criar patronatos agricolas e industriaes, (não com o fito de aproveitar ainda a actividade das pobres crianças!) acabar com o analphabetismo, supprimir o alcool, o jogo, o fumo, sanear o paiz, — é fechar os hospicios, as casas de saude, as cadeias, é incrementar o trabalho productivo, fazer multiplicar as culturas.

Como, porém isso não beneficia immediatamente as ambições pessoaes — decretam-se *medidas economicas*.

Os projectos são recebidos com calorosos applausos — bater palmas é facil : o que é difficil é o desprendimento e a solidariedade em favor das classes desprotegidas.

E' o segundo projecto de Alcindo Guanabara.

Depois do primeiro, o senado achou mais conveniente a criação de dous asylos, como medida de protecção aos queridos garotinhos desse immenso Brasil!

Enquanto isso — gastam-se milhares de contos com representações, compra de jornaes opposicionistas, verbas e aposentadorias, comboios especiaes abaixo e acima, cheios de figurões, politicos profissionaes a tratar de candidaturas de conveniencia.

Isso é que é patriotismo !

O projecto de Alcindo Guanabara se não era a ultima palavra, pelo menos era um bello ensaio : o

tempo e a experiencia se encarregariam de corrigir-lhe os defeitos.

Havia nelle algum despotismo.

Impôr ás crianças um ditador, um juiz infalível é attentar contra os mais sagrados principios de liberdade.

Outra cousa impunha Alcindo Guanabara: o culto catholico romano nos estabelecimentos.

E' tambem despotismo. Se o Sr. Alcindo Guanabara achava que ha necessidade de uma religião, porque não pensou na assistencia ao serviço religioso facultativo ?

Ou então no culto *undenominational* do *Normal College de New York* e outros estabelecimentos americanos de educação, nos quaes não ha um sacerdote capellão, e, qualquer ministro (não importa qual o seu crêdo christão) pode tomar o lugar em dia determinado, cada qual por sua vez ?

Isso mesmo seria de uma confusão aterradora para o raciocinio das pobres crianças, a menos que os pastores daquellas almas infantis lhes quizessem contar historias tirando dellas optimas lições de tolerancia e principios de uma moral elevada para todos os tempos.

Os nossos antecessores são responsaveis por esses criminosos que enchem as prisões de hoje, pelos criminosos que andam, em maior numero, soltos pelas ruas...

Nós, responderemos pelos crimes de amanhã.

Assim, minhas leitoras, tende pena dessas crianças que andam ao léo, pensai que, amanhã, revoltar-se-ão contra os vossos filhos que não trabalharam e desfrutam a vida em palacios e carruagens e festa quando lhes deveriam estender as mãos, mitigar-lhes os soffrimentos.

Somos nós os responsaveis pelas revoltas que se accumulam sob este céu tão bello !

A mulher poderia influir muitissimo para que as condições do proletariado se modificassem, para que a criança fosse protegida pelas leis, para que os meios hygienicos robustecessem-lhe o corpo e a intelligencia, e uma instrucção solida lhe fosse ministrada a fim de fazer desaparecer, o mais rapidamente possivel, essa desigualdade social.

Mas, que fazemos nós, mulheres, no nosso país ?

Solidariedade não é promover um chá-tango que rende alguns milreis — quantia sempre insufficiente para debellar o mal.

Solidariedade é cooperar na grande obra de emancipação dos opprimidos, é trabalhar para a extinção da miseria universal.

Utopia ? Alguns paizes já a realisaram em parte, porque — pobreza nunca foi miseria. E aos poucos tudo caminhará...

PHILANTHROPIA

Longa seria a enumeração de todos os ramos da immensa arvore da philanthropia que a mulher póde exercer, quer como medica, educadôra, mãe de familia, etc. etc. Toda profissão póde ser convertida em um sacerdocio, póde transformar-se em missão, o contrario é que é monstruoso.

Toda mulher deve fazer da sua vida um sacerdocio, o sacerdocio do amôr e da dedicação pela causa dos fracos.

Convém, entretanto, que ella se instrúa para que a razão não fique coberta pelo véo espêso do sentimentalismo na pratica da caridade mal compreendida.

Deve procurar amparar a outra mulher, sobretudo voltar as vistas para a mulher proletaria, auxilia-la, lembrar-se das crianças que podem vir ao mundo em meio de uma promiscuidade revoltante, sem conforto, sem hygiene, sem saúde, crianças que nos primeiros dias da triste juventude devem ter desejos de nunca haver existido !

MATERNIDADE

Que importa a origem da criança quando vemos a futura mãe prestes a dar a luz, sem meios, sem conforto, abatida deante da miseria, triste ao pensar nas consequencias de um desvario que proveio, quem sabe, da fome ?

Que culpa tem essa pobre criança de ter vindo ao mundo em meio de seres que se dizem humanos e fazem leis de ferro para os fracos ?

Que a mulher estenda os braços á mulher, que feche os olhos ás paixões da natureza humana para acariciar a mãe e prevêr o futuro de um ente que é nosso irmão, seja elle de qualquer condição .

No dia em que a sociedade estender as mãos a essas tristes mães para alivia-las, não mais veremos infanticidios e as *rodas* desaparecerão.

Façamos multiplicar as *Liga Pro-Mater*, institua-mos, por toda parte, o caldo ás lactantes, as “gottas de leite”, a assistencia á infancia, que a mulher brasileira trabalhe para converter em lei um projecto de legislação operaria que satisfaça as condições de hygiene da mulher.

Que qualquer officio ou trabalho não prejudique aos filhos. Mais ainda : tiremos a criança da fabrica conduzindo-a á escola.

Em Julho de 1917 — Mauricio de Lacerda apresentou á Camara dos Deputados um projecto de legislação operaria, referente aos trabalhos das mulheres.

Transcrevo em homenagem ao illustre deputado, para que seus bellos sentimentos sejam bem conhecidos de todas as minhas leitoras.

LEGISLAÇÃO OPERARIA

O TRABALHO DAS MULHERES

«Art. 1º. As mulheres só poderão ser admittidas a qualquer trabalho em officinas, fabricas ou outro estabelecimento industrial, agricola ou commercial, de propriedade publica ou particular, mediante contrato e nas condições desta lei.

Art. 2º. E' vedado o contrato de trabalho ás mulheres si este :

a) for em tunneis, minas ou de qualquer fórma subterranea;

b) si o estabelecimento for destinado à fabricação de inflammaveis, praticar a manipulação de materiaes reputados legalmente nocivos á saúde, ou, pelo genero da industria, si for prejudicial ao organismo feminino;

c) si for o serviço, por sua natureza, offensivo ao pudor ou contra a moral;

d) si tiver de se realizar em domingo ou dia de repouso;

e) finalmente, si for nocturno o trabalho industrial.

Art. 3º. O trabalho não poderá durar mais de seis horas por dia, não podendo ser continuo e de-

vendo ter o intervallo minimo de hora e meia de descanso.

Art. 4º. Os descansos e horas de trabalho, bem como o repouso semanal, que será obrigatorio e de 36 horas continuas, serão regulados, nos casos em que expressamente não disponha esta lei, pela “Lei de oito horas” dos adultos, devendo, porém, sempre, por qualquer trabalho extraordinario, ser accrescido o salario de mais de 50 % do contratado, e jámais será prejudicado o repouso nocturno, que será no minimo de onze horas consecutivas.

Art. 5º. Poderão as mulheres trabalhar nas minas desde que o serviço a prestar seja ao ar livre e não incida em qualquer das letras do art. 2º da presente lei.

Art. 6º. O trabalho é nocturno desde que se deve realizar entre as 7 da noite e 5 da manhã.

Art. 7º. O trabalho é tambem vedado á mulher nos dous ultimos mezes da gestação em qualquer estabelecimento a que se refere o art. 1º da presente lei.

Art. 8º. Nos sessenta dias anteriores ao parto e quarenta dias depois do livramento, a contratada gosará de uma licença, ficando-lhe reservado o logar pelo patrão, encarregado ou empregario com quem tiver contratado trabalho.

Parag. 1º. Por qualquer accidente da gravidez e mediante attestado medico poderá a mulher contratada, sem perda do logar que occupava na officina, fabrica ou outro estabelecimento, faltar ao trabalho durante trinta dias.

Parag. 2º. Nos seis primeiros mezes de lactancia terá direito a contratada a um quarto de hora, cada duas horas durante o trabalho quotidiano, para amamentação do filho.

Parag. 3º. Nos mezes seguintes, emquanto durar a lactação, terá a mulher direito a uma hora por dia, durante o trabalho para amamentar o filho.

Parag. 4º. A hora de que trata o paragrapho anterior será dividida em meias horas, cuja utilização ficará á escolha da contratada, que, para obtela, bastará communicar-a ao patrão, empresario ou encarregado do serviço .

Parag. 5º. Em caso algum poderá a contratada soffrer pela sua ausencia do serviço, nos termos dos paragraphos anteriores, qualquer desconto no seu salario diario.

Art. 9º. Durante o periodo da gravidez não poderão se occupar as mulheres em serviços ou trabalhos nas officinas, fabricas ou outros estabelecimentos, desde que os mesmos as exponham a abalos, grande esforço ou á atmospherá viciada de vapores de phosphoro, acido sulphydrico, sulpho carbono, sulphochloruro ou outros, a juizo da fiscalisação do D. T.

Art. 10º. O trabalho em domicilio será contratado sempre como se fôra feito na fabrica ou estabelecimento, a salario diario, e nunca por obra ou tarefa.

Art. 11º. As mulheres menores não poderão ser empregadas como actrizes, figurantes, etc. em circos, cafès-concerto, theatros e nos exercicios perigosos, de força ou deslocamento e acrobacia ou nas profissões de saltimbancos, exhibicionistas de animaes e outras que offerecem perigo á pessoa, acarretem damno á sua saude, concorram para desnatural-lhe a moral ou as exponham a attentados ao pudor.

Art. 12º. Para realisar seus contratos de trabalho como empregada ou operaria não precisam a mulher casada e a menor de consentimento marital ou paterno e tem egualmente a faculdade de demandar judi-

cial ou administrativamente perante o D. T. pelo cumprimento dos mesmos contratos ou por qualquer indemnisação delles originada.

Parag. 1º. O producto do trabalho de mulher operaria ou empregada é de exclusiva propriedade sua.

Parag. 2º. A capacidade concedida á mulher pelo artigo 11º. só se refere ao contrato do trabalho como empregada ou operaria, desde, porém, que seja a titulo de empresaria ou qualquer equivalente, deverá ser a mulher casada só admittida a contratar si, nos termos do Codigo Civil Brasileiro, obtiver o consentimento do marido, ou si, divorciada, apresentar a prova da sentença proferida pela autoridade competente.

Parag. 3º. A mulher menor, no caso do paragrapho anterior, deverá apresentar consentimento do pae, tutor ou curador.

Art. 13º. No acto da realisação do contrato as mulheres apresentarão attestado de vaccina e de não soffrimento de molestia contagiosa.

Art. 14º. Os operarios de sexos differentes não poderão trabalhar reunidos num mesmo local, devendo sempre naquelle que for destinado ao seu trabalho haver completa separação entre elle, só excepcionalmente, quando não o permittirem as condições do serviço, poderão trabalhar reunidos carecendo para isto o patrão ou empresario de permissão do D. T.

Art. 15º. As infracções á presente lei serão punidas com multas de 30\$ a 50\$000 para as operarias ou empregadas e de 100\$000 a 1:000\$ para os patrões ou empresarios, além da nullidade dos contratos realísados contra o que na mesma se dispõe.

Art. 16º. Quando o infractor pagar a multa que lhe for imposta pelo D. T., deverá a mesma ser recolhida á caixa de beneficencia dos obreiros ou empre-

gados cujo processo será o estatuido a respeito pela lei que regula o contrato de trabalho em geral.

Art. 17º. Para a fiscalisação da presente lei as mulheres designarão, pela forma que se determinar em lei ordinaria, as suas delegadas, ás quaes competirá, em serviço mixto com o C. O. T., a visita e inspecção dos estabelecimentos ou fabricas, e a denuncia ao D. T. das infracções nos mesmos verificadas.

Art. 18º. Do contrato deverá constar cada uma das exigencias desta lei relativas á especie de trabalho, sua duração e salario e ser feito segundo norma adoptada pelo D, T., sob pena de nullidade.

Art. 19º. O contratante será obrigado, sob pena de multa de 100\$ a 500\$, a collocar em logar bem visivel do seu estabelecimento um quadro com todas as disposições que interessem aos contratantes, para conhecimento exacto dos deveres que lhes incumbem.

Art. 20º. Quando houver no estabelecimento quadro afixado de salarios e horario de serviço, nem assim ficará um contrato valido si não os mencionar egualmente.

Art. 21º. As mulheres nos contratos de trabalho, entanto que esta lei não houver disposto de modo diverso, são equiparadas em face da legislação relativa ao salario, horas de trabalho, accidentes e outros deveres, vantagens ou direitos, aos operarios ou empregados de sexo masculino e especialmente ao de se fazerem representar por operarios na Conciliação ou Arbitragem.

Art. 22º. O D. T. regulamentará a presente lei a qual entrará em vigor seis mezes depois de sua publicação.

Art. 23º. Revogam-se as disposições em contrario.»

Tem um mérito muito especial o projecto Mauricio de Lacerda, elaborado antes dos tóques de clarim da invasão maximalista. Wilson, Lloyd George, Lord Cecil, os legisladores do decreto nº. 3.724 que regula as obrigações resultantes dos accidentes no trabalho no Brasil, Ruy Barbosa, etc., — cuidaram da questão social, do operariado, depois que os operarios o exigiram.

E agora, quer queiram quer não, todos hão de tratar da solução economica social. Os trabalhadores já sabem que «a liberdade não se péde, conquista-se».

.....

A Suissa foi o primeiro país que se occupou da questão do trabalho para garantia do operariado.

Um partido de economistas protestou chamando a attenção dos poderes publicos para o perigo socialista.

Em 1818 Robert Owen fez uma representação ao Congresso de Aix-la-Chapelle pugnando pelo interesse dos operarios.

Depois de 1886 a «Associação Internacional dos Trabalhadores» teve em Decurtins, Conde de Mun, Blunstschi, Favon, etc., etc., excellentes advogados da causa sonhada por Owen.

Mais tarde o Conselho Nacional Suisso entregou á Suissa a tarefa de regulamentar o trabalho da mulher e da criança, etc.

Resultou dahi a Conferencia Internacional do Trabalho em Berlim—1890, sem resultado pratico para as classes trabalhadoras.

Os representantes das nações que a ella concorreram estavam munidos de instrucções afim de assegurar a autonomia do país, e, em meio de dissensões, discussões e desaccordos—cada qual querendo mais,

—era difficil qualquer resultado satisfactorio ás classes desprotegidas.

A Exposição Universal de 1900 em Paris—impulsionou a «Associação Internacional para a protecção legal dos trabalhadores», cujos fins são :

« 1º Relacionar permanentemente todos os organismos publicos e privados que se occupam da questão social, como officios do trabalho, repartições de estatistica, museus sociaes, institutos sociologicos e sociedades scientificas de economia politica; 2º. Difundir os documentos legislativos e estatisticos relativos á legislação operaria dos principaes Estados; 3º. Organizar os Congressos destinados a discutir e votar a legislação social por ella elaborada.

A Associação criou em 1903 em Bale o Officio Internacional do Trabalho, que publica um boletim mensal, e ao qual compete a realisação da vasta reforma projectada.

Apesar da enorme actividade dispensada por esta importante instituição, o unico resultado directo até hoje alcançado foi a convenção realizada nas conferencias diplomaticas de Berne de 1905 e 1906, de que resultou a interdicção do trabalho industrial nocturno das mulheres. Votaram-na quatorze Estados, tendo Portugal a ella adherido pelo decreto de 24 de junho de 1911.»

Com a Sociedade das Nações novas ideias, novos projectos de legislação operaria internacional preoccupam os dirigentes. Em nosso País surge o Decreto 3.724 de 15 de janeiro de 1919. Leis, e mais leis. Ha muito a desejar; não é facil burlar essas leis que dão margem favoravel ao patrão ?

Quem vencerá mais facilmente ? E o dinheiro

para pagar advogados e procuradores, emfim, para comprar a lei ?

O proprio sr. Ruy Barbosa, no seu discurso sobre a questão social, Ruy Barbosa—candidato á presidencia (!) pergunta: «Estará de accordo com o promettimento da taboleta a mercadoria exposta ? »

E censura e disséca a lei que omitta alguns operarios e o trabalho agricola.

Ruy Barbosa no seu ultimo discurso, trata superficialmente da “A sorte do operario”, “trabalho dos menores”, “casas de operario”, “trabalho e escravidão”, “o seguro operario”, “*Lei manca*”, “trabalho nocturno”, “trabalho em domicilio”, “gravidez e parto”, “armazens de venda aos operarios”, “trabalho e sexo”, “trabalho e edades”, “duração do trabalho”, etc. etc. de todos esses assumptos relativos ao operario e que encontramos vastamente elucidados em qualquer livro socialista. Disse verdades.

Tudo por fazer. Ideias não faltam, os criticos se multiplicam, as leis se amontoam e, no campo pratico— nada, absolutamente nada.

POLICIAMENTO DE COSTUMES

Todas as mulheres deveriam unir-se numa grande corrente de solidariedade moral afim de impedir o amoralismo que, como um pôlvo aperta a sociedade moderna.

Urge que todas as senhoras de responsabilidade protestem contra a educação de hoje, contra esses costumes que affectam o pudôr do nosso sexo. Os tangos, os formidaveis tangos dançados por algumas moças ultra-cariócas são danças de *caba-*

ret. As caricaturas, as *charges* se reproduzem e com ellas os colleios das mocinhas que não querem passar a noite enfeitando as salas dos bailes — mais dançam as que mais se prestam a offerecer aos rapazes algumas horas de divertimentos gratuitos.

Entretanto as danças modernas se prestam tambem a attitudes distinctas. Conheço bellos pares que dançam admiravelmente e sem perder a linha da elegancia e a curva da graça. Se caminhamos para uma “perenne vibração esthetica” no anseio do bello e do perfeito, não é justo que os moços se esqueçam de que a dança é um sonho de perfeição. Entre os gestos de Izadora Duncan e o tango dos apaches a differença é immensa.

.....

Ha mêzes, li em uma revista de S. Paulo que, senhoras paulistas protestaram quanto á fundação de um *cabaret*, parece-me que na cidade de Ribeirão Preto. Bello gesto, digno de ser imitado. Que a mulher proteste sempre que queiram os homens introduzir, na sociedade, costumes pouco edificantes, sempre que mostrem interesse e preferencia pelos meios menos dignos.

Dizem todos os homens que-adoram a pureza.

Ou eu não cômpreendo o que querem dizer com isso ou não sei bem o que seja pureza.

Se tivessem o respeito que apregôam (por palavras) ao que é nobre, digno e puro, não ridicularizariam as solteironas. Se tivessem esse acatamento pela virgindade não levariam aos lupanares as ingenuas criaturas que se lhes entregam confiantes, generosas, cheias de illusões e ideais. E, quantas vezes fazem uma moça honesta resvalar na miseria afim de que

a fome e a nudez lhe apontem um unico recurso salvador—a sua venda.

Logo depois é desprezada e á miseria adiciona-se a vergonha, a humilhação. Para os outros homens aquella moça vale pela metade. Que ideal de pureza é esse?

A sociedade vê as avéssas: a impureza está é nella, nas suas leis idiotas feitas em beneficio do sexo forte, nos seus preconceitos, nos corações desses homens sem dignidade, covardes, nesses costumes, nessa moral que vae desaparecer.

A mulher não é coisa, objecto de posse que se compra, vende, possúe e despreza.

Que cada mulher abra os ólhos ás mulheres mostrando-lhes o papel que lhes confia o momento, no despontar de forças nóvas para a grande *Renovação*.

E sobretudo, é necessario protecção consciente, activa, energica á criadinha, á costureira, ás meninas pobres, á proletaria emfim, evitando-lhe a primeira queda, ensinando-lhe o que é a vida, mostrando-lhe o que é o homem.

Ha dias contou-me um rapaz que, no Rio, alguns moços bonitos inventaram um nôvo systema de caça nickeis: vivem de explorar moças faceis que lhes escrevem cartas. Essa correspondencia serve para extorquir-lhes dinheiro, segundo as pósses das namoradas. (E há jurados juizes de ladrões que roubam por miséria! E os verdadeiros gatunos, estes e outros, gozam de tantas liberdades!) E assim, com 3 ou 4 cartas viyem alguns mêses, substituindo as primeiras por outras, successivamente. Quanta coisa seria preciso que a mulher visse! E as brasileiras dormem, inconscientes umas, conscientes outras do seu egoismo criminoso.

Na America do Norte ha associações femininas que se prestam a esse policiamento de costumes como ha outras que enfeitam de flores os lares pobres, levando-lhes uma nêsga de arte e de belleza nas petal-as perfumosas dos lyrios e das açucenas.

E durante a grande guerra as damas americanas não descançaram emquanto não viram os soldados da sua patria rodeados de conforto e carinho para a protecção da sua saúde physica e moral.

Hervey Smith Mcy Cowan conta-nos depois, simples e ternamente «Uma historia desta guerra atroz, baptisada pela enfermeira Garland com o nome «Jardim Negro», historia que deveria ser bem divulgada em favor da felicidade de todos. Essa história ensina ás moças inexperientes que ha molestias horriveis que inutilisam os homens e ha homens inconscientes: assim mesmo se casam—fazendo desgraçadas as esposas e a descendencia até, as vezes a 3^a ou 4^a geração.

A questão sexual deveria preoccupar as mães. E uma moça deve saber tudo pelos pais, mormente aquellas que vão para as cidades trabalhar e viver por si.

União, leitoras minhas, façamos um grande blócco em torno da nossa fragilidade. Fortifiquemo-nos em nobres aspirações e proclamemos bem alto o nosso santo ideal de perfeição.

M^{me} Selda Potocka ao voltar da Europa pretende com o concurso de Mll^e Gilberta Lutz fundar uma associação das mulheres brasileiras. Que cada cidade desse immenso Brasil defralde o seu estandarte e as mãos femininas se apertem num formoso sonho de união e solidariedade para a grande obra da emancipação.

Pequeninos grupos, aqui e alí, por toda parte, serão fócios acesos a illuminar as consciencias, despertando-as ao sopro fórte da fé que exalta.

HYGIENE

A ignorancia do nosso pôvo è a causa de muita miseria, de molestias e da mortalidade infantil tão intensa em nosso país.

As molestias do aparelho digestivo dão um coeficiente extraordinario de mortalidade entre as crianças de peito. A ignorancia das mães em assumptos de alimentação, a superstição e a indolencia dos *Géca Tatù* de ambos os sexos—é a causa de tamanha perda. Depois *a religião* ensina que é bom morrer criança...

Em matéria de eugenia, hygiene, puericultura, pedologia, etc. a mesma ignorancia em todas as classes.

A mulher falla diversas linguas, conhece rudimentos de musica e pintura, sabe dançar, conquista facilmente um noivo ou muitos adoradores, — nunca lhe fallaram, porém naquillo que é a sua razão de ser.

Se se casa continúa á mercê das tradições, não lê um livro siquer que trate do problema da maternidade, não trata de ouvir um medico escrupuloso e nem procura preparar o organismo para os deveres da maternidade, auxiliando o desenvolvimento do féto, não se alimenta convenientemente, excita-se, descuida-se e prejudica para sempre o futuro do filho.

Nessas condições, surge entre nós um nôvo sêr que, muitas vezes,—só aprende a amaldiçoar a vida e quem sabe se intimamente não repetirá com Ibsen, falando áquella que lhe deu a existencia : « Não t'a pe-

di. E que especie de vida me deste tú? Não a quero! Devol-vo-t'a.»

As heranças—syphiles, tuberculose, etc. — procuram, cada qual se assenhorear de melhor porção e quasi nunca os cuidados hygienicos e a alimentação vêm desnortear a influencia hereditaria.

A alimentação impropria, as papas e farinhas tão condemnadas preparam o intestino a não reagir e desde cêdo a natureza se resente: o soffrimento apanha no berço uma victima indefeza. E' preciso que a mulher saiba ser mãe: em vez de lições decoradas nas classes das Escolas Normaes, nos lyceus e gymnasios, em vez de papaguear linguas estrangeiras as futuras esposas deveriam exercitar-se em escolas maternas, em *crèches* e maternidades, recebendo lições praticas na escola da vida.

E as mais preparadas se incumbiriam de preleções nos centros operarios, por toda a parte onde houvesse alguém que desconhecesse preceitos de hygiene.

O cinematographo, a imprensa, os professores e sacerdotes, todos devem cooperar para o mesmo fim.

Toda mulher que deseja prestar algum serviço á causa commum não cumprirá mais que um devêr se se interessar pela propaganda hygienica nas escolas, nas officinas, nas cadeias, nos centros operarios contribuindo, de qualquer maneira, para que os pobres possam ter asseio e alimentação.

A infecção gastro intestinal, a tuberculose, a syphiles, a verminose, a miseria, a promiscuidade e a ignorancia são as causas da mortalidade infantil.

De 2 em 2 horas morre um individuo de tuberculose no Rio!

Ataca de preferencia os pobres: insufficiencia

de alimentação, falta de ar em casebres, falta de luz directa, de asseio, etc., etc.

Num meio infecto só podem nascer criaturas enfermiças.

A infecção gastro intestinal sobrepuja á tuberculose.

De janeiro a junho de 1917 falleceram no districto federal 1.588 crianças até os 5 annos, victimadas de infecção intestinal. Dos obitos 1029 até 1 anno de idade; 368 de 1 a 2 annos; 191 de 2 a 5 annos. Morreram, naquelle periodo, individuos de todas as edades—10.592.

A percentagem de crianças é assombrosa e consternadôra.

Os generos alimenticios estragados, a ignorancia e o descuido das mães, a miseria, occasionam aquella hecatombe. E' preciso ensinar ás mães preceitos de hygiene e, antes disso, alimenta-las e cuida-las antes do parto. No segundo semestre, segundo estatisticas, 1.226 crianças nasceram mortas: total.—2.814 em 6 mêses e 5.628 em um anno. A syphiles é outro grande factor.

A alimentação artificial (farinha, papas, leites maltados e condensados, mingãos, etc., etc.) continuam a obra destruidôra.

A falta de alimentação, a super-alimentação e a alimentação impropria, fatiga, debilita e extenua o organismo infantil predispondo-o á morte ou quando menos a uma vida inteira de soffrimentos.

E' indispensavel que as mulheres instruidas se interessem pelas ignorantes: é um devêr. Não é virtude nem caridade.

E, no lar, é preciso que as donas de casa se lembrem de que os seus empregados são criaturas, e têm

direito ao banho, ás horas de descanso, ao alimento, conforto, á educação.

E' criminoso o individuo que armazena conhecimento só para si, tanto quanto aquelle que se póde instruir e conserva o espirito na ignorancia pelo pretexto de gozar a vida.

E' preciso que a educação feminina vise outro fim além da *caça ao marido*.

Que conheça os efeitos do alcool e do fumo no organismo, que reaja contra o vicio de fumar — entre as crianças—fundando associações como a de Chicago,—clinica consagrada ao tratamento dos individuos que têm o vicio de fumar,—ligas contra o cigarro, contra o alcool, etc., evitando que os negociantes vendam fumo e cigarro ás crianças.

Só a combustão do cigarro é caso de envenenamento: a nicotina, o oxydo de carbono e a acroleina, — é a trindade que prepara o organismo á fraqueza e irritabilidade do systema nervoso, fraqueza da mentalidade, incapacidade de concentrar a attenção, etc., etc.

A nicotina pela sua acção tetanizante, foi chamada por um sabio:—«*estrichinina do systema vascular.*»

Todo o organismo se resente com a acção do tabaco.

Inflúe na arterío-esclerose, produz enterites-chronicas, colicas, pharyngites, angina do peito, insomnia, vertigens, tremores, nervosia.

Na vida mental — amblyopia, anosmosia, perda da memoria, atrophia da vontade, etc.

Quanto ao alcool, ahi estão os tratados, as conferencias, os artigos, as estatisticas provando que o alcool envenena. degenera o physico e o moral, enfraquece o organismo e a mentalidade, corróe o côrpo

embota o espirito, e é uma porta aberta ao hospital, ao hospicio, ao lupanar, á cadeia.

Toda mulher têm obrigação de se interessar pelos destinos da humanidade sob pena de lhe doer na consciencia o clamôr do bando infeliz que geme sob a carga criminosa do nosso egoismo, num descuido imperdoavel.

Paul Strauss, na Sorbonne, disse em 1902: « tenho a convicção de que entre 150 mil crianças que morrem em França, 80 mil poderiam ser salvas. »

Outro cientista affirma que «o alcoolismo dos paes cria a metade da mortalidade infantil.»

E Paul Grasset em 1908 prega ainda: «tres quartas partes do numero das crianças morrem por culpa nossa.»

São as pobrezinhas menores de um anno que pagam maior tributo.

São os pobres, para os quaes não ha ar, nem luz, nem dormitorios arejados, nem alimento sufficiente, nem repouso, nem alegria.

E ha senhoras que têm coragem de dar por um vestido sommas fabulosas e ha outras que ostentam perolas caras e se esquecem de que pelas calçadas morrem miseravelmente muitas crianças porque os seios das mães seccam de miseria e dôr.

.....

Guerra ao fumo, ao alcool, á morphina, cocaina, a tudo que é vicio, a tudo que degrada e avilta e mata.

Quantas lagrimas deveriam queimar as consciencias das marechallas da elegancia, se quizessem perscrutar a miseria que anda lá fóra, talvez bem perto dos seus *boudoirs*! E essa miseria não se ex-

tingue com alguns mil reis... Guerra sem tréguas ao jogo que conduz ao alcool.

.....
Fui visitar uma amiga doente. Ha sete ou oito menses soffre horrivelmente e os medicos — na eterna discordancia de opiniões, diagnosticam mil cousas, e as complicações se multiplicam em detalhes syntomaticos — nóvas observações e nóvas opiniões desconcertadas e mesmo antagonicas.

E a doente, sumindo-se entre almofadas e lençóes, depauperada e nervosa, abatida no corpo e na alma, desalentada ante a perspectiva do soffrimento cada vez maior.

Nas minhas visitas successivas sempre noto visivel augmento de tristeza, abatimento moral, systema nervoso mais alterado e ella a se queixar de soffrer por males que não produziu.

Ante-hontem havia no quarto mais duas senhoras. Minha amiga lastimava-se: «Meu pae foi um homem bom, caridoso, amigo dos que soffrem. Lutou, morreu pobre depois de haver tido fortuna. Minha mãe era vistuosa e...»

E por ahi levou a explicar a genealogia moral dos seus. Falou do avô, da sua probidade. Foi longa a digressão e concluiu—«Porque soffro tanto? Por quem estou pagando culpas tão graves? Algum tio, algum ancestral que eu não conheci e a quem devo auxiliar no purgatorio da vida redimindo-lhe os peccados.»

A senhora que estava a meu lado, num assomo prodigioso de fé e uncção, com o entusiasmo eloquente dos convictos sinceros, chegou a cadeira para mais perto da doente e começou o seu apostolado numa linguagem fluente cuja voz denotava a super-

excitação do sentimento a serviço da religião:—«Não, ninguém sofre sinão por aquillo que faz. São faltas da sua vida passada, das suas vidas successivas, outras reencarnações em que a senhora se desviou do caminho traçado pelo dever, e, hade esparzir a luz por esses desvãos da alma e chegará depois á vida do além—leve de culpas, subtil e vibratil, para compreender as maravilhas espalhadas no espaço immenso pelo Creador das cousas.

Paciencia e resignação. Seja forte e vencerá. Não desanime. Eu quizera o soffrimento o grande purificador dos nossos corações, o esterilizador das nossas almas — e depois voar pelas regiões ignotas na ansia do bello e do majestoso. Soffrer é preparar-se para a vida... A vida é a morte... Morrer é viver...»

Quando vi a doente de olhos abertos, avida, bebendo as palavras da minha vizinha, previ a futura crise quando fosse perscrutar a morte, ao lembrar-se das filhinhas queridas, do esposo terno, e, resolvi intervir desviando o assumpto:—Ninguem trata de morrer. Minha amiga é moça, a natureza reage, é uma crise... ha de passar. Nada lhe falta para que a sciencia e a natureza vençam os obstaculos.

Citei casos mais serios e victoriosos. A senhora a meu lado compreendeu e auxiliou-me.

Outros pensamentos... Outros assumptos.

Emquanto conversavam recolhi-me e... quantas cousas me passaram pelo cerebro !

Aquella pobre senhora era realmente victima dos seus ancestraes. Eu soubera pelo marido que, seu avô era morphinomaniaco inveterado e ao adoecer para morrer invectivava barbaramente as filhas se adiavam propositalmente a hora das injeccões de

morphina. Seu pae tambem morphinomaniaco. Sua mãe além da morphina usava chloral.

Que poderia esperar aquella senhora de um berço aonde os avós e os paes despejaram vicios e taras successivas e habituaes, transmittidos no leite, na vida...

Que poderia esperar da existencía se a recebeu de mãos tremulas de degenerados, de seios tumidos de veneno, de cerebros doentios? E meu espirito analysava aquella prole condemnada. Pobres filhos! Pobre geração! Até aonde irá corroendo aquella maldita morphina misturada no sangue, correndo nas veias daquelles innocentes!

Pobre humanidade!

E os paes, esses mesmos paes que dizem amar os filhos lançam no estomago, injectam no sangue o virus que os ha de fazer soffrer abrindo em feridas, tetanisando, criando pustulas, caneros, inutilizando o cerebro, dando vida a epilepticos, a cretinos, a imbecis, a amoraes de toda especie, criminosos, degenerados, seres sem vontade, sem energia.

E a humanidade se vae multiplicando inconscientemente e o mundo se enche de desgraças pela nossa fraqueza, pela fraqueza dos pais a inocular a doença, a morte, a maldição, nas gerações successivas.

M.^{me} de Staël acerta quando diz: «é preciso voltar ao sentimento pela razão».

Se fosse instituido entre nós o sinthoismo racional, o culto dos antepassados puros, excluidos aquellos que o não merecessem,—os viciados, indignos, fracos de character;—se fosse instituido o culto dos vivos, os não sujeitos, não dominados pela multiplicidade de seducções que nos fazem cahir, resvalar até o lodo das fraquezas humanas;—se os esposos dignos da sua missão, se os paes dignos do seu mister fossem vene-

rados e apontados na sociedade pelo seu proceder nobre;—se se não perdoassem aquelles esquecidos de que no sangue do pae não deve correr o veneno do opio, do alcool, da morphina, de que o seu cerebro não pode soffrer a influencia do jogo, nas emoções de perder e ganhar porque seria a ruina mental e phisica dos futuros filhos;—se assim fosse a saude e a moral trariam a felicidade aos corações dos vindouros e não seria preciso appellar para a vida futura.

O amor paternal e maternal de que tanto se fala é mais effeito de contagio sentimental.

As lendas, os sentimentos por imitação sobrepujam aos olhos do observador.

Um pae que bebe não pode ter amor aos filhos por mais que nos queira convencer do contrario, a menos que seja um boçal, um analphabeto de letras e de costumes.

As palavras nada provam: dizer que ama os filhos e frequentar as casas de jogo, as mesas de *chopps* e injectar nas veias morphina ou cousa semelhante é provar com actos o immenso egoismo, a perversa tendencia criminosa dos Neros e das Messalinas — comprazendo-se com os soffrimentos, com o estertor das victimas, com os gritos dos sacrificados indefesos.

E as molestias syphiliticas que os homens espalham as vezes no proprio lar sacrificando a esposa e uma geração inteira que devia amaldiçoar o autor da tremênda monstruosidade!

Amor aos filhos...

Os homens odeiam-se e até parece que á nossa carne, ás criaturas que nascem de nós mesmos desejamos maiores soffrimentos como se se protestasse contra a existencia vingando-se daquelles que nos seguem na eterna corrida da perpetuação da especie.

Se ha instincto de conservação no individuo, se bem que paradoxal parece haver no homem o instincto de destruição da especie como um protesto aos soffrimentos da carne e do espirito.

Que cáos...

.....

Moncorvo Filho estudando a nefasta influencia dos tres grandes factores sociaes de degenerescencia — a syphilis, o alcoolismo e a tuberculose, assim como a influencia nevrotica, — entre 24500 doentinhos dos Serviços de Pediatria da Policlínica Geral e Dispensario Moncorvo encontrou 2.005 casos de deformidades congenitas — 771 de syphilis, 38 de alcool, 25 de affecções nervosas, 15 de tuberculose. Os de resto eram influenciados por traumatismos e causas diversas.

A herança nervosa produz um numero immenso de modalidades morbidas com receptividade aguçada para a aquisição de molestias e estados pathologicos. Em 4000 crianças encontrou herança nevropathica em 1669 casos observados ou 41,0%. Essa herança é maior do lado materno.

As convulsões, molestias como a meningite, a paralisia, as affecções do systema nervoso, emoções como o mêdo, a colera etc. provém de causas genitoras — de accidentes nervosos durante o periodo intrauterino, da aleitação, do alcoolismo dos paes, etc.

A receptividade especial para molestias do apparelho digestivo, a tendencia accentuada para a dyspepsia provém da syphilis e das affecções nervosas, dizem os mestres.

O retardamento cerebral de anormaes, a tendencia para o scepticismo, a tristeza, o abaixamento do nivel moral da geração têm como factores os vicios, a

alimentação impropria o heredo-alcoolismo, etc. mais ainda irá soffrer a geração que vamos deixar no planeta.

Accrescemos ao alcool, o opio, a cocaina, a morphina. O jogo é incrementado por toda parte, o cinematographo exita, a syphilis pulúla, a irritabilidade nervosa—o máo humôr é quasi congenito, a vida rapida e intensa obrigando a uma eterna carreira,—tudo isso é causa de novos desarranjos na saúde e na intelligencia dos nossos filhos.

Preparamo-los assim para nóvas diatheses.

A consanguinidade por si, segundo os mestres, é factor menos importante de deformações physicas e moraes. Primeiramente collocam o alcool, a syphilis, a tuberculose—já consequencia de um e de outra.

A proposito diz Hallopeau: «Si os geradores são sadios os productos se-lo-ão igualmente e tem-se disso a prova na integridade do typo em certas localidades como Portél (perto da Bolonha), o bairro de Batz (na Bretanha — Voisin) e certas ilhas da Escossia onde desde muito tempo os habitantes se casam quasi exclusivamente entre si.»

Se entretanto do lado de um dos conjuges (parentes) houver affecções, vicios organicos ou transmissiveis por heranças, a influencia do casamento é duplamente funesta — ensina Moncorvo Filho.

A miseria das classes desprotegidas, o *surmenage*, a influencia da escola, a vida sensual são outras tantas causas de depauperamento, de diatheses nervosas, de taras, etc.

Fournier diz: «Os individuos que se casam soffrendo de syphilis e conhecedores dos perigos a que expõe a esposa e os filhos, são *cinicos e infames*».

A phrase bem pode ser applicada aos alcoolatras,

aos morphinomaniacos, aos cocainomaniacos, fumadores de opio, aos tuberculosos, epilepticos, etc.

O alcoolismo e congengeres, a avaria, a tuberculose são por tanto os factores de diatheses nervosas, de hereditariedades morbidas.

Fonssagrieves têm razão quando diz: «ha duas maternidades que se completam uma á outra: a maternidade do *sangue*, a maternidade do *zelo*. A ternura é o *pivot* da primeira, a intelligencia o da segunda.»

Mas a maternidade da intelligencia—operadôra de prodigios torna-se quase impotente deante da hereditariedade morbida que os vicios, a avaria e a tuberculose sulcam em estigmas na carne, no sangue, no systema nervoso.

Por isso aquella senhora doente, de que fallei, está de facto pagando as culpas dos antepassados, e o seu organismo corroído, talvez por um cancro terrivel, é a conséquencia insensata e culposa da degenerescencia physica e moral dos seus progenitores.

Pobre humanidade!

.....

Minhas senhoras : se os homens, se os paes de familia, acham natural que as crianças joguem e vejam jogar, se auxiliam o desenvolvimento do jogo, se o consentem com a sua presença , si se viciam e se corrompem o character dos seus proprios filhos,— á mulher, á mãe, compete uma acção energica, moralizadôra, tenaz, para salvar do naufragio um resto de character, uns restos de vontade que trará aos vindouros alguma felicidade a mais.

O jogo conduz ao crime, ás nevroses diversas, ao máu humor, um dos maiores inimigos do homem.

Faz perder o somno, um dos excellentes reme-

dios contra as molestias que envolvem as nossas faculdades mais caras e delicadas.

No jogo, os homens se esquecem da sua parte espiritual e viram feras, que ao menor signal se mordem, cegando-se ante as torturas moraes do perder ou ganhar.

E' um vicio e os vicios arrastam até a lama—o nosso character, a nossa vontade, a nossa razão, desbaratam todo e qualquer esforço.

O jogo é um polvo que envolve para não mais deixar, a parte mais perfeita, mais digna do homem, tirando-lhe a iniciativa, tornando-o fraco, pusilanime, incapaz de fôrtes e dignas acções.

O jogador é um vencido, um egoista, um decadente.

Esquece-se da familia, do lar e passa noites inteiras entre calafrios de voluptuosidade intensa a revolver as fibras todas que produzem emoções de pasmo, terror, afflicção, alegria e dôr, numa mistura, num frenesi que enfraquece, dilacera, mina para desarranjar todo o mecanismo do systema nervoso.

O jogador è um nevrotico, um doente; é capaz de perder, num momento, a dignidade, a noção do respeito a si e aos outros, é um escravo das suas paixões.

E não pensarão as esposas dos jogadores, nos meios de arrancar á teia poderosa os filhos,—nas longas noites em que passam a analysar os actos dos maridos ?

Lembrar-se-ão de que esses pequeninos jogadores de hoje farão, de certo, a desgraça das familias futuras ?

Um filhinho de illustre familia que reside aqui, foi visto em uma venda fazendo jogo do bicho com o vendeiro.

Quem mandaria essa criança comprar o jogo ?
Estou convencida de que não podia ser sinão sua propria mãe.

Que horror !

Que joguem esses país e essas mães, cuja consciencia está hoje nos nickeis e na gaveta do vendeiro, mas, pelo amôr de Deus, tenham vergonha das crianças !

Respeitem seus filhos ! como poderão exigir delles amôr e respeito, se não souberam fazer amar e respeitar-se ?

Ha tempos, quando dirigi o Pedagogium, anexo á Escola Normal, visitando uma das classes, encontrei uma professora distribuindo premios mensaes.

Cheguei no momento em que ella passava ás mãos de uma pequenita, um baralho *mignon*, gracioso, lindo.

Senti immensa magua e meus olhos contaram á professora toda a dôr de que meu ser estava possuido infinitamente, ao imaginar como longe estão as nossas professoras de compreender o papel da educação, o respeito que se deve á criança.

Nunca me esquecerei daquelle momento em que uma tristeza nostalgica de cousa melhor me invadiu a alma,—entre as crianças que são a imagem de um futuro grandioso,—na escola, o templo mais digno de respeito e amôr.

Mais tarde, soube que uma professora particular, durante os recreios, divertia-se a jogar baralho com seus alumnos !

Appéllo para as mães, dignas desse nome: se não temos policia, se tude se corrompe pelo maldito ouro que envenena e desgraça, se não temos policia de costumes, associações femininas como na America do Norte, Inglaterra, Suissa, Suecia, Noruega, Finlan-

dia. etc., que cuidam de moralisar e impedir os vícios, — a nós, mães e esposas, cabe uma campanha no lar, suggestiva, educativa, entre os nossos filhos,—de persuasão, de amôr e dignidade entre os esposos, país e irmãos.

Certamente, quando foram pequeninos não tiveram quem lhes suggestionasse impressionando, fallando a linguagem pura da moral; não tiveram mães que lhes contassem as historias tristes, horriveis, os dramas e as tragedias sangrentas das tavolagens entre os jogadores e ebrios; não encontraram quem lhes narrasse a desdita das esposas martyres, sacrificadas, das crianças doentes, rachiticas, imbecis, idiotas, tuberculosas e loucas, filhas dos jogadores que não dormem e têm vertigens e vertingens de sensações doentias, e envenenam-se com alcool perpetuando nos filhos o estigma das suas loucuras, os seus desarranjos mentaes.

Podemos salvar desse grande oceano revolto os nossos filhinhos queridos e a prova disso é que ainda ha homens que não jogam, que não bebem e que censuram esse jogo aberto, cynico, ás claras, em volta das crianças.

Esses, tiveram verdadeiras mães, excellentes país.

Conheço uma familia distincta, em cuja mesa espalham uma serie de baralhos á disposição de quem os quizer, todo o dia.

Moças, rapazes, crianças separam-nos e servem-se delles a qualquer hora!

Que exemplo!

Será seguido por toda aquella mocidade que ali passa horas a contar e a distribuir cartas, divertindo-se.

E não haverá outro divertimento menos pernicioso, mais util?

Onde ficam as leituras, os trabalhos de agulha, de arte applicada, o desenho, a musica, o cinematographo que instrue, os passeios á tarde, os brinquedos em familia, as reuniões intimas ?

Todas as mães deviam incrementar os jogos de destreza, as corridas, iniciar os filhos nas suas leituras, guia-los nas suas amizades, fundar associações onde os moços se desenvolvessem physica e mentalmente, como fazem as Americanas já conscientes dos seus encargos femininos, afim de cooperarem para o Grande Fim, levando os filhos aos meios bons, onde nem o alcool nem o jogo logram abancar-se para a obra destruidora.

Não cumpriu seus deveres a mãe que ficou em casa ignorando o que se passa na vida em volta dos filhos, embrutecendo-se no labor domestico, porque não pode dispor de uma hora sequer para instruir-se.

Não terminou sua missão ao entrega-los á sociedade, na idade mais delicada, atirando-os inconscientemente ás paixões da adolescencia, abrindo-lhes desmesuradamente os olhos aos exemplos perniciosos de homens sem escrupulos, a quem pouco importa fazer deante da criança acções pouco dignas.

Um senhor contou-me que a primeira bebedeira que experimentou foi aos 12 annos: levou-o a uma festa de rapazes estroinas um parente e amigo intimo da familia !

Esses senhores acham muito necessario, indispensavel mesmo, dar aos filhos—dos outros—ideia do que seja a vida material, grosseira, cheia de instinctos máus, de bestialidades, bem cêdo, muito cêdo.

Envolvendo-os num cáos terra-terra de uma vida sem aspirações idealistas, collocam as crianças por entre as mesas do jogo, no meio das garrafas de cer-

veja, respirando o ar viciado e nauseante dos halitos empestados pelo alcohol e pelo fumo.

Dentro de casa mesmo, a mãe deve velar pelo filho em idade de começar a ver o que se passa nos lugares frequentados por toda gente.

E saibam as mães que os seus filhos podem ser vistos nas casas suspeitas de jogadores e banqueiros de «bicho;» saibam que todos conhecerão as senhoras que, infelizmente dão exemplos pouco edificantes; saibam ainda que alguns meninos de 12 annos e menos frequentam lugares onde vão ver, pelos cantos, falando em segredo, nivelando-se numa promiscuidade de cúmplices—bicheiros e criadas e crianças e funcionarios, na ansia louca de uns nickeis a mais.

Onde irèmos parar se as mães não quizerem vêr, raciocinar, instruir-se para educar?

Que valor tem para um banqueiro de jogo do bicho, a senhora que lhe mandou, um dia, um papelzinho amarrotado mostrando que ambos se entendem perfeitamente?

Essa senhora poderá erguer bem alto a cabeça ao passar pela venda do bicheiro?

Que vergonha!

Que humilhação!

E ha mães que misturam seus filhos nesses negocios e que os collocam como intermediarios entre ellas e os banqueiros.

Que mães!...

.....

Outro problema de character bem complexo é o que se refere ao cinematographo.

Repetirei aqui o que escrevi em 1918 para *Saúde* —orgam da “*Liga Pró-Saneamento do Brasil*”:

A CRIANÇA E O CINEMATOPHOTO

O cinematographo, divertimento instructivo que tão grande desenvolvimento intellectual tem proporcionado por toda parte, está destinado a representar na ontogenia das gerações futuras, um papel de extraordinaria importancia.

Sem duvida que o cinematographo é o melhor passatempo da epoca, sem duvida que é excellente meio de cultura intellectual, falla-se mesmo em se utilizar o «écran» na escola moderna; entretanto, pelo facto de «instruir deleitando», pelo facto de attrahir a atenção de todos, estará o cinematographo em condições de desenvolver a nossa intelligencia, fortificando-a, ornando-a de conhecimentos uteis — sem prejudicar o systema nervoso?

Uma sessão de cinematographo constitue um verdadeiro deleite, mas, pouca gente se observa depois da passagem de algumas «pelliculas».

O cinematographo irrita. Logo que cessa a exhibição do ultimo «film», ha pessoas que chegam quasi a correr para a saida, procurando, como que, mais ar, menos luz ou um derivativo para o phisico abatido, cansado, insatisfeito.

E quem nos dirá o que se passa em cada ser?

Alguns «films» produzem uma sensação de fadiga excessiva. Os nossos musculos e nervos sentem-se gastos quando os programmas não contentam ou quando se excedem em tamanho, e, um mal estar invade todo o organismo.

Ha individuos que dizem gostar immenso do cinematographo e se queixam todos os dias de que os programmas lhes desagradam.

As crianças sentem essa mesma sensação nervosa,

mais accentuada ainda, e proporcional, é certo, ao grau de vivacidade e intelligencia.

Tenho observado e nóto muito maior intensidade nervosa na criança que vem de uma sessão cinematographica do que na que chega de um longo passeio ao campo.

O passeio póde cançar, de accordo com a durabilidade, estação, attractivo, etc., porém o cinematographo actua mais directamente no systema nervoso.

Não será tempo de estudar esse grande problema educativo para a formação de um typo menos neurotico ?

Quaes serão as causas de tal irritabilidade nervosa.

Será effeito das luzes na retina, serão as mudanças bruscas obrigando a vista a esforços de acomodação e convergencia, será a attenção prolongada, será effeito das emoções sensiveis que, de continuo, são transmittidas pelos nervos opticos ao centro do systema nervoso ?

A criança já tem muita imaginação e o cinema lhe aviva, com cores berrantes, essa faculdade intellectual que, nella, deve antes ser contida, regrada, que desenvolvida e excitada,—na opinião de muitos educadores. Quem vae acompanhar crianças a uma «matinée», vive mais na platéa que no «écran»; maior parte da attenção se reparte entre ellas: discutem, gritam batem palmas, andam, choram, assustam-se, etc.

E' fóra de duvida que tantas emoções diversas e quase ao mesmo tempo, devem abalar os nossos nervos predispostos hereditariamente a um determinado gráo de psychismo nervoso.

As emoções sensiveis que nos affectam a vista, no cinematographo, são tambem de natureza a nos affectar os neurones.

Efeitos de luz, côres, mudanças bruscas de tonalidades. de movimentos, a oscillação de uma passagem tirada de um barco, de um automovel a correr, de um comboio a toda velocidade, etc., todas essas emoções que affectam o encephalo mediante os raios visuaes, são capazes de, mesmo por instantes, predispor o nosso psychismo a diatheses nervosas.

O cinematographo é, portanto, um dos agentes provocadores de lesões physiopsycologicas ou neuroticas.

Ha de actuar tambem por intoxicação das cellulas nervosas.

Por outro lado, a attenção fixa durante algum tempo é outra causa forte de irritabilidade.

Sabemos que a attenção modifica o rythmo respiratorio, diminue as pulsações, produz suores, extremidades frias, etc., etc.

Ora, se o adulto tem difficuldade de attenção forte, se sente em si, modificações physiologicas por effeito da attenção, claro está que a criança, cujo systema nervoso em embryão é muitissimo excitavel, sentirá, mais ainda, os effeitos dessa attenção de uma ou duas horas, apenas com pequeninos intervallos cujo beneficio é muito inferior ao mal que pode produzir—com a mudança brusca de luz.

Será o cinematographo uma das causas da «surmenage» accentuada da geração?

As tragedias, os grandes e horriveis crimes de estrangulamento dos mysterios sensacionaes não contribuirão para acordar instinctos ancestraes?

Não será necessario estudar a fadiga que provém do cinématographo como Mlle. Yoteiko, Sikorski, Thorn dike, Binet, Burgerstein e tantos, tantos scientistas estudaram e estudam a fadiga escolar?

E' um dos mais serios problemas medico-sociaes da actualidade.

Quem sabe o prejuizo que poderá causar a cinematographia na geração vindoura?

Não influirá certamente no fêto a emotividade produzida ás futuras mães pelos «films» de sensação, pelos acontecimentos policiaes de crimes—roubos, assassinios, etc.—dos mysterios dramaticos em scenas brutaes de pelliculas que impressionam os menos nervosos?

A educação moral das futuras mães de familia não está sendo prejudicada?

Sem duvida que sim.

As Bertini, Gladys, Minicheli e tantas, tantas rainhas dos «cabaret» não influirão consideravelmente no inconsciente psychologico das meninas de hoje, ao se apresentar em «toilettes» collantes, em decotes exageradissimos, attitudes sensuaes provocadoras, com a ostentação mundana da vida facil em meio de um luxo asiatico, ás vezes?

O habito de ver, desde os 5 ou 6 annos, consecutivamente—adulterios, fugas com seductores, «toilettes» de «cocottes» reuniões de jogatinas nas quaes tomam parte mulheres lindas, acariciadas, beijadas, aduladas, ostentando joias, fumando, etc.; o habito de ver casas, quartos e aposentos reservados, onde não podemos entrar mas onde penetramos agora, sem cerimonia, pelo «écran»: esse habito se inocula inconscientemente no subjectivo, e as meninas se adaptam perfeitamente á idèia de tal existencia, e na adolescencia, os sonhos do instincto explodem numa ecclosão de vida e gozo e os idéaes são levantados sobre esse aspecto.

Ouro, riquezas, conforto, amôr, palacios, auto-

moveis, parques e até adulterios, serão as aspirações das futuras senhoras, se a educação domestica não completar a acção cinematographica, se a mãe não concluir a lição recebida da tēla, se a educação moral, o exemplo do lar não sobrepujar á emoção e sonhos pelo enredo sugeridos.

Accresce o seguinte: na idade da juventude quem troca a fascinação das grandes cidades, dos «moços bonitos», dos parques, dos lagos, joias, palacios, carruagens e lacaios, amor e honrarias, prazeres e luxo pela vida triste, chorosa e pobre de uma modesta costureirinha honesta, que lucha pela vida, que chora perante tantas difficuldades e vive sósinha, trabalhando noite e dia para comer mal e vestir-se pobremente?

A sociedade actual, na literatura romanesca, e por toda parte, quer belleza, luxo, ostentação, sensualismo.

E o cinematographo exclusivamente artistico, é lindo, fascinante, cheio de nuances e coloridos, bellezas e maravilha de arte e sentimento: contribue para exaltar as excentricidades amorosas, o adulterio, a mentira, os vicios.

E nas salas de cinematographo o mysterio fremeiramente volteia até nas asas dos ventiladores...

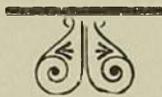
.....
Escriptas estas linhas, folheando o 3º Boletim do «Primeiro Congresso Americano da Criança», vejo um excellente trabalho do Dr. Lemos de Brito, — «Da formação do character das crianças pelo cinematographo».

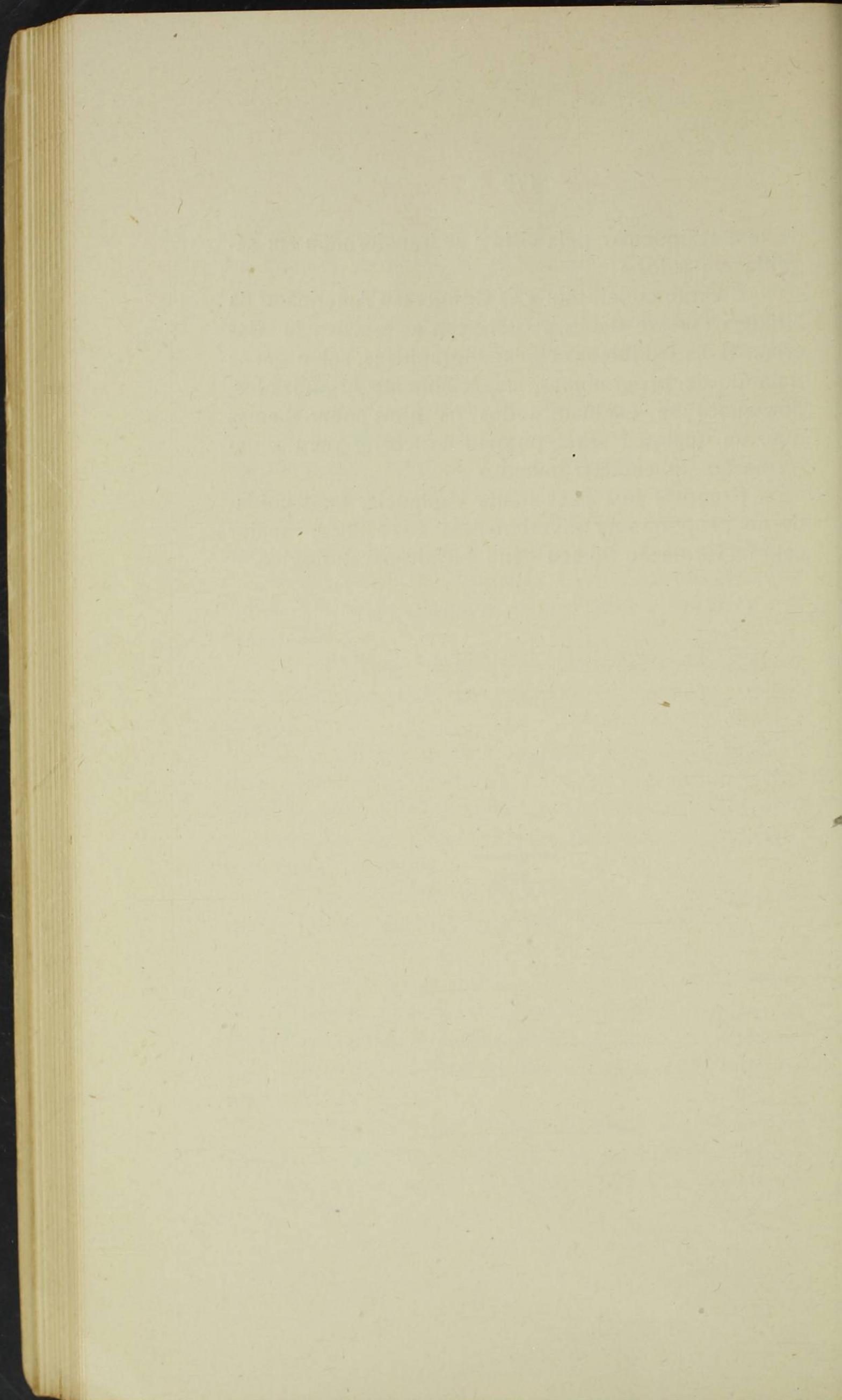
Lendo-o, sei que o sabio russo W. Bechterew diz: «a suggestão visual age tão seguramente quanto a suggestão auditiva. Certos estados psychicos

deixam-se inocular pela vista e se transformam em seguida em actos.»

E como conclusão: « O Congresso Americano da Criança resolve declarar perigosa a assistencia das crianças ás exhibições cinematographicas, salvo em se tratando de programmas, especialmente organizados, dos quaes se excluam todos os films sobre themes que, de qualquer sorte, possam concorrer para a deformação do character juvenil.»

Compete aos paes maior vigilancia, mais cuidado ao proporcionar divertimentos aos filhos, maior zelo na formação do seu «eu» physio-psychologico.

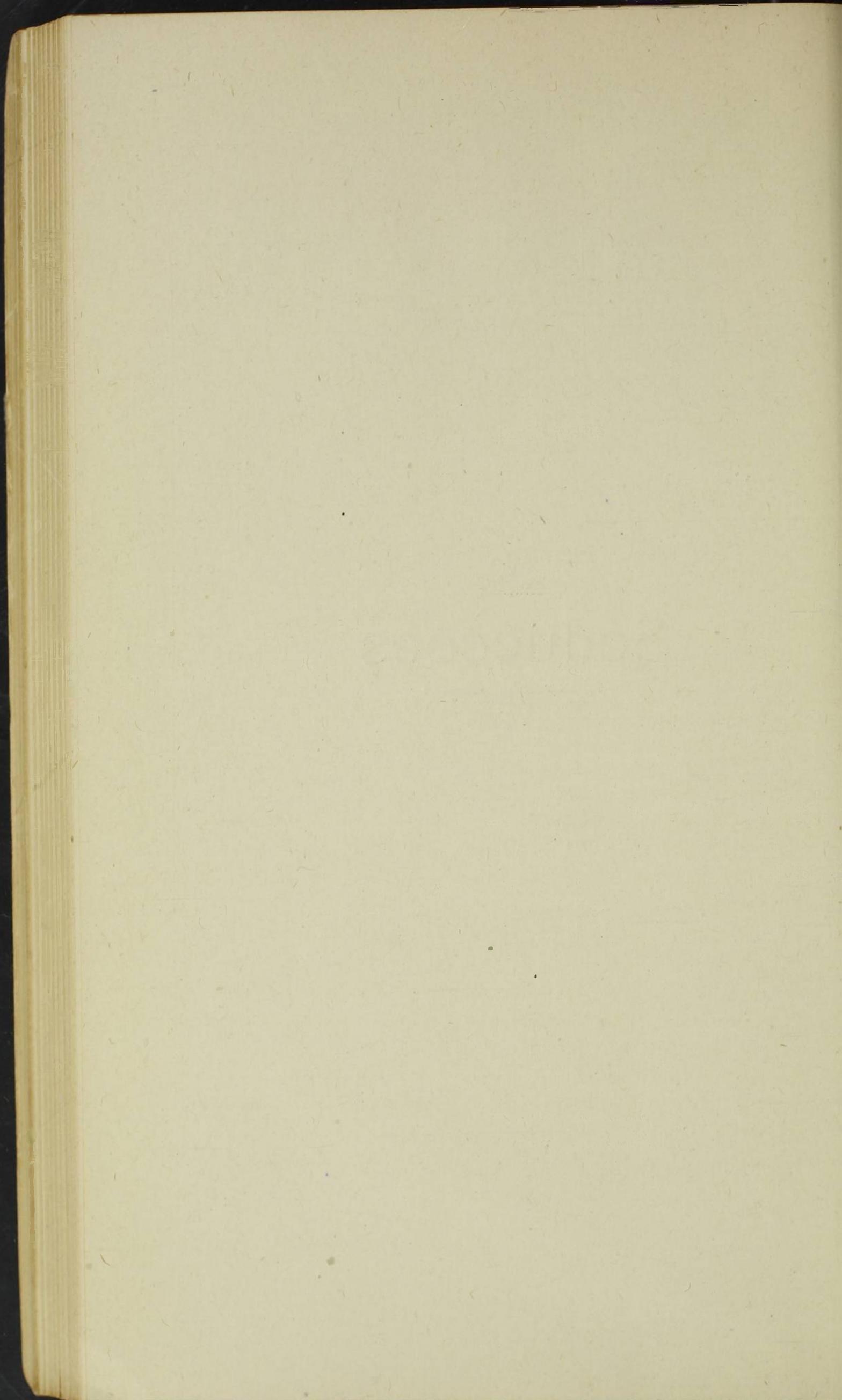


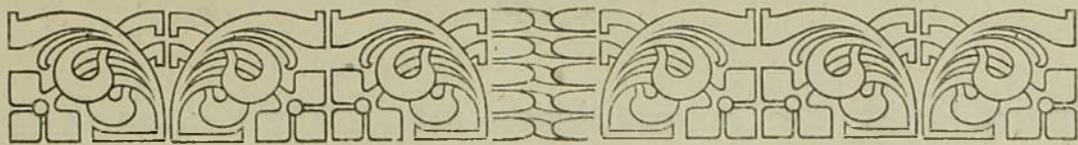




Seducções







Seduções



‘E’ evidente que a sociedade ha de transformar-se no sentido do altruismo, da harmonia e da liberdade, isto é, no sentido da natureza feminina’.

CHARLES ALBERT.

Ha 6 dias (13-18-4-1919) depois de uma horrivel noite de tempestade foi encontrada á porta do presbitério, em Barbacena, uma criancinha de alguns dias, encharcada, regelada.

Vestia roupinhas finissimas e no cestinho de vime havia um bilhete bem traçado de letra fidalga em papel de luxo, bilhete que abençoava o protector do pequenino José, já baptisado pela igreja catholica. Supõe-se ter vindo de fóra chegando de nocturno e, quem a depositou no alpendre não teve pena de a deixar exposta ao vendaval. Um operario apresentou se ao juiz para adoptar a criança. O Sr. Americo Vieira, casado, sem filhos, num surto de alma bôa levou

para junto da companheira magnanima uma criaturinha que lhes vae adoçar as agruras da vida. Enquanto nós outros enjeitamos os nossos filhos, um operario — que trabalha hoje para comer amanhã — recebe-os partindo ao meio o bocado de pão que leva á bocca ! Quanta miseria e quanto altruismo !

Pobre e desnaturada mãe !

O seu crime ?

Não sabia que o homem é protegido pelas leis e pelos preconceitos ?

A Natureza, mãe piedosa, deu á mulher um ventre fecundo e um coração sensivel e disse : Ama !

Os homens que deveriam exaltar-lhe o valôr moral dos predicados acharam que a Natureza foi por demais generosa coroadando-lhe a frente com os anseios da gestação e as dôres da maternidade e fizeram leis que a opprimem e degradam na propria carne.

E' que *«tout dégènere entre les mains de l'homme»*.

E a mulher não póde ser mãe, não tem o direito de beijar um filho se esse filho não nasceu do casamento legal ?

E o que è o casamento legal ? Varia.

Para o protestante um padre póde casar sem formalidades de papeis, mas, esse par não está casado para o catholico romano e vice-versa.

O casamento civil une um casal porém o catholicismo romano acha que sem a benção do seu sacerdote aquillo se chama concubinato e assim, varia a concepção das tais leis e dos taes legisladores—não fallando dos costumes e usos entre os povos menos civilizados. Menos ? ... Talvez não !

Um homem subjuga uma pobre moça pela força ou pela seducção e ella se lhe entrega e vem o pri-

meiro filho. O rapaz se despede e a rapariga enjeita o fructo d'aquelle amôr para que a sociedade a não repudie. Então lhe não bastou a anciedade de tantos mêses? A quem maior responsabilidade no acto praticado pelos dois? E as leis protegem o rapaz, que gargalha sobre os destroços de uma vida! Além disso o enjeitado, se é homem, vingá-se da propria mãe—negando á mulher o respeito, a consideração, a estima ao menos. E todas as mulheres soffrem as consequencias da generosidade de uma que se deixou levar por canticos de sereias...

Contou-me, ha mezes, um sobrinho, que, alguns rapazes convidaram-no para ir até Sitio acompanhar uma professora seduzida por um estroina e libertino—para gozarem o espectaculo da sua gravidez! Os rapazes se reuniram a chamado do seductor.

E' o cumulo!

Saibam as minhas patriciasinhas: entregar-se a um homem é prodigalizar-lhe gôso material que elle esquece logo depois virando as costas, rindo-se da nossa ingenuidade e abnegação.

E' portanto favorecer os seus instinctos baixos.

E se nos fica nos braços um filho?

Esse filho das nossas entranhas devemos repudiar? —Não! Mil vezes não!

Aquellas que forem menos fórtes que os instinctos, proclamem alto a sua fragilidade tendo forças bastante para gritar: Eu sou mãe!

Enjeitar um filho? Nunca!

Que venha sobre a mulher o mundo inteiro, que a sociedade e a familia desprezem-na: basta á mãe o amôr materno. E é para as eventualidades da sorte que a mulher se deve preparar—instruindo-se, aprendendo a viver por si e para mais alguém.

E a mulher seduzida uma vez não póde, não deve, de forma alguma, por motivo nenhum, entregar-se a outro homem sem as formalidades da lei, lei que se ha de modificar, forçosamente, beneficiando-nos. Por ora, essa lei nos ensina a precavermo-nos contra os homens.

Que desconfie sempre, que seja fórte, que domine o seu coração magnanimo: a nossa sensibilidade muitas vezes volta contra nós mesmas.

E todas as mulheres de posição ou dinheiro têm por primeiro dever olhar as irmãs seduzidas, as viúvas moças e pobres, evitando-lhes a primeira queda e as successivas.

Mulher nenhuma se entrega aos homens por luxuria. Os taes casos pathologicos são excepçionaes.

A miseria e o coração é a causa das desgraças femininas.

E porque não se estender a mão á mulher que cáiu e se levantou com um filho?

Porque não nos unirmos todas para ajuda-la a criar e a educar aquelle filho?

Os homens não estendem os braços ao seductor applaudindo as suas façanhas, protegendo aquelle que demais foi protegido pela Natureza?

Maldita sociedade que se escarnece da fragilidade do nosso sexo — atirando-nos ao rosto insultos soezes!

E a pobre mãe, durante 9 longos mesês, ha de viver mergulhada na incerteza, na dôr physica e moral, para, naquelle abatimento de mórte, gerar um ente enfermiço, fraco, nervoso predisposto a taras e á fraqueza moral.

Do proprio sangue materno sáe enfim uma farpa a aguilhoar a mulher.

Se toda seduzida pela primeira queda lançasse um manifesto a nós, mulheres, e, se volvessemos toda a energia feminina para a fundação de uma grande associação protectora das mães sem terem sido esposas legaes, associação que não permittisse a segunda quédá, — que formidavel corrente de solidariedade e força criariamos em torno da nossa fragildade !

E os homens tratariam de modificar as leis...

Seria o reinado da *Lysistrata* de Aristophanes !...

Eia, mulheres brasileiras, fundemos essa associação e os enjeitados de hoje serão, depois, as melhores columnas a amparar o nosso templo de solidariedade e amôr.

Moças de minha terra — cuidado com as seduccões.

Não abandoneis, porém, os fructos do vosso amôr culpado porque não quiz ou não esperou as formalidades da lei.

Um filho é um pedaço da nossa carne, uma parte de nossa alma.

Não se tira do corpo uma gotta de sangue sem que a dôr nos surpreenda.

Eu antes quereria que me arrancassem o coração.

Nem pae, nem mãe, nem irmãos, nem amante, nem o receio do desprezo — nada me impediria de gritar com todas as forças da minh'alma: — E' o meu filho, é o que de melhor tenho de mim mesma.

Que o mundo inteiro me volte as costas mas que elle nunca amaldiçoe o meu nome e saiba que foi tudo para mim.

E se m'o tirassem á força eu gritaria da mesma forma até que m'o restituissem.

Somos muito mais puras, idealistas, generosas e os homens não tem merecido a nossa magnanimida-

de e a não merecerão enquanto se acastelarem dentro dessa lei iniqua que tudo lhes favorece e que nos opprime a bem do seu proprio goso.

No principio deste livro perguntei : que irão fazer dessas pobres moças disvirginadas pela cohorte louca dos brutos guerreiros de agora ?

Acabo de lêr no *Correio da Manhã* o seguinte telegramma :

«Um accordo entre mulheres norte-americanas e francezas.

PARIS, 15—O sr. Clemenceau, presidente do conselho, recebeu hoje, em audiencia, a sra. Charles Faron, que, em nome, do *comité* «Protecção ás Mulheres na Legislação Internacional» lhe fez entrega duma mocção assignada por cinco milhões de mulheres norte-americanas, pedindo um accôrdo com as mulheres francezas, bem como a punição de todos os inimigos culpados de attentados aos bons costumes, devendo assim as mulheres maltratadas ser consideradas como feridas de guerra.»

Sigamos o seu exemplo protegendo a brasileira contra a miseria e a ignorancia.

Nós todas quando saímos da *potestas* do pae, caímos no *manus* do marido. Eternamente tuteladas.

E o salario é o outro factor a escravisar a mulher.

Repito—a causa da prostituição é a miseria.

Citarei uma pagina de Charles Albert, provando-o categoricamente : «Se para o homem é difficil viver do seu trabalho, para a mulher é quasi impossivel.

Num desses livros em que os burguezes descrevem as chagas da sociedade, sem, é claro, pretender discriminar-lhes as causas e consequencias, M. Char-

les Benoist revelou-nos a situação da costureira parisiense.

Uma costureira de camisas, por exemplo, ganha 2 francos por dia.

Eis como consegue equilibrar o seu orçamento:

Aluguer de quarto	160	francos
Dois vestidos a 10 francos cada um	20	«
Quatro pares de botas a 5 fr. . . .	20	«
Dois chapéus a 3 fr.	6	«
Tres pares de meias a 1 fr.	3	«
Duas camisas a 2 fr.	4	«
Toalhas pequenas, por anno	3	»
Quatro lenços a 0 fr. 50	2	»
Luz	10	»
Lume . . . ,	12	»
Gorgetas á porteira	5	»
Dois pequenos aventaes pretos . .	3	»
Uma saia de baixo , . .	2	»
<hr/>		
Total	250	fr.

Restam-lhe portanto para comer, deduzidos os 250 fr. dos 600 que ganha actualmente, (1899) 350 fr. o que dá 0 fr. 95 por dia, dinheiro que emprega do seguinte modo :

Uma libra de pão	Fr. 0,20
Leite	0,10
Uma costeleta	0,25
Vinho	0,10
Carvão , .	0,05
Legumes	0,15
Manteiga	0,10
<hr/>	
Total	Fr. 0,95

Os detalhes desta conta são excellentes para os que gastam alguns francos só em tabaco! Ignoram estes o que é e o que representa a existencia de um ser

humano obrigado a viver com quarenta *sous* (400 réis) por dia no meio das tentações e dos requintes da vida moderna!

Ignoram ou pretendem ignorar que um centimo mal empregado ou a menor falta de trabalho significam a fome imediata. E quantas operarias ha que não ganham esta quantia! Dois francos é o salario médio da operaria parisiense; porém, nas provincias, quantas lavadeiras não fazem por dia mais de 10 ou 12 *sous*!

Ha alfaiates que não pagam mais de 4 *sous* (40 réis) para coser um par de calças, e só as mais habéis costureiras conseguem fazer diariamente dois pares.

E todavia não ha trabalho para todas que o reclamam.

Não ha ninguem que não conheça mulheres exploradas desta ou de qualquer outra forma. Sobre cada um dos officios em que a mulher trabalha para ganhar a vida podia escrever-se um livro como o de M. Benoist. Só assim a prostituição ficaria perfeitamente explicada.»

.....

O dinheiro envenena todas as existencias e, enquanto houver *propriedade* haverá o preconceito de classe, a escravidão da maioria, a escravidão da mulher.

A lei prende a mulher ao marido?

E os animaes são sujeitos a leis matrimoniaes? Todos sabem que as cobras vivem aos pares. E' conhecido o caso daquella cegonha «cuja femea não podia acompanhá-la na emigração por causa duma ferida e que vinha ter com ella na primavera, em tres annos successivos, e passar o inverno a seu lado nos annos seguintes. Os animaes monogamos não po-

dem viver um sem o outro. Num casal d'inseparaveis, morre um poucas horas depois do outro. Este facto tem sido observado com as rôlas. A cotovia só se conserva na gaiola acasalada.»

Os homens julgam-nos pelos seus sentimentos e pelo seu egoismo.

E depois, não vemos fóra do casamento legal— casaes unidos e fieis ?

E o adulterio não prova que a lei não é salva-guarda da honra?

Não nos esqueçamos, caras brasileirinhas: Só o amôr puro, desinteressado merece as nossas graças.

Eu não prego o amôr livre. E' cêdo. Que a mulher cada vez mais se respeite e se não entregue sem as formalidades das leis. O prejuizo seria nosso exclusivamente. Os homens que o pregam, devem, antes de tudo, tratar de modificar ou fazer modificar aquellas leis. Nós temos por dever o precavermo-nos.

Bato-me pelo casamento exclusivamente por amôr. Tudo mais é venda legal.

E saibam os homens que não é o receio do punhal ou de revolver nem são as consíderações sociaes que impedem a mulher virtuosa de se entregar ao primeiro homem que passa — é a sua dignidade de mulher.

E por isso a virtude feminina não é merito porque é um devêr e, em qualquer sociedade a mulher virtuosa é fiel ao seu marido porque respeita a si mesma antes de se lembrar de codigos ou sociedade, ou nomes de familia.

Temos alma sensível a acolher sonhos de perfeição.

Os homens com as suas leis degradam-nos.

Estamos na categoria dos cretinos, imbecís, loucos ou senís: eternamente tuteladas!

Collocam-se como intermediarios entre nós e a sociedade, e, nos suppõem cortesãs que se não entregam por mêdo, só por mêdo!

E o nosso coração immenso ri-se da sua ingenuidade, do seu egoismo autoritario...

Ha cousas estupendas nesta sociedade!

Alguem já disse que «as mulheres serão livres quando forem respeitadas.» Esse respeito depende de uma orientação nóva na educação moderna.

Não me revolto contra o meu sexo e sim contra a organização social que não nos respeita em a nossa natureza, em os nossos sentimentos.

Somos humilhadas quando deveríamos ser exaltadas.

O homem e a mulher completam-se, portanto, um não pode ser autoritario e o outro subalterno.

E que *união* ou *casamento* é esse que faz dois entes designaes— um maior outro menor, um forte contra um fraco?

E' para vêr essas cousas que a mulher deve instruir-se.

« A mulher. diz Mme. Olive Schreiner, precisa de uma cultura muito variada; as alturas e as profundidades da vida humana não devem estar para lá do horizonte da sua vista; deve ter conhecimento dos homens e das cousas em varias situações, um largo eclectismo de sympathias, a força que nasce do saber e a magnanimidade que nasce da força. Trazemos o mundo em nós e somos nós que operamos. As almas das criancinhas são cousas maravilhosamente delicadas e ternas, guardando impressas para sempre as lembranças

ças da primeira mulher que a embalou. quase sempre a mãe.»

.....

Censuram-nos tambem a *coquetterie*.

A belleza não é o segundo bem humano, na phrase de Platão? E os homens, por acaso, collocam outro qualquer dote feminino acima da bellêza?

Maeterlinck não acaba de se divorciar de Georgette Leblanc, intelligente e artista, substituindo-a por uma camponêsa só porque é mais moça e bella?

Tola daquella que se não cuida suppondo que só o talento ou a virtude prende os homens.

A propria virtude conjugal deve ser *coquette*...

A mulher que se não faz admirar não será apreciada devidamente pelo marido.

Venham argumentos mas a verdade é esta.

Elle se torna muito mais amoroso quando a vê rodeada de admiradores respeitosos.

Certo não queremos, de modo algum, que a mulher se venda por uma joia ou um vestido e censuramos aquellas que trazem adereços caros, *toilettes* luxuosas — mostrando ás pobres o meio illicito de as adquerir.

E' criminosa a mulher que faz sobresair os seus dotes, a sua riqueza, os seus caprichos para causar inveja.

Aquillo tudo póde seduzir mais os espiritos fracos que o homem o seductor.

E nós mulheres, que sabemos como facilmente podemos obter a fortuna e adoração dos homens, se resvalamos na miseria estamos expostas a quedas successivas.

O ouro, o maldito ouro é a causa das nossas desgraças.

Enquanto houver salario—capital, enquanto houver propriedade—posse, seremos escravos de nós mesmos e pesará sobre os hombros mais frageis a sobrecarga do trabalho, aviltará o nosso sexo a miseria e a infamia da prostituição. E agora, minhas senhoras, vou transcrever um pequenino trecho de Antonio Torres, um dos taes que só falla mal de nós mas que diz muitas verdades...

« Quando passo á noite por certos sitios e vejo os pequeninos miseraveis ao relento, cavando no nosso quadro social sulcos impressionantes e do mais vivo contraste, penso logo no porvir, que é delles e não vosso. Por agora, a alegria da infancia não lhes permite meditar no horror da sua vida; mas quando lhes apontar a barba, si não estiverem na cadeia, que è o destino natural dos desprotegidos, armarão barricadas; porque é da fome dos pequeninos que se nutrem as revoluções; é na indiferença dos ricos que germina o espirito das grandes revoltas. Pode a vossa policia esmaga-los; podem os vossos esbirros escorraça-los a patas de cavallos; elles voltarão á carga; e a morte de alguns dos vossos filhos servirá para vingar a morte de alguns delles; e, dessa forma, uma vez que pondeis no vosso coração as trancas do egoismo, elles forçarão as suas portas a dynamite. »

PROTECCÃO MASCULINA...

Todos os dias os jornaes trazem artigos, noticias, commentarios a respeito do feminismo.

Opiniões as mais d'iversas.

O «Correio» de hontem falou no assumpto por duas vezes—artigos antagonicos.

Na primeira pagina um excellente e bem documentado trabalho de Augusto Vinhaes — favoravel, inteiramente favoravel ao feminismo radical.

Na segunda pagina outro de A. Leão Velloso—interessantissimo.

Apreciaremos o ultimo.

Com a guerra as mulheres e os operarios não lucraram apenas na apparencia.

Não mais deve haver duvida.

Que ha realmente velha conta a liquidar entre os operarios, as mulheres e o «resto das criaturas humanas» (expressões do articulista)— sem duvida !

Se nos convem a nova ordem de cousas ?

Convenha ou não—a evolução social no-la indica : quer queiram as mulheres ou não, quer queiram ou não os homens — n6vos encargos se nos deffrontam.

Hoje as reivindicad6ras não são « recolhidas entre as regateiras do Mercado (outra injustiça !) e outras de *virtude e vestuario mediocres* » (!) da tomada da Bastilha.

Ellas se contam por centenas entre a fina flor da fidalguia inglesa, franceza, italiana, entre as millionarias americanas, entre as russas ricas ou pobres illustres e indomaveis e entre nós já apparece aqui e ali uma feminista nascida na simplicidade modesta da virtude brasileira, sem alardes — nobre de sentimentos e de purêza.

Aqui está uma que, até hoje, póde proclamar bem alto o seu honesto ideal de emancipação—desafiando o baptismo de epitetos pouco dignos.

Não ha de que se atemorizar os nossos pseudo protectores, e, se estimam «até que venham tirar do sexo forte algum trabalho e sacrificio» é que as fibras

do character moderno se distendem numa elasticidade assombrosa ...

O trabalho e o sacrificio da maioria feminina não póde ultrapassar o de agora: que o digam os milhões de operarias que repartem a vida entre o trabalho e a dôr. Que o digam as representantes da burguêsia pobre—carregadas de filhos, de sacrificios e abnegação.

Que o digam as miseraveis que se vendem por miseria e se matam, a cada passo, cançadas do *altar* que os homens nos têm offerecido.

Inquietam-se por nós, affligem-se por nossa situação de amanhã?

Muita bondade !...

Nós nos arranjaremos talvez melhor que agora.

«Já possuem liberdade para fazer tudo quanto querem»—não ha duvida e, no entanto revoltam-se os homens se reclamamos alguns poucos direitos.

Sentem-se mal os nossos protectores e, á força, nos tentam empurrar para o gyneceu á moderna.

Perde a mulher «a mais preciosa das regalias: que é a de ser protegida e alimentada pelo homem».

Vejamos por parte:

Em que consiste a protecção do homem de hoje para a mulher?

Reza, o Manú: A mulher durante a sua infancia depende do pai; durante a mocidade, do marido; em morrendo o marido, dos seus filhos; se não tem filhos dos parentes proximos de seu marido, porque uma mulher nunca deve governar-se á sua vontade.»

Entre os gregos, entre os romanos — a mesma cantiga.

Lemos essas historias com um sorriso nos labios

em ar de superioridade como se estivéssemos muito longe desses costumes.

Puro engano.

Se o direito romano dos antigos, nesse ponto, não está em vigor pela força da lei—está pelo habito, pelos costumes.

Quem não sabe que o jury, todos os dias, absolve assassinos de mulheres e condemna aquellas que matam, por amôr, uma ou outra vez?

Protecção é então matar (e não ser punido) quando a victima se não entrega ou por nojo, ou por antipathia ou revolta?

Protecção é fazer da mulher—*cousa* a se vender por alimento ou vestidos ao companheiro que a quer para criada ou para satisfação de instinctos?

Protecção é receber o salario da esposa e applica-lo, ás vezes com a amante?

E' fingir que não precisa do seu trabalho e deixa-la ás voltas com as despesas do casal?

Protecção é apenas encher a casa de viveres e atirar a besta de carga á luta — no fogão, na lavanderia, nas costuras — sem tempo sequer para cuidar de si e sentir que tem cerebro e ideais?

Protecção é applaudir nos theatros as estrellas, as coristas e dançarinas e voltar ébrio para casa, violando os mais sagrados preceitos de justiça e respeito á mãe de seus filhos?

E' atirar á esposa palavras injuriosas, ser exigente e mal criado?

Protecção é matar a mulher se erra — esquecendo-se o homem da polygamia habitual em que vive sob o pretexto de que tem mais necessidades?

E' blasonar-se das suas conquistas e bravatas,

é postar-se á porta de confeitarias e cafés para cortar a reputação das senhoras que passam?

E' escrever cartas anonymas, é forjar calumnias quando a mulher virtuosa se não entrega?

Protecção é desvia-la do unico e immenso gôso — a intellectualidade, sob o pretexto de que os nossos destinos são diversos, como se ella não tivesse o direito de desenvolver todas as suas faculdades para a expansão completa do seu sêr, para a conquista da felicidade intima?

E' traze-la na ignorancia do homem e da vida — para o egoismo masculino?

E' seduzir e abandonar, é atira-la á prostituição ou fecha-la num *Bom Pastor* — porque a diversidade dos sexos, pela lei e pelos costumes, dá direitos ao homem e nega o perdão e o valor á mulher — mesmo áquella que caíu por ignorancia ou por astucia masculina?

Protecção é manter casas suspeitas, a infamia da prostituição, o mercado de castens, gozar a carne moça das mulheres — enganadas miseravelmente e atira-las, quando imprestaveis, á vaia commum dos mais desgraçados e tôrpes destinos e gargalhar sobre pobres destróços de gente?

Protecção é exigir da mulher trabalho igual ao do homem e lhe pagar menos?

Até aonde poderemos ir?...

Quanto á alimentação de que falla o articulista—cousa a que dão tanto apreço—responderemos: *nem só de pão vive o homem*, e, se elle suppõe que a mulher se contenta com a mêsa, está bem perto do tempo em que se pregou que a mulher é destituida de alma.

Para nós, uma vez por todas: o alimento é cou-

sa de menos importancia e, se comemos o trabalho do homem em troca lhe prodigalizamos carinhos, prazeres, alegrias intimas.

A menos que estabeleçam o valor da mulher pelos pratos que come...

E' de mais rebaixar-nos.

Se ha esposos que suppõem rodear a mulher de conforto ao atirar-lhes á mesa a fartura, enganam-se, e, se ellas nada dizem é ainda por generosidade e ás vezes por desprezo.

Não é favor alimentar a mulher, porem, se ella deseja provêr a sua subsistencia é para não ouvir o lastimar-se os homens...

E, não devendo favores poderão melhor exigir...

Diz ainda: «a mulher de amanhã levanta-se estremunhada já trazendo na testa a ruga da preocupação e da anciedade e atira-se como o homem, celere, sem atavios, no feio turbilhão da luta pela vida, do suor e da poeira.»

E, porventura com a mulher de hoje, *tutelada, protegida e alimentada* não se dá o mesmo?

Alguns homens fingem desconhecer as agruras de vidas femininas.

Conheço respeitavel senhora com uma duzia de filhos, mantenedôra da familia — com o seu penoso trabalho de doces e *bonbons*.

E o marido?!...

Essa patricia nunca soube de atavios, não conhece reivindicações e nem sabe de emancipação feminina.

Sente apenas que é penosa a vida da mãe de familia e sabe que... tem um protector!

Outra sustenta a casa e os filhos enquanto o marido joga no «bicho» e gasta sem que ella saiba onde.

Longos seriam os exemplos da complexa protecção masculina.

E os maridos das professoras de arraiaes, os *chupins* ?...

Estamos fartas de ser protegidas !

Os operarios tambem dizem o mesmo.

«Adeus ócios gentis ! quando esticada nas sêdas moles de um divan, adormecia com um romance do sr. Bourget, que somente a mulher protegida pelo homem que lhe garante a tranquillidade da sésta e do somno proprio, ainda pôde lêr.»

Pobres patricias !

Podemos contar a dêdo aquellas que conhecem o sr. Bourget na sua psychologia e no seu catholicismo.

O sr. Bourget e tantos outros não são accessiveis senão a algumas privilegiadas.

Quaes são os *ócios gentis* da maioria feminina ?

O ferro de engommar, a agulha e o dedal, a vassoura, o fogão, os desgostos, as lagrimas e os filhinhos rachiticos.

Não fôram os *ócios gentis* das mulheres galantes e egoistas e outros seriam os destinos de tantas infelizes desamparadas, entregues á *protecção* e á *alimentação* que os homens nos offerecem — «a mais preciosa das regalias» que se nos distribuem...

E, não digo tudo isso «por uma estulta vaidade do sexo»...

QUESTÕES SOCIAES

Não fui signataria dos boletins espalhados no Rio pregando o amôr livre.

Tive conhecimento do Partido Communista Feminino muito depois da distribuição dos pamphletos.

Recebi de uma senhora que não conheço—carta, programmas e bases para a formação de um nucleo feminino de resistencia em prol de futuro melhor.

Inscrivi-me como socia do partido: sou feminista.

Por isso mesmo julguei-me com o dever de vir defender as signatarias dos boletins atacados hontem em *Carêta* por um distincto jornalista.

Como mulher, sabendo que de facto existe o partido feminino communista, lanço mão da pena para falar em nome da operaria brasileira.

Supponho e com razão que não ha entre ellas muitas capazes de sentir o alcance das expressões do manifesto.

A nossa imaginação sonhadora alcança muito além através de periodos seculares.

O ideal de emancipação feminina visa uma epoca longinqua.

Agora é a lethargia.

Caminhamos para a metamorphose.

Uma ou outra tenta despertar-se mas tonteia.

A luz é intensa.

A mulher quer emancipar-se mas condemna aquella que vê mais longe num grande surto.

Quer libertar-se porém censura a que vòa mais alto desprezando preconceitos.

Quer ser livre mas foge da que se não submete a preceitos socias.

A mulher continúa sendo a primeira inimiga da mulher. E a que se sente vidente — préga e recúa, olha e não vê, perscruta, indaga e não compreende, não sabe o que quer.

Terrível momento.

As ideias se entrechocam.

Ninguem se entende.

Os nossos jornalistas têm contradições flagrantes e tudo parece caminhar para o cáos.

Os signatarios dos boletins libertarios são sonhadores de mundo melhor.

Voaram além das aspirações de agora.

Esqueceram-se de que vivem entre nós — sensuaes, grosseiros, incapazes de compreender o alcance moral da bella concepção de uma sociedade futura, num surto idealista.

Foram longe demais.

E' nosso dever perscrutar o fundo, as intenções, a alma daquelles manifestos.

Não conheço as signatarias dos boletins mas posso assegurar ao autor das «*Paginas da Cidade*», a quem tanto admiro, que entre ellas não foi perdida «a noção exacta do lar» e se vivem «numa revolta perenne contra a propria natureza» se curtem a «sua miseria» não é «por detraz de uma rotula no mercado franco de uma belleza quiçá decadente» e sim no proprio lar onde é parca a mesa, onde não ha lume nem agasalho, nem conforto, onde a *miseria physiologica* se acastella desde gerações remotas onde a tristeza vive em cada olhar, onde o trabalho verga de cansaço, onde as lagrimas imprimem no rosto o vinco da fome, da lucta, dos desgostos.

Eu não prego o amôr livre: sou mulher, sou

brasileira e essa linguagem offende os nossos princípios, a nossa

«... velha sociedade
—a messalina hedionda,
que, da vida no eterno carnaval,
se exhibe phantasiada de vestal».

Mas—que é o amôr livre ?

Conheço a theoria através da natureza ...

Leio com interesse todas as questões que affectam a vida social.

Hontem, hoje, amanhã, em todos os tempos, com ou sem leis, com ou sem governos—a virtude feminina existiu.

O pudôr, tão relativo, tão diversamente observado na sua psychologia segundo os costumes e as localidades, tão variavel, só não é constatado no sexo fraco em casos especialissimos bastante discutidos entre os anthropologistas.

E chegam sempre á conclusão de que «quanto mais o amôr se rodeia de hypocrisia, de sophismas, de reticencias e de escuridão, mais sensivel e delicado e ao mesmo tempo mais fragil é o seu mecanismo».

E á medida que a mulher se emancipa intellectualmente melhor irá comprehendendo que a virtude feminina não é merito porque é um devêr. Resguardar-se-á conscientemente.

A' proporção que as necessidades forem sendo satisfeitas, o espirito esclarecido na ansia da perfeição — a miseria da prostituição, o tôrpe mercado da carne moça das mulheres irá desapparecendo e outra linguagem falará a humanidade.

Não são as leis nem os governos nem o mêdo do companhelro ou da sociedade que seguram a mu-

lher no lar: è a sua dignidade de mulher, é o respeito pelo sexo, é o pudôr natural — bem feminino.

Apesar de vermos no theatro, nos salões, por toda parte cortejada, admirada, procurada, endeusada a belleza leviana, futil — não nos tornamos futeis nem levianas.

Vem-nos aos labios triste sorriso e entanto, caminhamos com linha, com distincção — sem que a observação altere o nosso objectivo—o devêr.

Ensinam-nos que é penosa a vida da artista mas o que vemos é que ella é rodeada de conforto, de carinho, de adoração enquanto a mãe de familia labuta nos arduos deveres da maternidade e do lar.

E porque não deixam as artistas aquella vida pesada?...

São as grandes artistas, dizem-nos, pois bem: entre nós ha mulheres intelligentissimas, graciosas, capazes de uma bella carreira, de um futuro glorioso no theatro e se deixam ficar no lar—as vezes bem desgraçado.

Sabem que dali se resvala mais facilmente e resguardam-se no soffrimento.

E querem convencer-nos de que—sem a força, a lei, o governo—a mulher se entregará ao primeiro que passar!

Nunca!

A familia existirá sempre porque a mulher será sempre mulher e cada vez mais feminina, mais subtil e mais affectuosa.

E a prova é que em quasi todas as raças inferiores, depois do casamento — *o amor é mais ou menos reservado a um só homem*, diz celebre anthropologista.

Eduquem a mulher, despertem a sua consciên-

cia, illuminem a sua clarividencia moral e ella reformará o mundo, fará da humanidade em luta a alavanca formidavel em caminho de um mundo nôvo.

E veremos a cooperação de todas as forças para a felicidade collectiva.

O amôr livre pregado pelos grandes idealistas não é a immoralidade, a dissolução da familia e do lar, o mercado da prostituição, a libertinagem que sem o amôr livre campeia desenfreada nesse triste seculo parecendo querer reviver a degradação de tempos immemoriaes.

O casamento ou a união livre pôde ser formalizada por uma cerimonia qualquer—religiosa ou não, á escolha dos conjuges.

O que se quer é o amôr verdadeiro, sèrio, apoiado no puro affecto, na affinidade de dous seres que se attraem não por conveniencia de classe, posição ou dinheiro.

Os casamentos calculados trazem felicidade ao casal e aos filhos ?

O interesse das gerações pesa na balança dos casamentos de hoje ?

Não sabemos que em S. Paulo, por exemplo, os rapazes trazem nas carteiras listas de nomes e cifras das paulistas ricas ?

Não sabemos que estes casamentos dão em resultado—libertinagens, bohemias e adulterios ?

De que ficam valendo as leis ?

E porque o adulterio senão por absoluta falta de comprehensão dos deveres, falta de educação racional, revolta inconsciente provocada pelo despotismo contra nós, mulheres ?

A moça casa porque é feio—é *ridiculo* ficar solteira, porque os homens se riem, se divertem a custa

das *tias*, as proprias mulheres troçam a que não encontrou marido, pois a mulher solteira não deve ter sexo, nem instinctos, nem sonhos, nem direito ao amor.

Deve ter attributos divinos, será insensível, um sêr immaterial, uma criatura fóra das outras criaturas...

Mas, si se casa precisa ser ardente, impetuosa, encarnar o typo polymorpho de todas as mulheres, multiplicar-se, fazer correr nas suas veias o sangue de todas as raças —no caso que queira assegurar a sua felicidade.

Hoje terna, amanhã exigente, depois de meiga— explosiva, adivinhando e esquecendo, mandando e solicitando, simples e as vezes espectacular, reunindo em si modalidades antagonicas — a mulher para guardar a sua conquista precisa ser artista, ser humana e divina, anjo e demonio.

Eis o que querem os homens inalteraveis no seu sensualismo grosseiro, egoista e voluvel.

Todos fingem esquecer de que a mulher evoluiu pela mesma escala zoologica...

Homem nenhum seria capaz de levar a vida casta de uma solteirona e... ridicularisam-na.

Que querem, então?

O que fazem com as mulheres não é natural e resume-se nestas palavras: «A sociedade actual desempenha assim contra o amôr o mesmo papel de uma mãe que, depois de ter dado á luz um filho o impedisse de crescer e desenvolver-se.»

E a prova é que — se perguntarmos ao mais desgraçado dos homens se quer ser a mais feliz das mulheres, elle regeitará.

E no entanto nós temos a realeza feminina e o tão decantado altar!...

Sobre nós, mulheres — duas escravidões se acastelam : a do salario e a do amôr.

Não temos o direito da escolha : somos escolhidas.

O amôr nos colloca em lugar de *cousa*, numero, algarismo submettido ao homem.

A nossa situação não faz inveja apesar de nos perguntarem sempre : «—que mais querem se são as rainhas do mundo ?»

— Triste realeza !

E aquellas desgraçadas cujos «orgãos convertem-se em simples ferramentas do officio que cada uma é obrigada a exercer para viver ?»

E' horrivel pensar: a sociedade de hoje exige a prostituição de muitas mulheres para resguardar a virtude de outras !

E porque não sonhar com um meio de elevar todas as mulheres, fazer anjos, esposas e mães modelares, dar um golpe final na venda dos corpos femininos venda de lupanares e de casamentos ?

Protesta a sociedade moralista si se tenta fechar o mercado da prostituição !

E quem melhor do que a mulher póde e deve gritar o brado de alarma em pról da mulher que se vende por miseria ?

E' por isso que a minha cabeça ferve de entusiasmo pela causa da mulher e a minha penna corre vertiginosa, cheia de coragem, como se pudesse liberta-la...

Que importa a mim o juizo dos homens ?

Já o disse : o amôr não se vende.

Vende-lo é de honrar-se na alma.

Quero a mulher pura simples, mãe no corpo e no espirito.

Vejo porém tudo mal organizado e antevejo um futuro no qual o coração feminino ha de pulsar livre numa sociedade livre.

A prostituição é o resultado do capitalismo ; cada qual regula as suas despesas pela receita. . .

Pobre e desgraçada a mulher !

E as estatísticas asseguram : «quasi por toda parte a prostituição augmenta mais rapidamente que a população». (Westermarck—*Origem do casamento na especie humana*).

A miseria é a causa da prostituição. A mulher é virtuosa por natureza.

Ha mulheres em certos lugares que se sujeitam a transportar carvão nos hombros e na cabeça. Outras trabalham de sôl a sôl—envenenando-se, envelhecendo precocemente—e fogem da vida dos lupanares.

O interesse explora, subjuga a mulher, paga-lhe menos que ao homem, exige della maiores esforços e deveres, cercea-lhe os direitos, quer que seja bella e futil para conquistar, ridiculariza-a si não achou casamento, desmoralisa-a si procurou, quem a sustentasse no lar fóra da lei, protesta si ella péde trabalho reservado ao homem, si quer prover a sua subsistencia fazendo concorrência ao elemento masculino.

Que fique no lar ! é o grito partido de toda parte. Mas—si é solteira deve servir de manequim enfeitado porque, em geral, os pais e principalmente as mães procuram se ver livres da *responsabilidade*...

Se solteirona é olhada como um sêr á parte e não faltam, mesmo em familia, os epithetos deprimentes.

Se se revolta contra a tutela dos paes—resvala pela prostituição *necessaria* na sociedade presente.

Se se casa passa para a tutela do marido e depois—dos filhos.

E querem que isso continue eternamente ?

Não,—que as consciencias vão se despertando.

Tudo devemos ao capital. Balzac citado por Charles Albert diz : « Infamais pobres criaturas que se vendem por algumas moedas a um homem que passa, — a fome e a necessidade absolvem as uniões ephemeras,—em quanto a sociedade tolera e applaude a união immediata, muito mais monstruosa certamente, duma candida menina com um homem que conhece apenas de ha dois ou tres meses, vendendo-se assim para toda a vida. E' verdade que o preço foi mais elevado ! »

E Charles Albert acrescenta: «Supponde agora que uma cortesã em vez de exercer o seu commercio ao acaso da rua—tenha a garantia de encontrar todos os dias e á mesma hora o mesmo cliente e tereis o typo tão frequente da mulher obrigada a casar pela necessidade de participar do salario de um homem.

• Quantas abandonariam o marido e quantas deixariam de vaguear pelas ruas se tivessem assegurado o pão de amanhã ! »

Somos *cousas* — bestas de carga ou *bibelots* ou objectos de luxo.

Triste condição !

Outros costumes .

O amôr livre do qual tive noticias em leituras sérias não é a promiscuidade revoltante, nem libertinagem, nem o desencadeamento sensual das paixões baixas, nem a escolha ao acaso e caprichosa, momentanea, dissoluvel logo após.

A familia existirá sempre e mais bem constituida quando o casal, de parte a parte se empenhar na

união das almas, na *affinidade electiva*, na conservação dos primeiros arroubos para a garantia da propria felicidade.

Não sabemos que entre os animaes inferiores muitos ha que vivem aos pares ?

Não conhecemos os casos tão communs entre cães, cegonhas, côtovías ?

E querem collocar o sentimento da mulher abaixo do instincto (!) do irracional !

Todos sabem que ha uniões livres mais felizes e mais sérias que casamentos legalizados.

E nos países onde o divorcio é permittido ha mulheres divorciadas que se não casam mais e vivem honestamente.

Hoje acham mais moral e mais regular o adulterio que a separação.

A sociedade prefere a hypocrisia dos *boudoirs*... Que a educação se modifique, que a sinceridade assumo o logar usurpado pelos falsos raciocinios interesseiros.

A astucia feminina tem sua razão de ser...

Eu não prego o amôr livre.

Cuidado, caras brasileirinhas, com as *cantigas* dos homens—quaesquer que sejam.

Sempre que {puderem explorar a nossa credulidade generosa—fa-lo-ão de qualquer modo.

A sociedade os auxilia.

As leis, por ora, apesar de tudo, nos servem de salvaguarda...

E a hypocrisia quasi sempre vem com apparencias de sinceridade.

Hoje a escravidão—porque o espirito não está emancipado.

Trabalhar pela instrucção racional da mulher—
deve ser a nossa divisa.

Amanhã...

O futuro nos dirá...

22—7—1919.

SENTIMENTALISMOS . . .

Pela segunda vez recebo uma carta circular com
«um pedido do Ministro do Brasil em França.»

Lembrava-me perfeitamente dos dizeres da primeira que me veio ás mãos, ha seis meses mais ou menos.

A senhora Olyntho de Magalhães, appella para a generosidade feminina da brasileira sua patricia, afim de que uma longa e forte corrente leve a todos os recantos do Brasil immenso «o gemido angustioso desses innocentinhos que soffrem á mingua emquanto seus pais dão a vida pela causa dos alliados que é a nossa tambem.»

A circular em prol da *Œuvre des petits lits blancs*, deve ser copiada tres vezes e remetida a tres senhoras que farão o mesmo, cada qual enviando 2\$000 á senhorita E... no Rio de Janeiro.

Da primeira vez, recebendo de uma amiga a circular de que trato, recordo-me de a ter copiado tres vezes e, depois... resolvi inutilizar duas copias.

Contando esse pequenino incidente a uma senhora *muito francesa* (talvez mais francesa que brasileira), censurou-me pelo facto de cortar a tal corrente.

Procurei convence-la e até cheguei a insinuar-lhe a que fizesse o mesmo, apesar de que—considero a

obra muitissimo meritoria: oxalá aqui, alguém se lembrasse de imita-la.

Vem-me a segunda circular com a recommendação insistente de a passar adeante, caso mesmo tenha recebido outras, «afim de que não haja interrupção na corrente.»

Nós brasileiras muito mais nos deveríamos interessar pelas cousas nossas. A epidemia acaba de levar-nos robustos braços de trabalhadores.

Quantas crianças ao desamparo !

Quantas viúvas e quantos orphãos de proletarios estão ao nosso lado, pedindo em segredo, clamando—tecto, pão e escola.

As nossas criancinhas depauperadas, famintas, nós não vemos porque nos sensibilizam em extremo pedidos como o do Ministro do Brasil e porque nos impressionamos com o nome—*Œuvres des petits lits blancs!*

Porque é que não cuidamos dos nossos orphãos em vez de cuidar dos orphãos de outros paises cheios de sympathia e auxilio mutuo ?

Acreditam os brasileiros que um appello igual dirigido á mulher francêsa fosse tão promptamente attendido ?

Tudo isso me faz lembrar aquella mãe que deixou o lar em desordem, os filhos entregues a uma criadinha e foi correndo ficar com a amiga cujo filhinho adoecêra gravemente e tão solícita se prestou que o seu filho pequenino, em casa, mais gravemente adoecêra ainda,—por falta de cuidados maternos !...

Quanta cousa linda e digna de auxilio temos em nosso País.

Quanta criança ao abandono, quantos crimino-

— sos crescem á nossa vista, protegidos pela indiferença ás cousas nacionaes.

Dr. Moncorvo Filho, o grande apóstolo, o abnegado philanthropo sabe com que difficuldades lucha para a sua santa obra de protecção á infancia.

Quantas patricias desconhecem o gesto grandioso de Moncorvo Filho !

A's nossas criancinhas pobres tambem não seria conveniente um hospital á beira mar, um estabelecimento modelo para que se fortificassem, onde adquirissem a alegria, a saúde, o bem estar ?

Qual a brasileira que se lembrou de iniciar uma forte corrente angariadora de meios para auxiliar o Dr. Moncorvo e outros, ou para encaminhar um plano como o das caminhas brancas em França ?

Surge agóra a gigantesca obra delineada nos programmas da «Liga Pró-Saneamento do Brasil»: alguém teve a coragem de dizer que o nosso País é «um immenso hospital».

Qual a mulher brasileira que se apresentou em campo para um auxilio activo ao lado dos trabalhadores da *Liga*?

Todas as nações que se dizem civilizadas têm representantes do sexo feminino, senhoras da melhor sociedade que desprezam a ociosidade, a vida calma da *chaise-longue* e das rêdes, o mundanismo dos chás e das recepções, que saem a defender e a proteger a operaria, fundando escolas, universidades, clubs femininos onde a mulher proletaria vae buscar o saber, o ardor para a luta, o conforto, o carinho.

Que tem feito a brasileira pelas suas irmãs?

Nada, absolutamente nada.

Refiro-me ás senhoras dos presidentes, ministros, diplomatas, senadores e deputados, essas que têm no-

me, prestígio, posição social e riquezas, essas que seriam obedecidas ao primeiro gesto, e instruídas de certo, têm o dever de pensar nas suas irmãs que sofrem, nas crianças brasileiras cheias de escrophulas, malária, tuberculose e miseria physiologica.

Nós outras, podemos concorrer apenas com a coragem de dizer e apontar o caminho, apresentamos o concurso da nossa penna modesta mas sempre forte a defender as causas justas referentes á mulher e á criança.

Enquanto a russa reúne o operariado feminino para as conquistas da sua emancipação, enquanto a finlandêsa faz desaparecer o alcoolismo na Finlândia, enquanto a inglêsa obtem o direito de ter representantes no parlamento e a francêsa quasi obtem o direito de voto, enquanto a portugûesa se faz conhecida pelos seus clubs, pela sua literatura, e a argentina é quem preside e organisa o primeiro congresso americano da criança no seu país,—a brasileira espreguiça-se num *divan* macio, ou reparte alguns mil réis com receio da epidemia ou prepara algum chá tango ou frequenta recepções onde se falla francês.

Estão sendo criados os primeiros patronatos para menores vadios—obra monumental, digna de todo o nosso apoio moral.

Nem uma nota partida de mulher, para animar, encorajar, auxiliar, fazer multiplicar os patronatos, noutros países, espalhados em profusão, pelas mulheres—pelas inglêsas, americanas, suissas.

Conhecemos as miserias que assolam o torrão da França. Sensibilizam-nos as desgraças alheias. Esquecemos, entretanto, do nosso povo. Não sabemos que o celleiro vasto do Brasil está vasio—escoou-se para os aliados.

Não sabemos que ao nosso lado está *um immenso hospital*, não imaginamos ainda, que a epidemia deixou a braços com a miseria e com a deshonra talvez, muitas viúvas e grande numero de orphãos doentes e o País deve e os ricos e os politicos de profissão vivem para si; toda essa gente miseravel—come, veste, tem necessidade de escolas, de medicos, de tratamento,—emfim tem direito á vida.

Era natural que, agora, a propria Ministra Sra. Olyntho de Magalhães, pedisse a suspensão dessas circulares porquanto se deve lembrar tambem das necessidades que pululam no seu País, na sua Patria que é tambem a nossa.

Como brasileira eu aconselharia, se me fosse dado, á mulher brasileira a não attender mais a esse pedido, não fazendo multiplicar as circulares. Cuidemos dos nossos ao abandono.

Espalhemos o amor em volta de nós.

Cooperemos para a união da mulher brasileira, fundando um centro de propaganda feminina, uma associação em que as nossas energias dispersas se congreguem com o fito de uma protecção consciente á mulher e á criança.

As francêsas sabem tanto amar á França, que lhe conquistam o amor das brasileiras. E que papel fazemos aos seus proprios olhos?

Nós tambem temos uma Patria, tambem temos irmãos que soffrem, que se sacrificam, a quem cabe o direito de se queixar da nossa indifferença.

Aprendamos a ser brasileiras.

(Artigo publicado no “O Dia” —24—11—1918.)

SUICIDIO

Suicídios de mulheres. São, em geral, as pobres, humildes: collocam o amôr acima da vida e são vencidas pelo desanimo quando atraçoadas pelo homem.

Sem um gemido, sem uma queixa, uma declaração, ellas passam da vida ao ignoto com a resignação das victimas. Que differença entre o amôr feminino e o masculino!

O homem egoista, ciumento, mata e só depois pensa em morrer. A mulher, sózinha, percorre a Via-Sacra da sua dôr e vae, calma e dôce, procurar o lenitivo no esquecimento. Será mesmo o nada, o aniquilamento, a morte?...

E' mais provavel que não...

Esses tristes epilogos que terminam na Assistencia e no Necroterio e dos quaes os jornaes dizem com a maxima naturalidade — *mais uma* — me fazem pensar tristemente na vida difficil e miseravel da mulher proletaria, no immenso amôr ao *seu homem*, amôr para o qual ella erige um pedestal que, ao desmoro-nar-se, destróe a vida da artista.

Pobres mulheres!

As que succumbem são fracas e em numero limitado ainda.

Se todas as mulheres traídas se lembrassem de morrer, que horror meu Deus!...

O homem autoritario e *superior* resolveu criar o preconceito de que elle não póde ser abandonado—é uma grande vergonha, e—a honra lava-se com sangue!

E á mulher cumpre perdoar sempre.

Que linda e commoda philosophia!

«Oh! candidas gentes!»

.....

Mulheres da minha terra! Saibam que a vida não pertence á criatura. Ninguem tem o direito de se matar.

A humanidade é a grande proprietaria á qual temos de prestar contas.

Pertencemo-lhe.

Não somos de nós mesmos.

E, se nos faltar o amôr, o puro e santo amôr,

« . . . esplendido, que arvóra

Em nossos corações um pavilhão d'aurora», se o coração sangra, se o mundo se resume no amôr e se esse amôr falha, lembremo-nos de que o ideal não morre, adormece.

Elle vive em cada fibra, é latente em cada alma por mais indifferente que essa alma se nos mostre, e o ideal procura sempre a occasião segura de romper o dique que o comprime, para metamorphosear-se na libélula verde das nossas esperanças a doudejar pelo espaço immenso dos nossos sonhos.

A mulher não póde morrer de amôr.

A sua existencia é o proprio amôr, grande, majestoso, intérmimo que abrange a Natureza e cada coração que sente.

Se nos falta o amôr do homem, do companheiro, estende-se deante da nossa visão de esthetas—o amôr das cousas e dos homens: o mundo se desdobra em caricias ante o coração magnanimo da mulher.

Matar-se? Nunca!

Desertar do trabalho e do altruismo?

A mulher não é covarde ante o sacrificio.

E' a ignorancia...

Cada mulher que se suicida revive em nós a impressão de que não comprehendemos ainda a nobilitante missão que nos trouxe á Terra.

Não nascemos para gosar. E não é gôso senão a consciencia da utilidade que a nossa vida póde semear.

E' preciso que a causa de tantos infortunios desapareça.

E o papel da mulher é o de estheta da belleza, da verdade...

Morrer quando temos de trabalhar por nós mesmas num supremo ideal de perfeição ?

Só se comprehende o suicidio de um louco ou de um cretino.

E a mulher precisa provar aos homens que as suas companheiras não podem ser classificadas entre os mentecaptos e senís.

Qual a mãe verdadeiramente digna desse nome que se vai deitar repleta deixando o filhinho com fome, com frio, coberto de andrajos ?

Pois bem, senhoras minhas, minhas irmãs: — a humanidade é a nossa filha dilecta e, enquanto não crescer em força e belleza não podemos nós dormir o sonno do descanço...

Guerra ao desanimo, á fraqueza, ao suicidio do corpo ou da alma.

Mulheres do meu País: acordai para a grande obra de emancipação feminina.

Meditae na responsabilidade que nos pesa aos hombros.

Não tendes remorso de uma vida ociosa ao entregardes uns miseraveis mil reis á vossa lavadeira, enquanto num dos dêdos trazeis contos de reis ?

As ricas, as burguêsas raramente, mui raramente se suicidam.

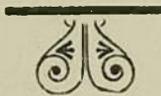
A' mulher repugna a violencia sob todos os aspectos.

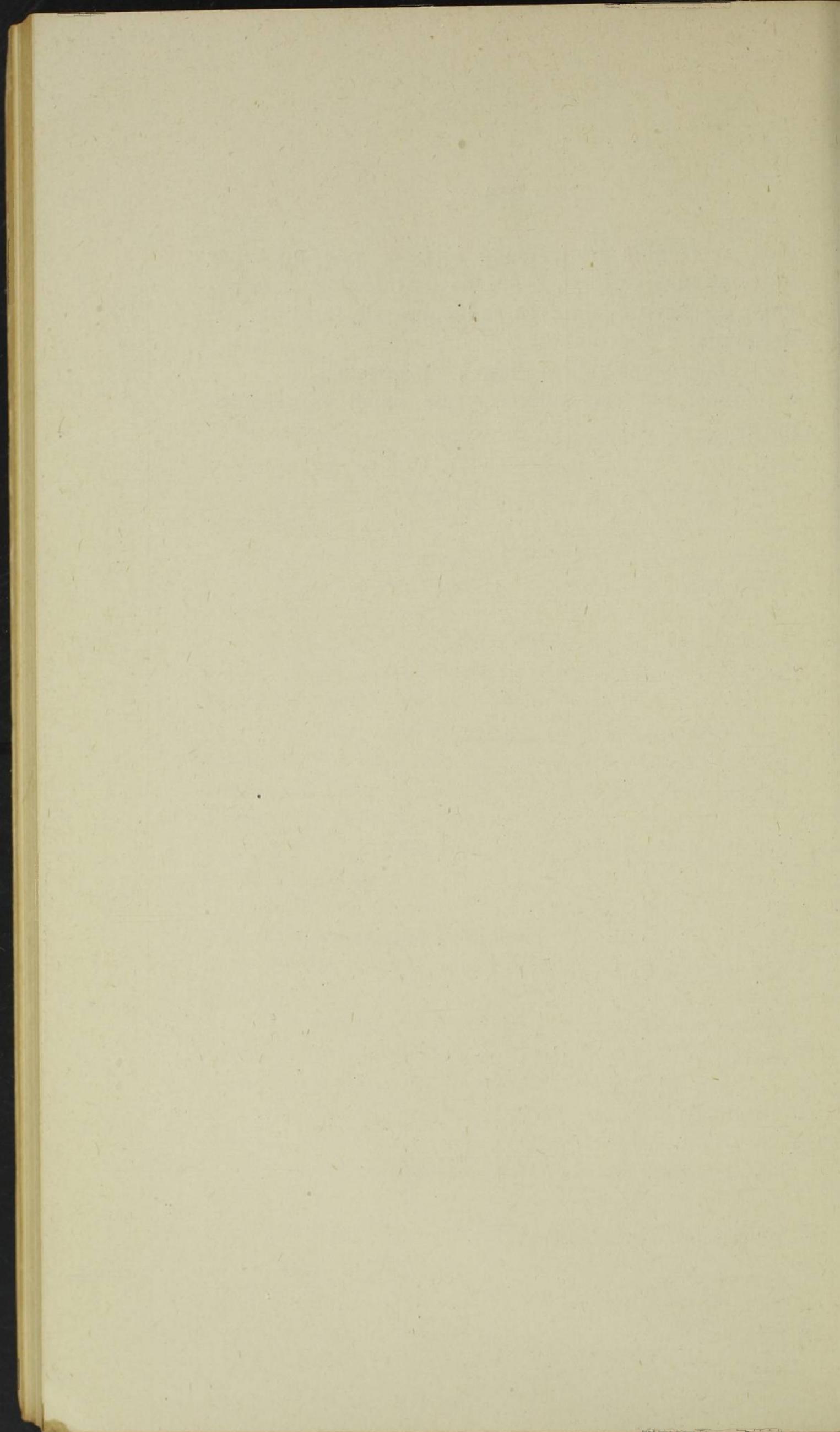
Mas a pobre, a operaria, aquella para quem a

vida se resume no trabalho intenso, põe no amôr todas as suas caricias, todos os seus sonhos e entrega-se de corpo e alma ás seducções desse amôr. E desanima, e succumbe.

Os homens sabem disso... E gósam...

Nós, patricias minhas, que papél representamos?...



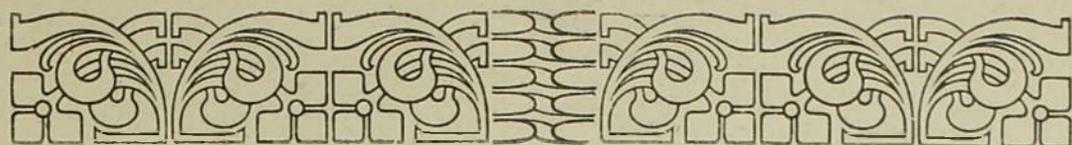




A educação n6va



ВУОН ОДВЕУИДО А



A educação nóva



« Il y a, au Musée Carnavalet à Paris, un autographe d'Alexandre Dumas fils qui vant un traité de philosophie; on y lit: «Comment se fait-il, les enfants étant si intelligents, que les hommes soient si bêtes ? » Et le spirituel écrivain ajoute: « Cela doit tenir à l'éducation. »

(*L'éducation de soi-même*) Dr. Paul Dubois.

A criança é um problema científico-moral.

Do laboratório escolar-social saem, fatalmente: ou a indiferença, o commodismo, o cynismo, ou a instrução moral para o beneficio colectivo, ou a ignorancia para a actividade perigosa. Não ha termos medios.

As mães e os educadores precisam investir-se da dignidade de um verdadeiro sacerdote do bello, absorvido na ansia especulativa do cientista.

Mysticismo? — Não? — Sonho de perfeição!...

.....
Maria Montessori baseou o seu processo educativo nos estudos scientificos de Itard e Séguin á proposito das crianças anormaes, e chegou á conclusão: naquelle caso, a pedagogia tem mais razão de ser que a medicina.

Das doutrinas dos mestres deduziu que as suas investigações se dirigiam especialmente para a observação do espirito nas suas multiplas actividades.

E vio que Séguin lamentava: tudo sería inutil uma vez que os professores não estivessem á altura do grande problema. E dizia: «Devem tornar-se attraentes na voz e nas maneiras desde que a sua missão é acordar as almas para a belleza e força da vida.»

Séguin estudou os anormaes durante 30 annos e concluiu que o mesmo processo educativo dos anormaes—baseado na physiologia e na psychologia—deve ser applicado aos individuos normaes, e, isso «abriria o caminho para a regeneração completa da humanidade.»

E' claro que se os anormaes, (os idiotas especialmente,) se desenvolvem por esses processos educativos, os normaes mais facilmente se adaptam ao systema montessoriano que a qualquer outro.

E Maria Montessori iniciou as suas experiencias com um resultado surpreendente. Baseou o seu processo nos seguintes principios:

1º E' preciso respeitar a individualidade da criança e dar-lhe a maxima independencia.

2º Mais ampla comcepção da liberdade do alunno.

3º Ha uma importancia capital na educação systematica dos sentidos.

Procurarei resumir em breves palavras o seu systema:

1º Desenvolver na criança a imitação espontânea em vez da obediência passiva.

2º Intervenção do adulto reduzida ao mínimo.

3º Liberdade individual não quer dizer ausência de direcção.

4º Evitar á criança esforço demasiado de raciocínio e esforço de auto-educação.

5º A *Case dei Bambini* não tem professoras e sim *directoras* porquanto o papel da professora é substituído pelo do observador psychólogo.

6º Favorecer o desenvolvimento das energias e não esfaltar o individuo.

7º A actividade sensorial e muscular deve preceder á actividade mental.

8º A educação nova tem por objectivo collocar a criança no caminho da sua auto-educação.

9º Abolir premios e castigos: serão de ordem puramente moral.

10º A liberdade da criança tem como limite o interesse da classe.

11º. O papel das *directoras* é o do scientista: interesse pela especulação psychologica com o ardor do apostolo e a curiosidade do analysta.

12º Guiar e não ensinar.

13º Tudo, (inclusive as experiencias didacticas) deve ser usado como instrumento para acordar as forças da intelligencia, para actuar no espirito.

14º Uma escola é um campo de investigação experimental pedagogica.

15º A criança não se presta de modo algum, ás experiencias de introspecção. (Problema transcendental e em discussão.)

16º Não poderá ser estabelecida em suas bases

uma psychologia infantil enquanto a criança não gozar inteiramente de uma liberdade que lhe permita manifestações espontaneas e individuaes.

17.º A criança de quem nada se consegue é examinada pelo medico.

18.º O trabalho é uma preparação para a vida.

19.º A falta de *self-control* da criança é uma falta de disciplina muscular.

20.º O exercicio preparatorio é indispensavel antes de qualquer aprendizado.

21.º O movimento das mãos auxilia o desenvolvimento das funções cerebraes.

22.º Toda acção coordenada exige menor esforço.

23.º «O actuar em harmonia com as leis da natureza é descanso, e, neste caso especial, desde que o homem é uma criatura intelligente, quanto mais intelligentemente proceder maior repouso encontra.»

24.º O instincto natural de mexer em tudo é aproveitado e dirigido como exercicio preparatorio para a escripta, etc.

25.º A gymnastica sensorial é exercicio preparatorio para as associações de ideias e raciocinio.

26.º Em resumo: tudo tende á cultura da iniciativa, ao *self-control*, ao desenvolvimento da personalidade independente.

*
* *

A *Case dei Bambini* observa prática e rigorosamente todos esses principios, aliás conhecidos e aconselhados.

Montessori conseguiu resultados surpreendentes. Mas, onde encontrar essas *directoras*?

Os nossos collégios, as escolas normaes com um programma defeituosissimo sob todos os aspectos, os professores ignorantes dos processos e estudos e aptidões didacticas, indifferentes ás questões de ensino —formarão *directoras* capazes do ardôr Montessoriano? De onde devem partir as reformas? Reformar a escola primaria, imprimir programmas e estatutos e regimentos, decretar leis, — de que vale tudo isso se não temos educadores?

E os governos que se empenham em dar lugares de directores de escolas e grupos escolares a bachareis e professoras incompetentes, gente incapaz de encarar de frente o complexo problema da educação? E os taes programmas forjados nas secretarias pelos amanuenses sob a direcção de um só homem que nem sempre está na altura da imparcialidade que deve presidir ás questões de alcance social?

O nosso regimen de incompetentes e mediocres não poderá de modo algum solucionar os problemas da educação ou quaesquer outros.

Enquanto o Estado chamar a si a iniciativa de regulamentar e dirigir o ensino primario —as reformas serão feitas com o intuito de dar a ganhar a figurões mediocres, com o fim de fazer barulho em torno dos governos.

Em Minas, de 4 em 4 annos temos reformas de ensino.

Cada Secretario do Interior ao tomar conta da pasta quer ser um grande propulsionador de reformas pedagogicas: arvora-se em conhecedor do magno problema e lança as bases da regeneração nóva!

E tudo fica na mesma...

Esquecem-se de que as leis são impotentes se se não reformam os costumes.

País de bachareis, de burocratas e politicos só poderá collocar-se á altura de sua immensa grandeza quando a educação do seu povo se não fizer com o intuito do diploma assegurado da mediocridade.

Depois, esse mesmo diploma leva o individuo a socio de academias scientificas e á Academia Brasileira de Letras onde discutem, desde tempos, a verba que se ha de destinar aos *immortaes* como premio do seu talento e da sua importancia ! Isso realmente os immortalisará !

Que academicos... que literatura !

Os de agora, os futuros *immortaes* e membros futuros das sociedades scientificas — são os *almofadinhas*.

Que poderão fazer os taes *almofadinhas* senão falar francês, fazer versos melócos, cortar a reputação das senhoras, escrever cartas anonymas, e ganhar dinheiro a todo transe ?

As *melindrosas* são educadas num *Sion* ou num *Sacré Cœur*, escrevem na *Bôa Imprensa* para se fazer, e... estão preparadas para «a vida completa.» São grandes damas, entregam os filhos ás *nurses* e ás *institutrices* e vão aos chás, aos tangos, ás conferencias (*de boudoirs*), elegem os academicos, falam linguas e lêem romances francêses.

A criança rica encontra tudo feito: a preocupação é que nada lhe falte. Evitam-se-lhe até os movimentos necessarios ao seu desenvolvimento e a pobrezinha que traz o instincto ancestral de agir numa espontaneidade inexgotavel e transbordante é manietada dentro de vestes e ha de ficar como um *bibelot* para ser admirada apenas.

As mães e as *nurses* não aprenderam que o «jo-

go é o aspecto mais saliente da vida infantil» no dizer de Sikorski. Nunca souberam que o jogo para a criança é uma theoria discutida e analysada pelos scien-
tistas, uma theoria que tem preoccupado grandes pensadores—Schaller, Guts Muths, Spencer, Schiller, Ruysen, Wallaschek, Wundt, Stanley Hall, Groos, Carr, Lange, Perez, Melinand, Pecault, e tantos outros.

«O jogo é um pre!udio, uma iniciação na vida séria.»

«O jogo é um estimulante do crescimento tanto do systema nervoso, como do systema muscular.»

E todos sabem que o desenvolvimento intellectual só se faz mediante o crescimento do systema nervoso e esse só se opéra pelo desenvolvimento sensorial.

Aliás são bem conhecidas as experiencias de Berger e Flechsig provando a necessidade e importancia da educação dos sentidos.

Não é o brinquêdo caro, de luxo, que seduz a criança, e a prova é que ella o desarranja curiosamente sem a minima preoccupação de o guardar para se divertir: o que a criança quer é o movimento, a acção.

Mme. de Saussure observa, com toda razão, que, os brinquedos mais agradaveis ás crianças são aquelles que ellas inventam.

A imaginação representativa é a que dirige a 1^a infancia.

Constróe e destróe.

A criança anima os seus bonecos, os brinquêdos, inventa utilidades, dá nomes e dá vida ao que lhe cérca.

Grita, pula alegremente, mostrando cada cousa nóva que inventa, chama alguém para admirar e destróe em seguida para recommear novamente.

Um brinquêdo que se lhe dá é novidade duran-

te algumas horas ou apenas minutos: será destruído e a criança voltará com intenso prazer aos seus pedaços de papel, madeira, caixinhas, etc.

Mas, ao invés disso que é que se faz?

Dá-se-lhe uma governanta estrangeira para que aprenda a falar melhor uma língua que não é a sua, quando não sabe nem pronunciar bem as palavras. Falar duas línguas para a criança é «um crime contra o espirito» diz Marcel Prévost, e acrescenta: «também algumas tribus malaias conseguem achatam o crânio ou alongar o pescoço dos recém-nascidos, o que seria impossível realizar com adulto.»

A única vantagem que encontra o escriptor — é a boa pronúncia, mas pergunta: «Então aprendemos as línguas estrangeiras com o intuito de dissimular a nossa verdadeira nacionalidade? »

Depois diz ainda: «Os países bilingues podem ser países de commerciantes e de hoteleiros; mas, salvo uma ou outra excepção (Maeterlinck) raras vezes serão países de pensadores e escriptores».

Ninguém contesta a necessidade e a importância do estudo das línguas, mórmente para o commercio e para os *snobs* que viajam e se divertem.

O que se deve censurar e modificar é o abuso das línguas estrangeiras em detrimento da nossa. Que necessidade ha de se falar francês ou inglê; nas nossas reuniões?

A' proposito vale a pena citar um trecho do autor da «Casa de pais, escola de filhos»:... num país como o nosso, onde a instrucção feminina, geral ou secundaria, está ainda tão proxima da Idade da Pedra, que se julga util ensinar ás meninas ricas a falar umas poucas de línguas, sem as habituar a pensar em nenhuma,

E' claro que para este efeito serve bem uma mestra improvisada, de oitenta francos ao mês, tão bem como serviria um papagaio ou, melhor ainda, um gramofónio. Mas, uma verdadeira professora não traz só lingua: traz também cabeça, e uma cabeça bem mobilada e bem arrumada, com noções que tornem o seu convívio interessante e instructivo, e com aptidões provadas para transmittir o que sabe e para educar em todo sentido a criança que se lhe entrega. Dar á nossa filha por companheira de todas as horas uma criatura que só sabe falar, pouco menos será que desmoraliza-la; e então faça-se isso mais economicamente e mais patrioticamente, desmoralizando-a em bom português.» *A's mães chics*, partidarias de «governantes e institutrices» eu inculcaria, se me fosse dado, o livro de Marcel Prévost—*Les anges gardiens*.

.....

A evolução social exige, no momento, completa transformação tendente a nivelar as classes — elevando o trabalhador ao nível dos mais favorecidos e eliminando as chamadas classes elevadas.

A ascensão não póde prescindir da educação— de cima para baixo e de baixo para cima.

A revolução social é um facto: que seja abafada hoje, amanhã irromperá mais fórte.

Nada será capaz de impedir a avalanche.

No intuito de evitar commentarios, tal como aconteceu ao distribuir o *Porque vence o porvir?* — repito: Não festejo o maximalismo como não festejo a guerra e accrescento:— como não festejo as mentiras forjadas contra os maximalistas.

Até agora me não filiei a partido algum.

Procuró libertar-me de qualquer entrave para

Procuró libertar-me de qualquer entrave para

melhor desenvolver em mim largo ecletismo e pregar os meus ideaes.

Nunca tive a covardia de esconder o pensamento no concavo da mão ao envés de deixa-lo escoar-se pela penna.

E' possivel que eu tenha contradicções (como todos têm), que eu erre (nem sou infallivel como ninguém é), que eu seja sensivel de mais e que a razão me governe menos que o coração, e, posso dizer ainda: todos são governados pelo sentimento.

Todas as minhas ideias são humanitarias, e, a proposito do *Em torno da educação*, disseram e escreveram-me mais de uma vez que—o meu grande amôr á Patria é a revelação pujante do meu immenso ideal humanitario.

Conheço as obras de Le Bon— considerando o socialismo ideal religioso como qualquer outro.

Sei o juizo que Le Bon faz do socialista:

«Déclassés, incompris, avocats sans cause écrivains sans lecteurs, pharmaciens et médecins sans clients, professeurs mal payés, diplômés sans fonctions, employés que leur insuffisance fait dédaigner de leurs patrons, etc., sont les adeptes naturels du socialisme».

Não fôra o receio de jogar com extraordinaria excepção poderíamos quasi affirmar (dada a corrupção intellectual do século) que o illustre publicista talvez tivesse encetado uma campanha tal como outros...

O livro citado é, além de tudo, offerecido “A l'éminent économiste Paul Delombre, ancien Ministre du Commerce et de l'Industrie.»

Acha que a influencia dos doutrinarios que «formulam em virulentas publicações as theorias que in-

genuos apóstolos se encarregam de propalar em seguida», — «è muito menos apparente que real».

Baseia-se no sentimento, é crêdo?

Mas — « o espirito religioso é irreductivel. Para destrui-lo é preciso que o homem explique o universo e a vida», disse, muito bem, Graça Aranha.

Como religião, acha Le Bon que será religião ephemera que o mesmo seculo verá nascer e morrer para renovar outras mais bem adaptadas *à natureza do homem e ás necessidades de toda sorte.* »

O tempo de duração do socialismo ou melhor da anarchia ninguem pode prevêr, mas, sem duvida — a humanidade caminhará sempre.

« E' considerando como agente de dissolução destinado a preparar a eclosão de nóvos dogmas, que o futuro não julgará, de certo, o papel do socialismo como absolutamente funesto.»

Depois accrescenta: «A nova doutrina corresponde perfeitamente aos desejos e ás esperanças actuaes.» Faz notar a opinião de M. Léon Say, num concurso academico, mostrando a «espantosa mediocridade das obras destinadas a combater o socialismo, apezar da importancia das recompensas offerecidas.»

« Seguramente, as nóvas crenças não têm a logica por base, mas — quaes são, desde a origem do mundo, as crenças que repousaram sobre a logica? A maior parte nem por isso deixou de presidir menos á eclosão de civilizações brilhantes. O irracional que se perpetúa torna-se racional, e o homem acaba sempre para se acomodar com elle.

As sociedades se fundam sobre os desejos, as crenças, as necessidades, isto é, sobre os sentimentos e jamais sobre as razões, nem sobre verosimilhanças. Os sentimentos evoluem, sem duvida, seguindo uma

logica secreta, porém, desta logica nenhum pensador jamais conheceu as leis.»

Decididamente as obras de Le Bon fortificam as nossas opiniões em vez de enfraquece-las.

Quanto á falta de base logica no nôvo crédo, é inexacto em parte.

Na “Psychologia do anarchista-socialista” de A. Hamon, pagina 154, vemos:

« Ressalta das citações precedentes que o sentido da logica existe nalguns individuos interrogados que têm consciencia do seu espirito logico, que querem satisfazer a sua razão. Em alguns nota-se que esse sentido da lógica está a tal ponto exacerbado que até criticos lhes chamam *lógicos pertinazes*.» A. Hamon classifica o anarchista-socialista de — *um tanto lógico*.

São classificados pelos alienistas de-criminósos-natos! Le Bon acha isso muito summario e « le plus souvent fort inexacte, car elle embrasse de individus appartenant á des classes diverses, sans parenté aucune pour la plupart avec les véritables criminels. »

Na pagina 125 Le Bon condemna o direito como sendo um « código de polidez theorica feito com o intuito de utilizar velhos jurisconsultos muito fatigados para se entregar a uma occupação util. »

Termina a pagina 323 dizendo: « Le principal ennemi actuel de la démocratie, le seul qui pourrait la vaincre, c'est le socialisme. »

Na pagina 418 prega a solidariedade e fala do futuro:

« L'homme pour se protéger et se défendre ne fera plus appel à la bienfaisance et á la charité, mais uniquement à la solidarité. La charité et la bienfaisance sont des survivances sans prestige et sans action

d'un passé que nous voyons mourir. L'avenir ne les connaîtra plus. »

Exactamente como querem os communistas.

Le Bon analysa o perigo socialista como religião, estado mental, etc.—prevendo o seu successo porquanto se inocula na alma dirigente e a burguesia não se defende porque não está segura do seu direito.

O escriptor falla na defesa de cada patria contra o socialismo e imagina o perigo que as nações correrão ante as outras quando o regimen socialista for implantado aqui ou ali: Mas, a revolução social deve abranger todo o glôbo, todas as nações,—do contrario será sempre fracasso, não ha duvida.

Na "Psychologie du Socialisme" Le Bon prova, indiscutivelmente, o poder do nôvo crêdo na conversão dos proprios psychologos mais imparciaes... prova categoricamente a fraqueza, a impotencia dos livros que têm por objecto o ataque á religião nôva...

Não sei o que póde vir a sêr a civilização daqui a muitos mil annos, por isso, raciocino ainda com Le Bon:

« Devemos nós renunciar a estas conquistas da civilização e vermos repetirem-se sem tréguas estas horrorosas hecatombes que ceifam a juventude duma nação, arruinam provincias inteiras e aniquilam as mais authenticas obras primas do passado?

« Estará destinada a força brutal a ser, como no principio do mundo, a unica soberana dos pòvos?

« Devem estes resignar-se a suportar um impiedoso barbarismo que condena os fracos a uma escravatura sem remissão?

« Ninguem o póde dizer.

« O espirito humano deveria desesperar se, depois de tantos triumphos sobre a natureza, viesse a

acabar num fim como este. Na verdade o futuro do homem parecería muito sombrio se tudo quanto embeleza a vida fosse substituído pelas lutas selvagens, interrompidas apenas por estadios duma severa existencia no fundo de sinistras casernas.

Não succederá assim, porque nós não o queremos. »

E mais adeante: « Não renunciemos, pois, á esperanza de horas menos sombrias. Hoje, o mundo transforma-se tão rapidamente que o imprevisto desmorona, muitas vezes, as verdades dum dia. »

(Ensinamentos psychologicos da Guerra Européia.)

E em *Pensées brèves--Hier et demain*, diz tambem:

« Les illusions correspondent à d'irréductibles besoins de la mentalité humaine, puisque leur influence se montra toujours prépondérante à travers l'histoire. A toutes les époques des millions d'hommes se trouvèrent prêts à se sacrifier pour elles. C'est au nom d'illusions que de grands empires ont été détruits et d'autres fondés. »

« Ce que nous nommons le progrès des idées n'est souvent qu'une transformation des illusions créées par ces idées.

« Créatrices d'espérance et par conséquent de bonheur, les illusions seront toujours plus séduisantes que les réalités.

« L'irréel est le grand generateur du réel ».

.....

As ideias communistas são antigas, o ideal de felicidade futura tremúla em todas as paginas dos pensadores de todos os tempos.

Não me consta que Plínio fosse comunista e disse: «Que innocente, que bemaventurada e que deliciosa seria a vida dos homens, se elles se contentassem com o que nasce da terra! Oxalá se pudesse desterrar de todo o mundo o ouro descoberto para a destruição da vida e se trocassem os tempos e usos presentes por aquella idade felicissima em que as cousas se commutavam umas por outras.»

Frederico II referindo-se á guerra teve esta phrase: «Se os meus soldados reflectissem, nenhum se bateria»

Diderot ensinava: «... Procurar a felicidade praticando o bem, exercitando-se no conhecimento da verdade, tendo sempre em vista que ha só uma virtude:—justiça; e um só dever: — procurar a felicidade.»

Buchner tambem prega: «A sociedade deve estar organizada por forma que a felicidade de uns não proceda da ruina dos outros, mas que cada individuo encontre o seu bem na colectividade, e que o bem da colectividade resulte unicamente do individuo».

Quem não conhece o pensamento de Pascal: «Pode haver cousa mais curiosa que um homem ter o direito de me matar porque vive do outro lado do Oceano e o chefe do seu Estado teve uma questão com o meu, sem que entre mim e esse homem nada tenha havido? »

Laboulaye foi mais longe: «No dia em que os povos se emanciparem dos charlatães ruinosos a que chama diplomatas e grandes politicos, viverão como irmãos: terão a paz e a vida barata.»

Helvetius tambem diz: «Qual é o objectivo da sciencia da moral? Não póde ser senão a felicidade geral. Desde que se exigem virtudes individuaes, é

porque as virtudes dos membros formam a felicidade do todo.»

Lamennais assim se exprime: «Não consiste a liberdade em não dominar este, mas sim aquelle: a liberdade consiste em que nenhum domine.» Em Amicis, Renan, Faguet, Alexandre Herculano, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Max Nordau, não fallando em Rousseau, Spencer, etc., etc., — encontrei pensamentos identicos.

E Lamartine tambem pregou: «Je suis homme avant d'être français, anglais ou russe!

Et, s'il y avait opposition entre l'interêt du nationalisme et l'immense interêt du genre humain, je dirais comme Barnave: — Périsset ma nation, pourvu que l'humanité triomphe!»

Seria ocioso continuar as citações.

Na *Republica* de Platão encontramos ideias collectivistas.

Entre os romanos, os Grachos fizeram executar medidas socialistas agrarias.

Jesus, entre os judeus, pregou o socialismo.

Em qualquer escriptor contemporaneo encontramos phrases libertarias. Tem-nas Manuel de Arriaga, Theophilo Braga, Paul Bourget, Malheiro Dias, Medeiros e Albuquerque, Assis Chateaubriand, até Clemenceau e Wilson.

Insensivelmente caminhamos todos para um novo ideal pregando, idealizando a sociedade futura mais sã e mais feliz, mais livre e mais socializada E' a esperança...

São as illusões,—as criadôras dos mundos novos...

O maximalismo é o clarim annunciador da nova aurora.

Por nóva aurora entendo uma nóva éra, outra civilização que virá, sem duvida, porém, depois da revolução social que teve como clarim a grande guerra.

Paz? Estamos vendo no Congresso da Paz — as garras com que o grande pôlvo ameaça o mundo, atirando, no banquete das nações não um só, porém muitos pomos da discordia.

A guerra como a revolução em todas as classes, não teria sido consecuencia do orgulho, da ambição e do reinado de poucos, guerra de hegemonia e de commercialismo?

E' o advento da nóva redempção porque é o principio, o grande começo, — horrivel, tragico, — é a tormenta depois da qual virá a bonança.

Não posso festejar o presente, mas pelo facto de ve-lo envolvido em luto hei de negar que seja a trombeta annunciadora da redempção da humanidade futura?

O clarim nos campos de batalha annuncia a luta, mas, em meio das luctas, ha tréguas, armisticio, e por fim, o proprio clarim prenuncio de mórte, póde annunciar a paz ou a victoria. E depois — a alegria, o trabalho, a felicidade.

Sou feminina até as mais reconditas fibras do meu sêr e revolto-me contra o attentado ao pudôr, contra a oppressão ás pobres mulheres que, na Europa, têm servido de objecto de prazer para os brutos e sanguinarios tyrannos de toda especie.

Concórdo que devemos ensinar ao operario — o respeito a tudo que nos é caro.

Que o operario respeite a mulher, — sem duvida. Qualquer mulher tem direito ao respeito dos ho-

mens, mas, os moços bonitos que seduzem as operarias têm sido punidos pelas nossas leis?

Quantas vezes o pobre operario chora toda a sua amargura ao vêr uma filha deshonrada pelo patrão ou pelo filho — bohemio e parasita, — e tem ainda de ganhar o pão debaixo daquelle mesmo tecto porque não tem coragem ou heroismo para vêr morrer de fome os outros filhinhos!

As leis são feitas em favôr dos ricos e agora que o operario acórda para transformar em realidade um sonho—todos nós julgamos *perigoso* o movimento que elle espera para a sua emancipação.

.....

Sim, operarios do meu país: não vos esqueçais de que o homem se eleva pela moral sã e não pelos instinctos baixos.

Temos em nós o fôgo que purifica e o charco que enodôa.

Lembraí-vos do respeito que deveis ás vossas mães, espôsas, irmãs e filhas e tende piedade da mulher indêfesa, escrava como vós: pensai tambem na sua libertação.

E quando attingir-nos a grande e triste catastrophe tende compaixão da vossa irmã—da mulher, conservada tambem na ignorancia.

Náo façais do instincto bestial o vosso galardão.

Levae como estandarte o ideal de liberdade—sonhando, voando a alma panda de luz e fé, cantando o hymno da civilização de igualdade.

Uní-vos no desejo unico de trazer a felicidade á Terra. Em nossos dias não teremos paz.

Agora é que deveis proclamar a belleza dos sentimentos.

Se fôrdes puros como o sonho que agita as

almas puras, a historia dirá, mais tarde: os operarios, no Brasil, alcançaram o que souberam desejar porque levaram a bandeira branca do ideal e a não mancharam no lôdo dos impulsos baixos que aviltam e degradam.

Acalentai o sonho de igualdade economica e de acção: trabalhai por elle.

Tende esperança.

Revolto-me contra essa desigualdade que o berço inconsciente espalha e creio na redempção da humanidade pela propria humanidade.

O sol, a agua, o ar, espalhados por todo o planeta é o symbolo da igualdade que deve reinar entre os homens.

Já que não podemos evitar a revolução das classes, revolução que se prepara, surda, entre as nações, — ergamos, n'um grito ardente de fé, a nossa vóz, proclamando, pela palavra e pela acção, intenções puras que desejam a felicidade para todos os homens e pedem o direito á vida, á saude, ao alimento, á casa, à instrucção, aos divertimentos, a tudo que alegra a alma dos ricos e que, até agora, tem sido vedado aos pobres, aos que mais trabalham.

Detesto a violencia, o roubo, o assassinio, o massacre, a dinamite.

Preferirei sempre — morrer a matar.

Mas — adoro a Justiça, a Liberdade, a Solidarie-
dade.

Tenho fé n'um futuro em que os homens trabalhem para o bem commum.

E a liberdade de acção e a igualdade economica farão todos irmãos.

Avante operarios!

Erguei a vossa alma n'um surto de *Inconfidentes*,
— puro, ardente, precursôr.

.....
A vida social entretanto, caminhará num chãos
enquanto se não preparar o futuro nas gerações suc-
cessivas.

A educação—eis o grande factor de renovação.
A co-educação o meio unico de elevar o nivel
moral das sociedades desvendando o mystério que
envolve a questão sexual na ignorancia da unica ra-
zão de ser da vida, num eterno pesadêlo do desconhe-
cido e do proibido.

A vida é em commum na familia, entre irmãos
e irmãs, pai e mãe, marido e mulher;—porque não
vivermos unidos desde a infancia, aprendendo a nos
conhecer mutuamente, evitando o juizo falso que cada
individuo de um sexo faz dos outros do outro sexo?

Porque é que a mulher se entrega facilmente
caíndo na rede que lhe arma o homem amado?

Pelo falso conhecimento que ella tem da vida,
pela ignorancia completa do homem com quem tem
de viver de um modo ou de outro, conhecimento a-
dquerido exclusivamente na convivencia diaria.

Dahi as incompatibilidades no casamento. Os na-
morados e noivos retraem-se nos seus defeitos prom-
ptos a explodir na primeira occasião, por qualquer
motivo.

As senhoras que não convivem com homens es-
tranhos e apenas com pai, marido e irmãos—mais fa-
cilmente se deixam seduzir embora os pais e esposos
e irmãos descrevam com côres rubras o quadro soci-
al de degradações.

E' inutil trancar a mulher a sete chaves; é inutil,
não; é prejudicial á mulher e ao proprio homem.

O mysterio, o desconhecido é tentadôr tanto ao homem como á mulher.

Aquelle tem um desejo immenso de dominio, e, vaidoso, estuda recursos para se fazer admirar, para conquistar emfim. A mulher—educada só pelo sentimento, tendo necessidade, por consequencia, de um apoio moral, generosa e meiga, cheia de ternura espontanea,—retrae-se primeiro para depois se entregar de corpo e alma a um desconhecido que, aos poucos, se revéla em todo o seu egoísmo animal.

Só a co-educação desde o jardim da infancia até as universidades, será capaz de ensinar aos rapazes e moças o que é a vida completa, logica e feliz.

Tem muita razão de ser o pensamento de Mme. de Staël: « D'ora avante só se poderá remoçar a raça humana voltando á religião pela philosophia e ao sentimento pela razão. »

Para vencer é preciso que o individuo se domine; como dominar o proprio *eu* sem o conhecimento prévio desse *eu* psychologico e philosophico?

Como *fazer passar o consciente no inconsciente* se não sabemos pela razão e pelo sentimento o que é o consciente moral--num estudo introspectivo?

Como agir no intuito de formar a personalidade individual se tudo se faz para a criança, evitando-lhe o esforço proprio, o desenvolvimento das qualidades innatas?

*
* *

Enquanto um novo rumo se não descortinar aos nossos olhos, enquanto a propria mulher não traçar um plano para a reivindicação dos direitos femininos, desprezando a rotina em que nos debatemos,—nada

se fará. Tudo depende da mulher e a pedra de toque é a educação feminina.

A educação ao sabor da moda prepara os “bibelots”, que conhecemos: pianistas, pintoras, “diseuses”, tranguistas, leitoras de romances em frances, “chronistas melindrosas”. moças que falam uma ou mais linguas, que bordam e vão ao “thé-tango”, que dão recepções, que se pintam admiravelmente e pisam na pontinha dos pés ao recitar Musset — essa educação faz tudo que quizerem — menos a mulher.

E' preciso accrescentar-lhe alguma coisa mais. Isto, é adorno: falta o corpo, que deve receber o estôfo. Falta tudo, portanto.

Não cabe nos limites de um pequeno capitulo o esboço do grande problema que nos preoccupa no momento.

A educação a que me referi produz as scenas que vemos nas grandes cidades: o cigarro introduzido pelas ultra-elegantes, os vestidos que mais mostram, muito mais, a nudez da alma que do corpo, o amôr pelo mysterio e pelas aventuras.

O homem lá fóra, censura e vem gosar nos “boudoirs” e nos salões...

Estamos a prestar-nos a um papel ridiculo além de tudo. Tolas, levianas, nada gosamos com esta situação e ainda mais facilitamos os motivos de prazer material ao sexo forte — quando deveríamos procurar requintar o seu espirito em contemplações mais altas.

A instrucção de que carecemos não está só nos bons livros, mas antes, na accepção séria da vida. O nosso espirito deleita-se nas paginas da Iliada ou Eneida, nos versos de Racine ou Corneille, Goethe ou Lamartine — mas não nascemos só para o deleite e

aquelles sonhadores philosophos prestam-se a nos fazer pensar.

A instrucção deve abrir os nossos olhos a ver os milhões de mulheres ultrajadas, miseraveis, o mundo de mães abandonadas, o infinito de crianças orphãs — tendo pae e mãe, a immensidade de soffrimentos, de infelicidades, de fome e de nudez. Essas desventuradas criaturas tambem têm direito á vida e nos olham tão de longe que nem forças têm para nos odiar. E o Municipal se enche, o Assyrio regorgita, o Carnaval pompeia fantasias de contos de reis e os collos ostentam perolas carissimas, enquanto algumas miseraveis se perdem para alimentar os proprios filhos!

O nosso parasitismo é revoltante e degrada-nos aos nossos proprios olhos. Porque não ser feminista trabalhando pela extincção da miseria universal?

Então, viver é se instruir para goso proprio, e lêr, tocar e cantar, é passar os dias entre amigas a deixar escoar horas preciosas em conversas inuteis? Não! Viver é ter a alma cheia de idéas novas e nobres, é pensar — é agir em beneficio de alguém, é saber o valor dos minutos.

Falar linguas ou banalidades como um papagaio é inutil para a grande renovação.

Somos uma poderosa força para o mal ou para o bem.

O mundo se renova e para subir mais alto carece do nosso concurso.

Os homens desrespeitam-nos porque estamos resvalando por um plano indigno do nosso valor moral.

.....

Tirar o individuo do proprio individuo, desenvolver-lhe as aptidões naturaes, dirigir-lhe as aspira-

ções para a utilidade collectiva num ideal consciente — eis o objectivo da educação.

Rousseau delinêa as bases da educação racional, destruindo, mostrando os erros das instituições e costumes, provando que os paes e os mestres contribuem para a má educação, para o máu character, para a inutilidade ou para a acção perniciosa dos filhos em relação ao meio social.

E, se o fez, em theoria apenas, — aclarou os espiritos pelo menos. O ódio de que é victima, até hoje, prova a efficacia do seu trabalho util de demolidor de velhas e cançadas tradições.

Depois, Robin funda a escola de *Campius*, Tolstoi funda a de *Yasnaia Poliana*, Edmond Demolins a de *Roches*, Montessori a *Case dei Bambini* e Ferrer a *Escola Moderna*.

A escola torna-se, de facto, attraente. E' a escola da natureza, da vida e não a dos livros e theorias abstractas, dogmaticas.

O ensino racionalista combate a superstição e o dogma, faz brotar nas consciencias o livre exame, excita a curiosidade, alimenta a duvida que disséca e ensina. E' educação pela liberdade e para a liberdade, apontando o interesse que ha em manter na ignorancia e na fé a maioria commodista e pobre de meios para enxergar mais longe.

A docilidade, o servilismo e a indifferença é a causa das tyranías dos grandes e poderosos a sugar a massa ignava.

O ensino baseia-se na evolução natural da criança e tende a fazer do individuo um ser consciente e util.

Para isso os livros devem ser reformados ou transformados: os tempos são outros.

Ferrer, conhecedor de todos esses problemas,

medindo, num transcendente golpe de vista, a extensão das ideias novas, contribuiu para a publicação de livros como a *Evolução Super-Organica* do professor Lluria, a *Substancia Universal* de A. Bloch e Paraf-Javal, a *Historia Natural* do Dr. Odon Buen, o *Resumo da Historia de Hespanha* de Estevanêz, a *Origem do Christianismo* de Malvert, a *Historia Universal*, de M^{me} Jacquinet, etc.

A *Cartilha Filologica Espanhola* é o primeiro livro de leitura: 20.000 exemplares foram exgotados em pouco tempo. Ensina a lingua e estuda a evolução.

O Dr. Engerrand, da Universidade de Liège escreveu a *Anthropologia*; Dr. Letourneau, da escola de Anthropologia de Paris, escreveu a *Evolução*; o Dr. Odon de Buen escreveu a *Geographia, a Physica e a Mineralogia*, expressamente para a Escola Moderna. (A Escola Moderna de Barcelona por William Heaford.)

A escola racionalista combate o Deus das religiões— (anthropomorphico, á nossa imagem,) é contraria inteiramente á educação religiosa. A escola é uma arma poderosa a serviço das religiões.!

A escola racionalista não pode occultar a verdade aos alumnos e nem se torna indifferente ante os problemas sociaes e religiosos. Fa-los apparecer.

Mostra, por exemplo, que, o casamento do padre prejudicaria de tal modo a confissão que essa chegaria a desaparecer. O celibato é, portanto, o ponto de apoio do clero.

O padre precisa dominar a mulher e o padre casado teria difficuldade em manter e repetir as conversas secretas, auriculares, nas sachristías, com outras senhoras que não fossem as suas esposas.

As penitentes sentir-se-iam muito menos á von-

tade diante das esposas dos sacerdotes e até — entre umas e outras.

Mostra que a confissão é cousa recente na Igreja, provinda de religiões antigas da India.

Introduzida no anno 850, considerada obrigatória no seculo XIV, foi condemnada pela propria Igreja nas palavras de S. João Chrysosthomo, S. Jeronymo, Santo Hilario, Santo Agostinho, etc., etc.

A professora Henriette Meyer foi a devotadissima secretária de Ferrer na sua obra.

M^{me} Clemence Jacquinet foi directora da Escola Moderna no periodo da sua fundação—1901.

Ferrer não era um revolucionario de acção posto que o condemnassem sob esse pretexto (conseguiram o seu fuzilamento).

A' proposito, Morral—o autor do attentado contra os noivos reaes, escreveu a alguem: «Não tenho nenhuma fé em Ferrer nem em Tarrida nem em Lorenzo porque são criaturas fracas que julgam nada se poder fazer senão por discursos.» Ha ainda outras provas:

Tendo escripto a Mlle. Henriette Meyer chamando-a a dirigir a Escola Moderna e havendo a professora recusado o convite sob o pretexto de um trabalho urgente em París, contra a pena de morte, elle lhe disse: «Para transformar a maneira de ser da humanidade não compreendo que haja cousa mais urgente que o estabelecimento dum systema de educação, tal como o concebemos, o qual dando frutos facilitará o progresso e tornará a conquista de toda a ideia generosa muito mais facil. Eis porque me parece que trabalhar agora pela abolição da pena de morte e para a *Greve Geral*, sem saber como havemos

de educar os nossos filhos é começar pelo fim e perder tempo»

Foi uma mulher—Mlle. Meunier — quem forneceu recursos para a fundação da Escola de Ferrer. Era uma respeitavel senhora, de 50 annos de idade e grande admiradora da alma nobre do illustre educador e philanthropo.

Foram collaboradores de Ferrer, além dos citados,—o celebre professor Hackel vice-presidente da “Liga Internacional para a Educação Racional da Infancia”, Pedro Kropotkine, o professor Sergi, Alfredo Naquet, Reclus, etc.

Protestou contra as injustiças de que foi vítima o grande precursôr, — o conhecidissimo criminalista que foi Lombroso.

Ferrer não quer o professor neutro ou indifferente: é preciso, é urgente que elle saiba e que pregue a verdade, o respeito á liberdade, não se importando com o ferir espiritos conservadores e reaccionarios. Cabe á Hespanha o movimento em favor do ensino laico que deu origem á Escola Moderna, cuja divisa é: «Educação Scientifica e Racionalista”. E’ preciso subtraír as crianças á influencia dos dogmas e das hypocrisias seculares; pensando assim — Ferrer foi um idealista e collocou o interesse da humanidade acima da sua propria vida: « Todos pensam que eu serei absolvido mas o Becerra del Toro (procurador geral) declara que quer a minha cabeça porque julga que eu estava ao facto das intenções de Morral.

Quem poderá dizer quem será o vencedor: a Verdade ou o Becerra del Toro com os seus jesuitas? E’ preciso notar: não me queixo porque quanto mais tempo estiver preso mais se desenvolverá o movimento em favor da Escola Moderna e é isso mesmo o

que quero.» (Carta a William Heaford, do Carcere Modelo onde estava prêso havia 7 mêses).

A Escola Moderna foi fundada em Barcelona em 1901—Maio. Em Fevereiro de 1908 havia 50 escolas racionalistas em alguns paizes da Europa, entre elles Suissa e Hollanda. Só em Barcelona 10.

O professor Samuel Torner, enquanto Ferrer era prisioneiro, fundou a escola de Valencia, uma das mais importantes, a—*Nueva Humanidad*.

A escola racionalista quer o preceito de Fourier: Educação universal e não excepcional.

Conforme as vocações e não arbitraria.

Convergente e não divergente.

Activa e não passiva.

Composta e não simples.

Integral e não parcial.

De desenvolvimento e não de constrangimento.

.....
Eis o que diz o eminente professor Claparède :
«*L'Ecole Ferrer, créée à Lausanne en 1900 mérite une mention spéciale pour les méthodes admirables (inspirées de Robin) qu'elle a eu le courage d'adopter, rompant ainsi avec la tradition.*

Malheureusement, les nouvelles tendances ne sont pas soutenues, ni même impartialement discutées par le journal pédagogique L'Éducateur, qui ne s'occupe guère des recherches psychologiques que pour les tourner en ridicule, tâche évidemment beaucoup plus facile que de les conduire soi-même à bonne fin.» (Psychologie de l'enfant.)

Logo depois do fuzilamento de Ferrer, em S. Paulo houve grande enthusiasmo pela sua obra e foi organizado o “Comité Pró Escola Moderna”. Grossoni — socialista italiano fundou uma escola no ba-

irro Agua Branca—(Capital de S. Paulo), hoje fechada tendo sido deportado o seu fundadôr.

Em 1912 o professor João Penteado fundou a *Escola Livre* hoje Escola Moderna nº 1, da qual é ainda o director. No Braz funciona a Escola Moderna nº. 2 sob a direcção do professor Adelino de Pinho. Diversas tentativas para a abertura e funcionamento de outras têm sido frustradas por falta talvez de recursos e de educadores competentes, de abnegação e coragem. Em Candido Rodrigues (povoação no interior do Estado) foi criada uma por Angelo Bandoni, dirigida depois por Elvio Nervi e outros; fechou-se. Em Baurú ha 3 annos, foi regida uma escola por José Jubert.

Tambem em Campinas houve outra sob a regencia do professor Adelino de Pinho.

Em S. Caetano (povoação), foi criada recentemente a 3ª Escola Moderna sob a direcção de José Alves.

O "Comité Pró Escola Moderna" não existe hoje e as escolas são mantidas por um grupo de bôa vontade naturalmente á custa de esforço maravilhoso de perseverança.

Não sei se em outros estados do Brasil ha movimento em favor do ensino racionalista delineado na obra de Ferrer.

.....

O assumpto é assaz complexo e palpitante. Para senti-lo é preciso um largo descortinio que falta á mulher á qual entregues estão os destinos da humanidade. Mãe e educadôra, esposa e irmã — o papel é sempre o mesmo, transcendental, grandioso. A escola vae sendo entregue completamente á mulher e estará ella aparelhada para tão nobre missão? Não — que a educação que recebemos é impotente para

fazer de nós—homens e mulheres—cidadãos uteis em intelligencias conscientes.

Os preconceitos, a tradição impedem-nos o largo ecletismo na ansia da perfeição esthetica.

Falta-nos tudo porque nos falta o ideal.

Demais, os programmas, as conferencias, as leis, os livros dizem tudo isso: de que vale se o nosso *eu* nada sentiu ainda? A reforma deve partir do berço, do lar, da escola, para ser profunda.

Mudanças de fórmias de governos, de partidos, de homens, de leis, nada adeantam se os costumes ficarem os mesmos, se os corações permanecerem vãos de ideais, se as consciencias se não afuzilam aos golpes fortes da educação racionalista, penetrante, tenaz.

Avante sonhadores !

Na vossa mão róla a humanidade de todos os tempos. A grande objectiva cinematographica levará para a historia das civilizações o vosso gesto de alarma a atravessar, num surto, o infinito das gerações.

Um mundo nôvo vae nascer dentro do nosso Planeta, uma nôva vida surgirá em cada ser, cada um de nós renascerá de si mesmo ao som do clarim phantastico dos ideais a brotar em consciencias esparsas.

Faz-se mistér o grande esforço das minorías, das almas nobres e clarividentes, daquelles que têm elementos. Se se não atiram á luta em pról das nobres causas correm o risco de sentir na consciencia o remorso a lhes apontar os quadros da miseria universal, do parasitismo e do autoritarismo, o triste quadro da orphandade e do crime, da fome e do luxo sensual, a terrivel miseria da prostituição no torpe mercado da carne humana !

Minhas patricias, somos fracas porque não temos consciencia da nossa grandeza.

Ergamos a alma num vôo ao infinito «numa perenne vibração esthetica» e a orbita do planeta sacudirá a humanidade na convulsão de nova trajectoria.

Avante, ó idealistas do meu País !

NOTA: — Já no prélo o meu livro e os jornaes e revistas a noticiar uma serie interminavel de conquistas femininas. E' uma escriptora a mais, uma heroína condecorada, é a candidatura da doutora Julieta Lanteri Renshaw a deputado na Argentina, é a “Liga pelos direitos da Mulher” com 11.000 adherentes, — feminismo argentino, obra da Dra. Elvira Rawson de Delepiane presidente da “Liga” e das senhoras Dra. Lopez de Nelson, Alicia Moreau, Francisca Jacques, Rosario Vera Peñaloza, etc, etc.

No Uruguay, Balthazar Brum advoga a causa da mulher eleitora municipal.

A Camara dos Communs em Londres iguala os direitos civis das mulheres e dos homens, projecto approvado por unanimidade enquanto o nosso Codigo civil reza: Todo homem é capaz de direitos e obrigações na ordem civil. São absolutamente incapazes—os menores, os loucos, os surdo-mudos etc. e nesse numero estão as mulheres !...

Enquanto isso a nossa bellissima instituição do jury vae absolvendo os assassinos de mulheres.

De tal forma se desmoralisa o tal jury que os nossos jornaes de maior tiragem reclamam diariamente contra os abusos e chicanas dos pseudo representantes da justiça.

E as mulheres brasileiras, por ora, estão em casa . . .

Na Italia foi confiado o encargo de commandante de um navio mercante á Senhorita Elisa Belluomini de Villareggio. «Mostrarei á equipagem que uma mulher pode ser tão corajosa como um homem, diz ella. «Espero que meu exemplo seja imitado. A necessidade de officiaes na marinha mercante é tão grande que o alistamento de uma mulher pode ser proveitoso».

O Japão conta 200 escolas superiores com 500 estudantes cada uma. A Universidade Feminina do Japão conta 1.100 estudantes.

No Pará foi criada a *Obra de Previdencia* ha 10 annos; seu principal intuito é, no momento actual, protecção ás moças pobres. Não sei se é de character religioso.

Temos no Brasil a “Liga pela Moralidade” a “União Catholica Feminina” e congeneres,—onde a mulher é elemento do cléro.

Tambem o Uruguay tem uma poderosa “Liga de Damas Catholicas” sob a direcção de congregações jesuitas. Poderosa porque o padre, conhecedor da força ou da energia feminina, alimenta as associações religiosas dando-lhe um prestigio extraordinario.

Só trabalha para angariar adeptos e amigos das suas doutrinas augmentando assim as suas propriedades, haveres, o seu prestigio capitalista e politico.

Os governos, delle necessitam e o cercam de valôr social, mantendo-lhe previlégios odiosos. Não ha padre onde não ha dinheiro.

Os crentes são os primeiros a gritar:—«De que ha de viver o padre?»— Ora essa! E os outros individuos, mesmo os religiosos, que não são sacerdotes, não encontram de que viver?

O padre foi sempre privilegiado e em todos os tempos (o Levitico o diz) recebeu presentes, dizimos, gado, terras, heranças.

(8. Gen. 28.22. Num. 13.21. II Chr. 31. etc. etc. 1. Jer. 33.13. Eze. 20.37. Miq. 7.4. etc, etc. Levitico, Cap. XXVII.)

Como são sustentados os bispados e arcebispos senão a custa de patriomonios, legados, etc ?

Não tenho a indelicadeza de desrespeitar o crêdo religioso das almas puras. O *sentimento religioso* no culto da perfeição e do amôr animam todos os meus trabalhos de cada instante. O extase contemplativo ante a maravilhosa concepção do Bello, do Justo, ante a Natureza esplendida, ante o Principio, a Causa, o Incognoscivel—é a minha oração quotidiana.

A preocupação metaphysica é o que se poderia chamar—o instincto espiritual: é innato no homem. E não é mais que a prece ardente da intelligencia subindo ao incognoscivel numa attitude mystico-religiosa. E quem nos dirá o que se passa na alma do cão ao uivar a sua nostalgia, a sua tortura metaphysica ante o quadro esplendido de uma noite de luar ?

Quem será capaz de descrever a emoção que alguns animaes experimentam com a musica ?

Já vi um cão em verdadeiros extasis—correr, uivar, chorar ao ouvir os accordes de um violino mavioso.

A tortura metaphysica parece que nos accorda no irracional . . .

E o homem, aperfeiçoando-se, subindo, gradativamente, ascende aos pàramos do sublime na ansia eterna de voar mais alto. O tormento metaphysico é uma necessidade physiologica do nosso espirito: nin-

guem, absolutamente ninguém, se furta a essa necessidade.

«Os metaphysicos são reputados dementes por alguns espiritos superiores ou inferiores talvez. Ora, demente seria, na verdade, aquelle que, acordando numa carruagem de caminho de ferro e não sabendo já donde partio nem para onde ia, contemplasse o seu compartimento, verificasse que ali estava, analysar-se-o, tomasse apontamentos, sem sequer se inquietar donde poderia ter partido nem para onde se encaminharia.»

Mas — no dia em que os sacerdotes não tiverem salario, nem heranças, quando os bispados não dispuzerem de legados, — nesse dia as religiões desaparecerão: os sacerdotes devotados, desinteressados e crentes constituirão um numero tão limitado que os templos se converterão em escolas e hospitaes e os sacramentos serão desnecessarios porquanto, nesse dia, só haverá uma religião — a religião da harmonia e da solidariedade.

As carpideiras não desapareceram?

Quando todos se convencerem da inutilidade das orações pagas — missas, baptisados, casamentos, exequias, etc. — os padres, não podendo viver de brisa, procurarão serviços fóra dos mistères religiósos.

Voltemos ás conquistas do feminismo.

Mlle. Louise Thuliez, muitas vezes prisioneira durante a guerra, condemnada á morte por duas vezes, pennas commutadas por trabalhos forçados, companheira de trabalhos de Miss Cavell, — recebeu agora, da França, a Cruz de Guerra e a Cruz da Legião de Honra.

Figuram entre as clausulas propostas pela Commissão de Legislação Internacional do Trabalho ap-

provadas pela Conferencia da Paz — a prohibição do trabalho das crianças e egualdade de salarios dos homens e das mulheres.

Em Portugal foi decretado que as mulheres possam occupar cargos de officiaes de Registro Civil e de conservadores do Registro Predial.

A segunda Camara do Parlamento hollandês adoptou, por grande maioria (Correio da Manhã-13-5-1919) o projecto de lei concedendo o direito de voto ás mulheres.

Mme. Curie é condecorada ainda uma vez, em razão das suas investigações scientificas.

Em Lorena (França) é fundada a “Liga das Semeadoras de Coragem”. Diz a sua fundadora: «Não pedimos senão a assignatura das adherentes; será ella por si só um laço de honra que as collegas se esforçarão por não desatar nunca mais. Os meios? O simples juramento. Quando se jurou fazer alguma cousa que nos pode deter? »

As associadas têm por objectivo:

1.º Combater o pessimismo sob qualquer forma em toda parte onde se offerecer oportunidade.

2.º Reanimar, na medida do possivel, por meio da energia, firmeza e exemplo — os corações cansados e abatidos.

3.º Trabalhar sem treguas por fazer das viúvas, das mães e das irmãs em luto — outros tantos apóstolos da cruzada.

E' diviza da Liga « *Não se deve chorar mas sim agir. A hora de fazer o bem é immediata.* »

A senhora Gertudes Hainzly é prefeita em Peubodan — Virginia Oriental.

Ha mais de vinte annos os Estados Unidos tra-

balham incessantemente na obra de protecção á criança no sentido de evitar a mortalidade infantil. Agora, mais que em qualquer tempo, o trabalho da Federação (quase exclusivamente entregue á mulher e por ella incrementado) é extraordinario e de resultados espantózos.

Ha serviços de *enquêtes* feitos pelas *visiting nurses*; em cada districto um escriptorio central onde são recebidas informações e distribuidas fichas para os mesmos serviços de informações; ha hospitaes infantís, assistencia de *trained nurses* de escolas. Cada cidade tem a organização essencial da *federação de obras da injancia* com escriptorios, fichas, serviço de assistencia, o *Children's bureau* ou escriptorio de hygiene infantil, etc. etc.

Em nome da mulher chinêsa, Mlle. E. Tcheng chega a París para o Congresso da Paz.

O "Correio da Manhã" (8-5) traz a noticia seguinte: « O Dr. José Gonçalves Barbosa, director da Central do Brazil, deante das consultas que têm sido feitas sobre a inscripção de senhoras no concurso de auxiliares de escripta, que se effectuará em 15 de junho proximo, resolveu autorizar a inscripção de todas as candidatas. O director da Central vae fazer uma consulta, a respeito, ao ministro da viação. »

.....

Ao falar das contemporaneas illustres—pensadoras e artistas omittí muitos nomes, entre elles o de minha distinctissima amiga Petrina Coutinho, cuja alma vibratil de artista faz transportar para a téla o excesso da sua espiritualidade delicada e palpitante. Não me arrependo: direi agora, duas palavras sobre a individualidade dessa querida patricia, modesta e sensível, simples como a propria simplicidade.

Petrina vive para sonhar a arte.

Seus dias correm num poema angelical.

E' indifferente á gloria ?

Não sei.

Parece-me que á sua arte e ao seu coração lhe bastam-o pincél, a téla e as inspirações da musica, da poesia, de tudo que fala ás almas nobres e sensiveis.

Petrina Coutinho é uma intuitiva. Produz muito e com grande facilidade.

Estudou com Alberto Delpino prolegomenos de desenho.

De pintura, modelo vivo, teve algumas lições com Henrique Bernardelli, durante dois meses.

Dedica-se a todos os generos. Entretanto é de notar-se a sua grande felicidade no retrato. Trabalha o genero mistico e o natural com o mesmo pendor.

.....
Admiraveis os seus trabalhos:

Pecegos (original)

Melancia partida (original)

Romãs e rosa (original)

Mangas (original)

Parasita amarela (original)

Parasita vermelha (original)

Flores de pecegueiro (original)

Fruteira com frutas (original)

Morro do Jacob (copia de A. Delpino)

Poentes de Barbacena (1 e 2, original)

Campinas da "Ponte-Nova", Barbacena (original)

As pombas (original)

Paisagem de S. João d'El Rey (copia, ampliação)

Paisagem-fantasia (original)

Perdigueiros (copia)

Tiradentes (ampliação de D. Vilarés)
Retrato de Leopoldo Gomes
Retrato de Celestina Klein
Retrato de Mauricio de Abreu
Retrato de Durval Nascimento
Cabeça da Virgem (ampliação de Guido Reni)
Virgem dos lyrios (original)
O Christo (ampliação)
A Poesia (miniatura em setim)
Camponesa (original)
Modelar, cabeça de mulher (original)
A brejeira, em preparo (original)

.....

Que o meu grito de fé seja uma saudação á campanha feminista de *Iracema* (Revista da Semana) — brilhante encarnação da mulher que sabe sentir, sonhar, pregar para convencer.

Que as minhas manifestações de entusiasmo sejam applausos á penna magnifica de Anna Rita Malheiros — a querida reivindicadôra dos nossos direitos — na Revista Feminina de S. Paulo.

Os meus votos de solidariedade à obra encetada em *Rio Femina* pela bondade excelsa de Mme Sel-da Potocka, pelo espirito pratico de Mlle. Bertha Lutz, pela clarividencia moral de ambas.

Que todos os nossos esforços sejam congregados para um mesmo fim: — a protecção consciente da mulher e da criança.

Censuram-nos ? — Que importa ?

Ridicularizam-nos ? — Não faz mal.

Criticam-nos — arrancando trechos incompletos das nossas paginas torcendo-os em raciocinios capciosos ? — Isso prova a fraqueza dos argumentos contrarios.

E' a arma covarde dos que não atacam pela frente.

Quanto a mim, — não escrevo por *snobismo*:
trabalho, bato-me pelo desinteresse pecuniario.

Não leio, — estudo.

Só desejo consciencia lúcida a compreender a
evolução social, contribuindo, de qualquer modo, para
a solidariedade entre os homens.

Nada sou e — que posso fazer ?

Que sei eu desse Universo immenso, da Terra
pequenina, de cada verme que é cada um de nós ?

Que importa a mim esse ou aquelle partido, es-
se ou aquelle programma contanto que nos encami-
nhemos todos para a chiméra da perfeição num sonho
de felicidade futura ?

O que convém é espalhar a fè, a esperança, o
vigôr para a cruzada emancipadôra.

Será melhor pregar sempre a luta, a guerra, a
destruição ?

E' mais proprio dos fórtes...

Nós ? Somos fracas — queremos paz, coopera-
ção, harmonía.

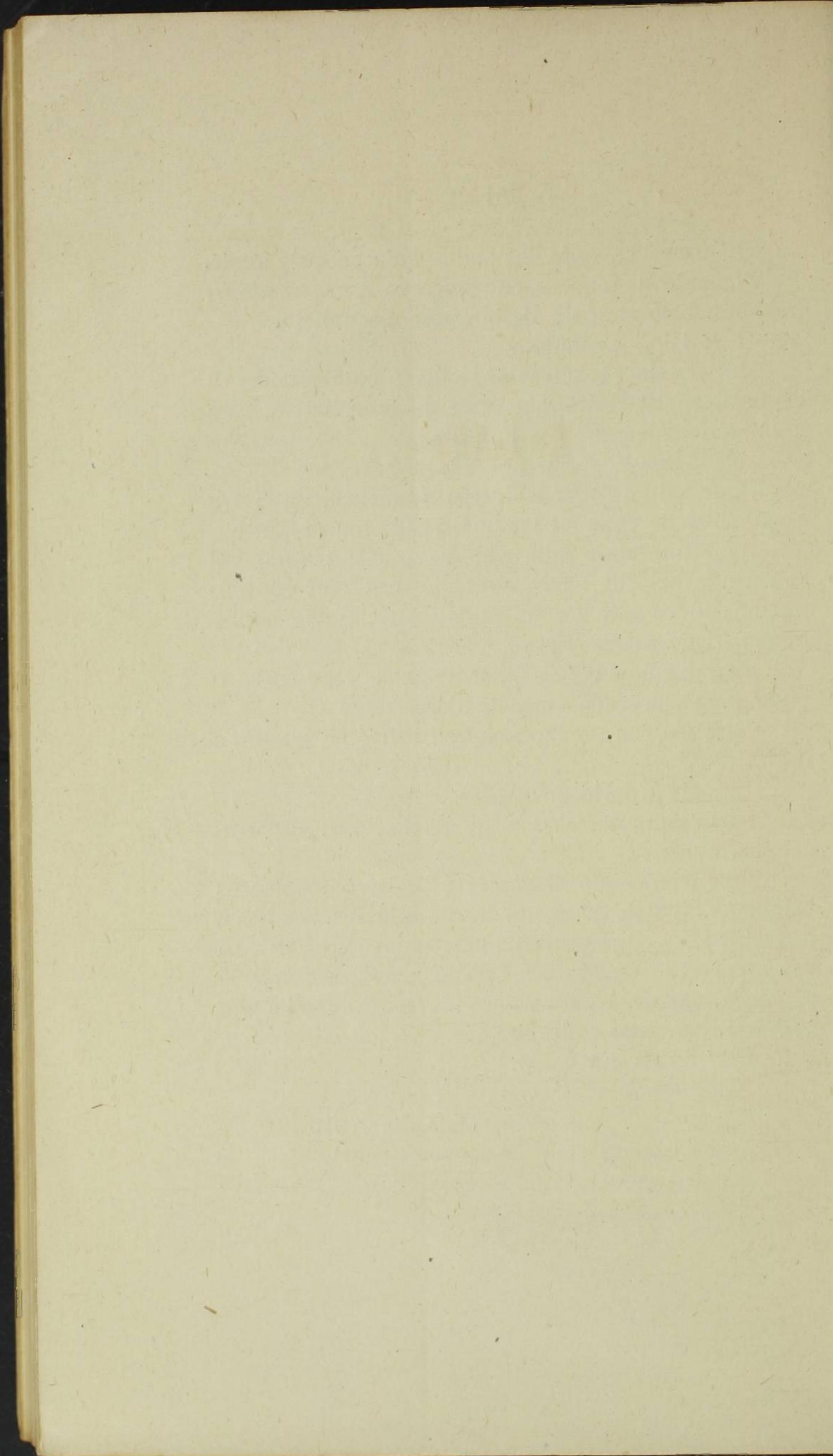
Que o prestigio alentadôr e decisivo dos nossos
estimulos mutuos, reforçado nos sacrificios, nas lutas,
nos ataques — faça nascer, nesse immenso País — a
“Confederação da Mulher Brasileira”, inquebrantavel
alavanca, fortaleza para a formidavel campanha em
pról do bem estar colectivo.

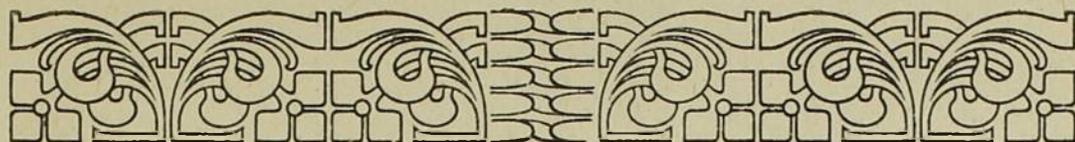
Post ténebras... lucem.

Vincit omnia veritas.

Maio de 1919







Indice

	PAGINAS
Prefacio.....	11
FEMINISMO.....	21
“As grosserias femininas» e as indelicadezas masculinas...	60
Primeiro movimento feminista no Brasil.....	64
Brasileiras celebres.....	66
O feminismo não desvia a mulher do lar.....	79
O SUFFRAGIO FEMININO.....	87
Razão do voto para a mulher.....	91
Ligeiro historico do voto feminino.....	92
O voto feminino em Portugal.....	98
O voto feminino no Brasil.....	101
Projecto Mauricio de Lacerda.....	102
A RELIGIÃO.....	115
Liga Fraternalista Internacional.....	125
O Primeiro Congresso de Religiões no Brasil.....	131
SOLIDARIEDADE.....	141
A infancia abandonada.....	141
Philanthropia.....	144
Maternidade.....	145
Legislação operaria: O trabalho das mulheres—projecto Mauricio de Lacerda.....	146
Policiamento de costumes.....	153
Hygiene.....	157

	PAGINAS
Guerra ao alcool, ao fumo, á morphina, á cocaína, a tudo que é vício, a tudo que degrada e avilta e mata.....	160
A hereditariedade.....	162
Guerra ao jogo.....	168
A criança e o cinematographo.....	174
SEDUCÇÕES.....	183
A causa da prostituição voluntaria é a miséria.....	188
Protecção masculina.....	194
Questões sociaes.....	201
A virtude feminina não é mérito porque é devêr.....	203
Sentimentalismos... ..	211
Suicídio.....	216
A EDUCAÇÃO NOVA.....	223
María Montessori.....	224
Melíndrosas e almofadinhas.....	228
O ensino das línguas.....	230
Le Bon e o socialismo.....	232
Ferrer e a escola racionalista.....	246
NOTA.....	253



Errata

PAGINAS	7, 52, 53	País e não Pais país países
«	15	voluntariosos e não voluntarios
«	16	Só a mulher libertada póde libertar o homem.
«	16	educação transmittida e não transmittidas
«	23	aonde e não onde
«	23	vestidos, joias,
«	25	empecilho
«	26, 161	animaesinhos pobresinhas
«	28, 28	perscruta Andradas
«	30	mais theorico que pratico
«	32	nunca estão em relação em vez de está
«	36	(numa posição brilhante em vez de (uma
«	35	ás quaes ninguem
«	33	e as trazem para as officinas
«	37	ensinando ás moças
«	41	causam-nos grande admiração
«	«	mais tarde extraordinaria influencia
«	«	do proprio Napoleão critica rude
«	44	asseado
«	43	e não é chamada para legislar
«	50	Maria Amalia
«	51	assegurar para sempre aquelle remanso feliz
«	53	mais tarde outra russa
«	«	assistir ás aulas
«	60	desafinada e não desafiada
«	61	em dias futuros; outros,
«	65	Roubam-se ao desenvolvimento
«	70	Deu grande exemplo de heroismo
«	76	uma penna admiravel faz
«	80	<i>bonbonnière</i>
«	82	Não ha que admirar

PAGINAS	89	(como no Brasil
«	«	os escriptores portuguezes clamar
«	111	não querem senão amar os filhos
«	115	«Do amor mutuo <i>e não</i> muito
«	120	«a existencia
«	»	parasitos
«	121	paganismo
«	135	Moloch
«	136	futuro
«	«	beneficos
«	141	forçados
«	143	carruagens e festas
«	145	consequencias
«	146	Transcrevo-o
«	155	vivem alguns mezês
«	171	páis
«	174	constitue verdadeiro deleite
«	175	Quaes serão as causas de tal irritabi- lidade nervosa ?
«	177	sob esse aspecto
«	180	ironias, calembur ou satyras;
«	192	desiguaes
«	206	multiplicar-se
«	207	é deshonnar-se na alma.
«	208	si procurou quem a sustentasse
«	223	<i>qui vaut un traité e não vant</i>
«	224	concepção
«	233	acaba sempre por se accomodar com elle <i>e não</i> para se
»	241	os operarios no Brasil <i>em vez de</i> os operarios; no Brasil,
«	250	1900 <i>e não</i> 1990
«	254	dando-lhes extraordinario prestigio
«	256	analysasse-o

Prodigalizar, ridicularizar, organizar, desprezar,
autorizar, realizar, divinizar, riquezas, cozinha, civi-
lização, etc., etc.

Criar, criança, criatura, etc.

26545

